



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS LITERÁRIOS

JULIANA YESKA TORRES MENDES

Autores Brasileiros no Jornal do Pará (1867-1878)

Belém
2017

JULIANA YESKA TORRES MENDES

Autores Brasileiros no Jornal do Pará (1867-1878)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em Letras sob a orientação da Prof^a Dra Germana Maria Araújo Sales.

Belém
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA

Mendes, Juliana Yeska Torres, 1991-

Autores Brasileiros no Jornal do Pará (1867-1878) / Juliana Yeska Torres Mendes ; orientadora, Germana Maria Araújo Sales. — 2017.

Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2017.

1. Literatura brasileira – História e crítica. 2. Jornais brasileiros - Pará. 3. Livros e leitura – Pará- Séc. XIX. I.Título.

CDD 22. ed. 869.909

JULIANA YESKA TORRES MENDES

Autores Brasileiros no Jornal do Pará (1867-1878)

Banca Examinadora

Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales - UFPA
Orientadora

Profa. Dra. Maria de Fátima do Nascimento - UFPA
Avaliador interno

Profa. Dra. Simone Cristina Mendonça de Souza - UNIFESSPA
Avaliador externo

Marlí Tereza Furtado – UFPA
(Suplente)

Data de aprovação: 16/02/2017

AGRADECIMENTOS

Durante os dois anos que preenchem o Curso de Mestrado experimentei diversas sensações no âmbito acadêmico e de pesquisa, desde a frustração de não encontrar a página de uma edição seguinte do jornal microfilmada ao gozo de encontrar informações sobre estes autores em lugares inimagináveis. Aos que compartilharam comigo estes momentos, gostaria de dizer algumas poucas palavras, na certeza de que elas são insuficientes para demonstrar o meu mais profundo sentimento de gratidão:

À minha família, meus pais Silvia Torres e Edson Mendes, pelo amor incondicional e apoio aos meus estudos. Aos meus irmãos Rogério Júnior e Ramon Torres, por nossa parceria de carinho e proteção, ao nosso elo de cuidado que sobrevive a qualquer desentendimento cotidiano. Sem vocês, que são a melhor parte de mim e tudo de mais precioso que Deus me deu, nenhuma página deste trabalho seria possível.

Ao meu grande amor, Greguenn Oliveira, com quem tenho compartilhado minhas vitórias desde a graduação. Pelo amor e cuidado que me dedica todos os dias, por nunca permitir que eu desacreditasse no êxito, e por incontáveis vezes se interessar pelo andamento de meus estudos, sempre me incentivando e me acolhendo em seu abraço após o cansaço.

Aos meus amigos do grupo de pesquisa GEHIL e da sala 08, Márcia Pinheiro, Sara Vasconcelos, Alinnie Oliveira, Jeniffer Yara, Adauto Bitencourt e Amanda Resque, por nossas risadas infinitas e medos compartilhados, por nossa ajuda mútua sem interesse, por nossas festas surpresas e pelo sentimento de sermos filhos de uma mesma mãe. A esta amizade que construímos em um ambiente de trabalho e estudo, que ultrapassa os muros da universidade, quero agradecer.

À professora Germana Sales, minha querida orientadora, que com suas palavras tão ternas e suas correções tão acertadas, sempre me direciona aos melhores caminhos da pesquisa. O trabalho se torna mais prazeroso quando podemos contar com o auxílio e incentivo de uma profissional tão inspiradora, competente, especial e singular.

Agradeço ainda às professoras Fátima Nascimento e Marlí Furtado, pelas considerações em meu exame de qualificação, sem o qual eu também não poderia ter chegado a este texto final.

Agradeço também aos meus amigos, Tereza Tayná, Daniele Santos, Sindy Ferreira e João Paulo, pela amizade desde a graduação, por nossas comemorações tão deliciosas a cada nova etapa vencida. Que ainda haja muitos motivos para comemarmos juntos.

À FAPESPA, pelo auxílio financeiro.

MENDES, Juliana Yeska Torres. Autores Brasileiros no **Jornal do Pará (1867-1878)**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Pará: Belém, 2017.

Resumo

A folha diária **Jornal do Pará**, periódico atuante em Belém, foi espaço de inúmeras publicações políticas, noticiosas e literárias, além de manter diálogo com periódicos de outras províncias do país, a fim de compartilhar narrativas ficcionais fatiadas, o famigerado modo de publicação literária do século XIX. Diante da gama de textos publicados no impresso paraense, e da condição favorável para os autores nacionais pleitearem a divulgação de suas produções, este trabalho tem por objetivo recuperar as obras de autoria brasileira que circularam no periódico enquanto esteve em exercício, dando ênfase ao percurso desses autores face à construção da História da Literatura, além de analisar a temática dessas narrativas, considerando o espaço histórico e cultural em que elas foram produzidas. Desse modo, pretendemos ressaltar a relevância da produção literária interna em periódicos no século XIX, visto que esta espécie de trabalho nos permite contribuir para o registro da História da Literatura Brasileira.

Palavras-chave: **Jornal do Pará**; autores brasileiros; temática.

MENDES, Juliana Yeska Torres. Autores Brasileiros no **Jornal do Pará (1867-1878)**.
Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras.
Universidade Federal do Pará: Belém, 2017.

Abstract

The daily sheet **Jornal do Pará**, a periodical active in Belém, there was space for numerous political, news and literary publications, in addition to maintaining dialogue with journals from other provinces of the country, with the purpose of sharing sliced fictional narratives — the famous way to publish prose fiction at the nineteenth century. Given the range of texts published in Pará's newspaper, and the favorable condition for national authors to disclose their productions, this work aims to recover the works of Brazilian authors that circulated in the journal while it was circulating, emphasizing the way these authors are represented in the Brazilian Literary History, in addition to analyze the theme of these narratives, considering the historical and cultural space in which they were produced. Thus, we intend to emphasize the importance of the literature inside the newspapers in the nineteenth century, as this kind of work allows us to contribute to the record of the history of Brazilian literature.

Keywords: **Journal of Pará**; Brazilian authors; theme.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01 – Capa do Jornal do Pará	16
Figura 02 – Anúncios.....	18
Figura 03 – Gêneros em porcentagem.....	20
Figura 04 – A Belém urbana do século XIX.....	21
Figura 05 – Ser Visto no Jornal das Famílias	34
Figura 06 – Publicação de O Rouxinol no Jornal do Pará	35
Figura 07 – Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas , edição de 1873.....	59
Figura 08 – Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas , edição de 2013.....	59
Figura 09 – Edição publicada por Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior.....	61
Figura 10 – Contracapa de Nebulosas	64
Figura 11 - Manuscrito de Confissão , 1889.....	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Autores e nacionalidades.....	26
Tabela 02 – Extrações de textos do Jornal das Famílias	31
Tabela 03 – Extrações de textos de outros periódicos	31
Tabela 04 - Publicações na Revista Popular	56
Tabela 05 - Publicações no Jornal das Famílias	57

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1 –Jornal do Pará: espaços literários entre atos e assembleias	14
1.1 O contribuinte periódico da Imprensa Paraense.....	16
1.2 Predominantes Brasileiros.....	23
1.3 Consonâncias e reproduções de textos entre periódicos.....	29
Capítulo 2 – Registros nas Histórias Literárias Nacionais	39
2.1 Autores Brasileiros e os caminhos literários.....	39
2.2 Figuras em relevo.....	44
2.3 Apreciáveis e olvidados.....	51
Capítulo 3 – Narrativas de autoria brasileira no periódico paroara: relações temáticas	68
3.1 Narrativas brasileiras no conservador periódico paroara.....	70
3.2 Memórias de um Sargento de Milícias.....	71
3.3 Uma visão.....	76
3.4 A filha de Jephthé.....	78
3.5 A morte de Sanção.....	82
3.6 Contos Macahenses – O anjo da solidão.....	85
3.7 Muitos anos depois.....	90
3.8 Nelumbia	93
3.9 O Tesouro	96
Considerações finais.....	100
Referencias.....	103
Anexos.....	108

Introdução

O desenvolvimento da imprensa brasileira no século XIX foi fundamental para o movimento literário, histórico e cultural do país. A circulação de impressos está entre os acontecimentos mais marcantes de uma região onde, até a chegada da Família Real, em 1808, não havia direito de impressão. Convém destacar que até o surgimento da Imprensa Régia, e conseqüentemente de impressos no Brasil, as condições de publicação para escritores brasileiros não era muito vantajosa. Uma das principais contribuições com a implementação do órgão no país foi a oportunidade de aumento da produção literária interna, que com o advento do folhetim nos periódicos que circulavam agora na Corte, teve o acesso ao público ampliado, além de alcançar camadas da sociedade que raramente tinham acesso à leitura, e em outras circunstâncias, proporcionar uma nova fonte de conhecimento da atividade literária que não a leitura de livros. E isto era, sem dúvida, colocar os escritores brasileiros em evidência, uma vez que quanto maior o público leitor que determinado autor conquistasse, maior seria a possibilidade de entrar para a galeria dos memoráveis.

O jornal foi também uma espécie de laboratório onde se propagou a crítica que aplaudia ou desqualificava determinadas produções artísticas, entre elas os textos de ficção literária. A recepção crítica literária, no entanto, é somente um dos elementos que podem impulsionar o prestígio necessário para a admissão de um autor na História da Literatura Brasileira, sendo o público, o elemento principal. Para tanto, valia ressaltar a importância do conjunto intelectual do autor, bem como sua condição social, posição política e influência junto à sociedade. Ademais, a luta pelo reconhecimento do ofício de escritor foi laboriosa, e a fundação da Academia Brasileira de Letras, que ocorre no final do século XIX é um símbolo importante de êxito no caminho trilhado.

A imprensa consolida-se como uma grande empresa que visa o lucro, e a produção do novo modo de publicação oriundo da França se torna a fórmula do sucesso no campo do entretenimento, “O casamento entre imprensa e escritores era perfeito. Os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos” (PENA, 2008, p. 32). Desse modo, os autores veem na imprensa, o espaço oportuno e favorável para divulgarem seus textos e lograrem notabilidade.

O romance-folhetim de autoria brasileira inaugurou com **Olaia e Julio ou A Periquita**, publicado em 1830, no periódico **O Beija-Flor** (O Beija Flor, p. 108-184), de autoria desconhecida. Posteriormente, o folhetim no Brasil teve autores como José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia e Coelho Neto. A

estes escritores de grande renome, juntam-se outros nem tão conhecidos atualmente, mas que compartilharam da glória e do sucesso do gênero “ao-rés-do-chão”. Do Rio de Janeiro, o romance-folhetim brasileiro espalhou-se para outras províncias do Brasil, e deste modo, a Província do Grão-Pará não ficou à margem das novidades de seu tempo.

O **Jornal do Pará**, de grande repercussão e importância na imprensa paraense, circulou em Belém na segunda metade do século XIX e contou com uma significativa presença de escritores nacionais. Objetivamos, então, recuperar as obras de autoria brasileira presentes nesse periódico. Para tanto, foi necessário, primeiro, ter acesso às narrativas veiculadas no periódico¹, identificar a nacionalidade de cada autor, e em prosseguimento, reservar os brasileiros dos estrangeiros. No primeiro contato com o material², ponderamos que, em comparação com produções e traduções estrangeiras, encontraríamos uma sucinta publicação nacional. Porém, para nosso deleite, a publicação de narrativas brasileiras superou a estrangeira, dentro da esfera de autores identificados. Outro ponto a ressaltar no **Jornal do Pará** é o diálogo que manteve com outros periódicos a partir da republicação de textos. Boa parcela das narrativas brasileiras encontradas no periódico paraense integra esse círculo de textos extraído de outros impressos do país. Com o intento de verificar uma possível relação entre essas publicações, elencamos cada um dos periódicos com os quais o **Jornal do Pará** partilhou textos, seus objetivos de veiculação e ideais políticos.

De posse dos dados já identificados e reservados, na fase seguinte avaliamos a ocorrência desses autores nas Histórias Literárias Nacionais. Essa etapa foi de muita relevância, pois, no cerne da avaliação, verificamos que a maioria ocupa espaços discretos em algumas histórias literárias, o que consolida ainda mais a necessidade de pesquisas sobre escritores brasileiros que hoje não gozam de nossa notabilidade. Por último, além de considerar o espaço histórico e cultural em que essas narrativas foram produzidas, buscamos também analisar a temática entre elas. Diante do exposto, pretendemos responder a seguinte questão: Quais as obras de autoria brasileira circularam no **Jornal do Pará**, o contexto histórico e cultural em que elas foram produzidas e a sua contribuição perante a construção da História da Literatura?

O desejo de responder a estas questões nasceu no projeto **Memórias em periódicos: a constituição de um acervo literário**, coordenado pela Prof^ª. Dra. Germana Sales, na

¹Trabalho já executado por Patrícia Carvalho Martins enquanto participou do projeto “Lendo o Pará: publicação do romance-folhetim nos jornais de Belém do Pará na segunda metade do século XIX (1850 – 1890)”, com duração de três anos, de 2006 a 2009, sob orientação da Prof^ª Dra. Germana Sales.

² Disponível no setor de microfilmagem da Biblioteca Arthur Viana. As edições da folha diária paraense que tivemos acesso compreendem os anos de 1867 e 1878.

Universidade Federal do Pará. Esse projeto, que vigora desde o ano de 2012, tem como objetivo reunir jornais diários publicados no Rio de Janeiro e em Belém do Pará e, desta forma, compreender a perspectiva em que os textos literários foram produzidos, além de contribuir para a compreensão da história literária nacional, a partir de um contexto local.

Durante a iniciação científica³, resgatamos a publicação de gêneros literários em prosa que conquistaram espaço nos periódicos paraenses no século XIX, além de avaliar a crítica literária que recebiam, porém, sem evidenciar a autoria desses textos. No TCC selecionamos uma narrativa⁴ de autoria brasileira para a análise literária e nos deparamos com o conservadorismo inerente do jornal perpassando para a ficção. Diante disso, nosso interesse voltou-se para a presença de autores nacionais no periódico e a condição histórica e social em que seus textos foram publicados.

Pretendemos, com este trabalho, colaborar com os estudos acerca da autoria brasileira nos periódicos paraenses, uma vez que ainda são poucas as considerações feitas a este tema, e assim também auxiliar para uma compreensão mais ampla da literatura registrada no século XIX.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado de **Jornal do Pará: espaços literários entre atos e assembleias**, buscamos apresentar, brevemente, a história da imprensa paraense e como o **Jornal do Pará** contribuiu para a consolidação e edificação da histórica política e literária do país. O jornal visto como fonte primária de documentação e celeiro de prosa ficcional, além dos diálogos políticos estabelecidos a fim de atualização do principal atrativo no momento: narrativas seriadas no rodapé e colunas do impresso.

No segundo, intitulado de **Registros nas Histórias Literárias Nacionais**, descrevemos quem são estes escritores brasileiros e o caminho traçado por eles no campo literário, suas atuações em outras áreas e outros periódicos, bem como a ocorrência nas histórias literárias.

Por último, no terceiro capítulo, intitulado de **Narrativas de autoria brasileira no periódico paraense: relações temáticas**, selecionamos algumas narrativas de mesma categoria temática para análise com o intuito de abordar como o contexto social-histórico e político influenciou no teor dessas publicações nacionais no impresso paraense.

³Bolsista de IC e AT com os planos “Romances-folhetins na Belém do século XIX” e “A reconstituição de um passado literário por meio das páginas de periódicos oitocentistas”, respectivamente.

⁴No TCC trabalhamos com o conto “Muitos anos depois”, de Machado de Assis.

Reconhecer que o estudo da circulação de escrita ficcional brasileira nos periódicos permite compreender o processo literário desde a produção à recepção da prosa no país, é trazer à luz estudos que ganham cada vez mais importância, não só pelo papel de identificar a formação literária da nação, mas também por auxiliar nas demais pesquisas de fontes primárias no Pará e no Brasil.

Capítulo 1

Jornal do Pará: espaços literários entre atos e assembleias.

A ampla quantidade de jornais que circulou em Belém na segunda metade do século XIX - precisamente duzentos e cinquenta (250), entre periódicos, notícias e outras publicações, segundo Carlos Rocque (2001, p. 63) - atesta que a imprensa da Província Grão-Pará era significativa e atuante, apesar da distância geográfica da capital do Império.

Para bem compreendermos o desenvolvimento da imprensa periódica no Pará, é necessário considerarmos também a situação política da época. Os primeiros passos da imprensa no Pará foram dados por Felipe Alberto Patroni e seu grupo de intelectuais, formados por Domingos Simões da Cunha, José Batista da Silva, Daniel Garção Melo e Maciel Parente, em 1821, quando trouxeram de Lisboa para a Província do Grão-Pará, a primeira tipografia. Em 1º de Abril de 1822 inaugurava o primeiro periódico de Belém e o quinto do Brasil: **O Paraense**. O jornal de Patroni circulou entre 22 de maio de 1822 a 19 de outubro do mesmo ano. A linha editorial de **O Paraense** carregava a marcação pela luta a favor da liberdade de imprensa e Independência do Brasil, sendo este último ideal fortemente veiculado, principalmente quando o Conego Baptista Campos assumiu a direção do jornal. Felipe tinha a vontade de se tornar governante do Pará e o jornal foi o meio ideal para difundir suas concepções. Repetidamente, as páginas de **O Paraense** apresentavam discussões políticas a fim de provocar a reflexão sobre perspectivas liberais e assim conquistar novos adeptos.

Em agosto de 1822, Felipe Patroni deixa a direção do jornal. O motivo deveu-se ao discurso que proferiu ainda em Portugal, em novembro de 1821, na presença do rei D. João VI. Ao evocar os interesses do Pará, Felipe censurou duramente a administração portuguesa ultramarina, pôs luz à incompetência dos Ministros de Estado e demonstrou crença na possibilidade de uma independência brasileira diante dos caminhos trilhados pela política administrativa lusitana para o Brasil.

Com o encerramento de **O Paraense** em sua 70ª edição, a tipografia passou a imprimir outros periódicos posteriormente, como **O Luso Brasileiro** e **O Independente**. Ainda em 1820, um ano antes da inauguração e circulação de **O Paraense**, João Francisco Madureira⁵ fundou, o que seria de fato, a primeira tipografia do Pará. Madureira, influenciado pela

⁵ Francisco Madureira nasceu na Província do Pará em 12 de outubro de 1797 e faleceu em 1834. Exerceu o cargo de amanuense da contadoria junta da fazenda e foi um homem empreendedor. (BLAKE, 1899, p.435-436)

Revolução do Porto⁶, construiu um prelo artesanal e passou a imprimir pequenos avulsos e papéis políticos, gratuitamente. O folheto **O Despotismo Desmascarado ou a Verdade Denotada** foi impresso nesta tipografia que teve pouca durabilidade.

A história da imprensa foi acentuada em todo território brasileiro e o surgimento esteve relacionado muitas vezes a transformações políticas. Um dos movimentos proeminente neste período foi a Cabanagem, um dos mais significativos capítulos da história da Província do Grão-Pará. O regime revolucionário requerido pelos cabanos ao governo da província instaurou um período de lutas e disputas que se estendeu entre os anos de 1835 a 1840. Os cabanos, compostos por índios, mulatos, mestiços, negros, escravos e branco sem posses, pugnavam em busca de mudanças nas arcaicas estruturas e condições de vida da população que alocava a parte periférica da cidade. Entretanto, a cabanagem fracassou antes da vitória, com a morte de seu líder Batista Campos.

Durante o período da Cabanagem poucos periódicos circularam - dois apenas - e em períodos efêmeros: **Paquetes do Governo** e **Publicador Oficial Paraense**. Antes da Cabanagem, em julho de 1834, circulou no Pará o **Correio Oficial Paraense**, dirigido por Gaspar Siqueira Queiroz e impresso em uma tipografia de Belém. Tinha como objetivo divulgar publicações do governo, porém, seu período de permanência foi curto – aproximadamente seis meses -, pois logo a Província do Grão-Pará foi tomada pelos cabanos, encerrando suas publicações em 07 de janeiro de 1835. De fato, a imprensa paraense se estabeleceu somente após a revolta dos cabanos. Passado o histórico acontecimento, a imprensa voltou à luz pelas folhas do **Folha Comercial do Pará** (1837 – 1840). **Honório José dos Santos**, homem notável na imprensa paraense, foi o seu redator. Honório veio a Belém em 1819, após deixar sua cidade natal, Rio de Janeiro. Foi componente da revolta nacionalista de 1823 e por esse motivo, preso e enviado a Lisboa em julho do mesmo ano. Retornou à capital paraense em outubro de 1823. O **Folha Comercial do Pará** encerrou suas atividades em 1840 para dar lugar ao primeiro jornal de longa existência no período imperial, o **Treze de Maio**⁷ (1840 - 1861). Honório morreu em 23 de janeiro de 1857, deixando seu periódico a cargo de seus dois filhos, que o mantiveram por mais cinco anos.

⁶ Movimento de cunho liberal que ocorreu em 1820, em Lisboa.

⁷ O nome do jornal faz referência à data em que os cabanos foram obrigados a retirar-se da cidade de Belém pelo General Soares de Andrea e sua tropa.

1.1 – O contribuinte periódico da imprensa paraense

O **Jornal do Pará** (1862 – 1878) substituiu o jornal **Treze de Maio** e teve como redator principal Cipriano José dos Santos, o herdeiro de Honório.

Figura 01 – Capa do **Jornal do Pará**

Fonte: Hemeroteca Digital



A tipografia responsável pela impressão do **Jornal do Pará** era a **Santos & Irmãos**, de propriedade de José Honório dos Santos. Anterior a este período, a tipografia se chamava **Santos & Menor**, e num segundo momento **Santos & Filhos**, para então culminar em **Santos & Irmãos**. A tipografia tinha por endereço inicial a Rua da Alfama, nº 15, que hoje responde pelo nome de “Rua Rodrigues dos Santos”. Posteriormente passou a existir na “Rua São João”, hoje conhecida como “Rua João Diogo”.

A família expandiu seus negócios de impressão e criou a **Casa dos Santos**, que encomendava e vendia livros diversos. Patrícia Martins (2011, p. 110) chamou atenção para a evolução e modernização da impressão da tipografia de Honório dos Santos, considerando a impressão do **Jornal Treze de Maio** e o **Jornal do Pará**. De fato, a tipografia da família Santos foi um marco na imprensa paraense e imprimiu periódicos de grande repercussão e circulação na província.

Inaugurado em 04 de novembro de 1862, o **Jornal do Pará** encerrou seu exercício em 10 de novembro de 1878. Circulou diariamente, com exceção às segundas-feiras, dias santificados e imediatos a santificados e festa nacional. O periódico, que no dia 13 de novembro de 1866 tornou-se órgão oficial do governo, exibia em suas páginas perspectivas antiliberais, denotando um forte caráter político, fator significativo que esclarece as frequentes publicações de notas oficiais, reuniões de assembleias e atos.

Ao inspector da theusoraria de fazenda – Tendo o exm. Dr. Joaquiem José d’Assis de seguir proximamente para a Côrte do Imperio, afim de tomar assento na câmara temporária, haja v.s. de lhe mandar entregar sob minha responsabilidade a ajuda de custo de viagem que lhe compete como deputado á assembléa general legislativa pela província de Mato-Grosso. Comunicou-se ao exm. Dr. Joaquim José d’Assis. (**Jornal do Pará**: 07/04/1868, p. 01).

Mas não só de informes oficiais eram compostas as páginas do periódico paraense que era ninho de múltiplos assuntos e temas, uma vez que visava conquistar a fidelidade do disputado público que consumia os periódicos de forma assídua. Quanto ao aspecto estético do jornal, este sofreu alterações no decorrer de sua existência, no que tange às suas colunas noticiosas e literárias.

A partir do dia 1º de março de 1867, o periódico passou a ter cinco colunas ao invés de quatro, mantendo as mesmas quatro páginas. Anterior a este período, as colunas: “Gazetilha”, “Parte Official”, “A pedido”, “Commercio”, “Exterior”, “Interior”, “Editaes”, “Comunicado”, “Litteratura”, “Variedade”, “Miscelânea” e “Folhetim” ilustravam as quatro páginas do jornal. Na página principal encontram-se informações sobre o dia, mês, ano, número e edição, além de notícias políticas. As colunas, “Parte Official”, “Folhetim”, “Variedade”, “Miscelânea” e “Litteratura” também podiam ser encontradas na primeira página do jornal. As quatro últimas eram responsáveis por abrigar as prosas de ficção e são consideradas as seções literárias do **Jornal do Pará**, sendo “Variedade” a que teve maior número de registro de prosa de ficção.

O conteúdo do jornal era disposto em quatro páginas, sendo a última dedicada, exclusivamente, aos anunciantes. Tantos eram que competiam em fontes de diferentes formas

e tamanhos, outros eram mais discretos, ocupando colunas periféricas. O fato é que podíamos encontrar todo tipo de anúncios no jornal paroara. Desde serviços até recompensas por escravos fugidos. Alguns anunciantes pagavam para seus anúncios ocuparem várias edições seguidas do jornal. Este amplo espaço destinado à divulgação de publicidade se tratava de mais uma estratégia comercial dos editores para a obtenção de lucro.

Figura 02 – Anúncios

AVISOS DIVERSOS

BANCO MAUA & C.
Este Banco sacca sobre as praças seguintes.

Londres, Paris, Hamburgo, Barcelona, Cadiz, Madrid, Tuy, Vigo e sobre todas as cidades e villas de Portugal e illas do Fayal, S. Miguel e Madeira.

Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, S. Paulo, Campinas, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Pelotas, Montevideo e Buenos Ayres.

Recebe dinheiro a premio em conta corrente e por letras.

Desconta titulos commerciaes e dá dinheiro a juros sobre titulos da dívida publica geral e provincial e sobre accções de Companhias acreditadas.

ATTENÇÃO.

Convida-se aos oredores á massa fallida de Rocha & Vianna, a apresentarem, no prazo de oito dias, a nota de seus creditos, para serem conferidos, no armazem dos administradores Antunes & Corrêas. Pará 13 de agosto de 1874.

Os administradores,
Antunes & Corrêas.
Coutinho Corrêa & C.

Rua dos Mercadores sobrado n. 30 canto da travessa de S. Matheus.

Telhas e Tijolos.
Vende-se na olaria sita á rua do Espirito Santo, antigo soque de arroz.

ROUXINOL.
Na manhã do dia 14 de agosto fugio da casa de Santos & Irmãos, um rouxinol, quem o entregar a seu dono na mesma casa á rua de S. João canto da rua Longa, será gratificado.

ESCRAVO FUGIDO.

No dia 18 de julho proximo findo fugio do engenho Jaguarary o escravo crioulo fôla de nome Mathias, tem os signaes seguintes: idade 20 annos, estatura regular, gordo, sem barba, tem um signal na testa muito vezivel proveniente de um couce de cavallo, pouco falante e gago, olhar serio, veste-se de riscado azul, é natural de Maranhão de onde veio em companhia de seu senhor dr. Torquato Teixeira Mendes.

Quem o capturar queira entregar a seu snr. no engenho Jaguarary, ou nesta cidade ao snr. Mesquita; protesta-se contra q.™ lhe der conto.

Fonte: Hemeroteca Digital

Na Belém do século XIX o avanço da tecnologia em impressão foi o que impulsionou o desenvolvimento da leitura, além do acolhimento das narrativas seriadas pelo público local. A cidade pôde se firmar como uma das que recebeu a circulação de textos literários em diversos periódicos e em momentos distintos. As narrativas folhetinescas na região apareceram na década de 40, com o jornal **Treze de Maio**:

Os espaços destinados para publicações de narrativas em série apareceram desde a década de 1840, como exemplo o periódico Treze de Maio, considerado o primeiro jornal a publicar prosa de ficção seriada em Belém do Pará, com a impressão de “O Velho Mendigo” na coluna Folhetim. (MARTINS, 2011, p. 25)

Outros periódicos também abrigaram narrativas e dedicaram espaços em suas páginas por longos períodos de publicação, o **Diário de Belém**, **A Gazeta Oficial**, **A Província do**

Pará, A republica, O Liberal do Pará, A Folha do Norte, foram alguns dos quais expuseram as prosas de ficção e outros gêneros literários como crônicas, poemas, anedotas, etc.

Gazeta Oficial, Jornal do Pará, Diário de Belém, Liberal do Pará e A Folha do Norte. Nesses periódicos circularam, diariamente, textos literários de vários gêneros: “romance-folhetim”, “romance”, “romance de cavalaria”, “novela”, “conto”, “crônica”, “crônica religiosa”, “crônica política”, “crônica humorística”, “crônica de viagem”, “poesia”, “farsa”, “lenda” e “texto reflexivo”. Os assuntos também eram diversificados: amor, peripécias, desilusões amorosas, dramas familiares. As colunas de Variedades, Miscellanea, Litteratura ou Folhetim apresentavam uma diversidade das práticas de escrita que romperam com os gêneros cristalizados da poética clássica. (SALES, 2007, p. 44)

O público leitor paraense contava tanto com romances nacionais como estrangeiros. No **Liberal do Pará**, por exemplo, autores como Alphonse de Lamartine, Alexandre Dumas, Ponson du Terrail e Xavier de Montépin tiveram seus textos publicados⁸. N´**A Província do Pará**, outros como Alexandre Herculano, Eça de Queiroz, Alexis Bouvier⁹.

No **Jornal do Pará** as nacionalidades também foram distintas, o jornal recebeu textos de Ramalho Ortigão, Jacques Rousseau, Machado de Assis e Manuel Antonio de Almeida, para citar alguns. Em suas diversas colunas literárias, abrigou oitenta e cinco (85) narrativas, de diferentes subgêneros¹⁰.

⁸ Dados catalogados por Edimara Ferreira Santos. Em sua dissertação, Edimara trabalhou com a circulação e análise dos romances-folhetins de autores franceses no jornal paraense intitulado O Liberal do Pará, no período de 1871 a 1880 do século XIX. Cf. SANTOS, Edimara Ferreira. **Dumas, Montépin e du Terrail: a circulação dos romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880**. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2011.

⁹ Dados catalogados por Sara Vasconcelos durante pesquisas de Iniciação Científica descritas no seu relatório técnico-científico. Cf. FERREIRA, Sara Vasconcelos. **A leviana: história de um coração e outras histórias n´A Província do Pará**. Belém. 2012. 28 p. Relatório Técnico Científico.

¹⁰ Aristóteles e Platão propuseram, na Antiguidade, que conceito de gênero devia fazer referência a três tipos de texto: o gênero dramático, a representação da palavra, textos representados cenicamente; gênero épico, que seria a narração de fatos grandiosos; e o gênero lírico, que seriam textos de caráter emocional tendo como cerne a subjetividade de quem escreve. Cf. ARISTÓTELES. **A arte poética**. Trad. Pietro Nassetti, São Paulo, Editora. Martin Claret, 2004. Dessa forma, os textos que derivam dessa proposta central, ramificações menores, seriam então os subgêneros.

Figura 03 – Subgêneros em porcentagem

Contos.	55%
Crônicas.	35 %
Romances.	6 %
Lendas.	6%
Novelas.	1 %

Um total de sessenta e seis (66) contos foi publicado no jornal, e na ordem segue: onze (11) crônicas, quatro (04) romances - destes sendo um (01) apenas um romance-folhetim, “Memória de Sargento de Milícias”, de Manuel Antônio de Almeida -, duas (02) lendas e duas (02) novelas. O longo período de circulação do jornal permitiu grande parcela de textos literários, de modo que a veiculação de prosa ficcional não cessou dentre estes anos de circulação, não havendo grandes intervalos entre a publicação de uma narrativa e outras. A primeira narrativa a ser veiculada foi “Helena”¹¹, de autoria desconhecida. O registro é de 29 de maio do ano de 1867, na coluna “Litteratura”. Já a última registrada foi “Uma Lição Mestra”, assinado por G.R, em 29 de setembro de 1878 na coluna “Variedade”.

A crítica literária também se fez presente no periódico paroara. Textos de opiniões sobre livros, romances, peças de teatro e até mesmo sobre o futuro da literatura ocuparam algumas colunas do jornal. Na edição de sábado, 16 de fevereiro de 1867, H. V. Fiock Romano, questionou a capacidade da nova geração de escritores da literatura:

Nas letras o arranjo é muito menor. A imaginação parece esmorecida, e a nova geração não oferece por ora sucessores aos grandes vultos das epochas de inspiração e de fecundidade, que o reinado da restauração inaugurou e que o segundo império como que encerrou defiativamente Chateaubriand, Gothe, Schiller e Byron não deixarão herdeiros. Victor Hugo, Alfredo de Vigny, Alfredo de Musset, não tem por ora continuadores, Mery, Balzac, Eugenio Sue e Frederico Souliè não acharão quem os substituísse na pintura dos costumes das paixões e dos caracteres. Nos estudos históricos, Thierry, Villenain, Coussin, Guizot, Thiers, Barante e Macauly levantarão monumentos, que por ora ninguém tem sido capaz de imitar. (Jornal do Pará, 16/02/1867, p. 1)

¹¹A prosa de ficção narra a história da jovem Helena. A moça casada vivia feliz até o aparecimento de um homem que afirma manter encontros amorosos com ela, que nega. No decorrer da trama é revelado que na verdade é a irmã gêmea de Helena quem se encontra com o amante. Com intuito de vingança, a gêmea toma o lugar de Helena por dez anos. Nesse meio tempo Helena vive como mendiga nas ruas e morre antes que o marido descubra a farsa da irmã gêmea, que é presa e comete assassinato na prisão.

Muito se podia encontrar nas páginas do periódico paraense, o jornal acompanhava as mudanças no campo literário, político e também cultural da cidade de Belém. Sabe-se que em meados do século XIX a capital paraense passou por intensas transformações oriundas de todo o processo que adiantava a instalação da república e o período áureo da Belle Époque.

Figura 04 – A Belém urbana do século XIX



Fonte: Álbum Estado do Pará: oito anos de governo.

Tais modificações refletiam no comportamento, pensamentos, cenário e urbanização da cidade. A *Belle Époque*¹² deixou uma marca notável até os dias atuais nas construções da cidade.

Na segunda metade do século XIX, momento áureo do ciclo da borracha, a província do Grão-Pará passou por grandes transformações culturais. A exploração e a exportação desse produto adquiriu grande significado econômico, o que beneficiou a capital Belém do progresso, intensificando sua urbanização e desenvolvimento, quando foram inauguradas importantes instituições responsáveis pelo desenvolvimento intelectual e cultural da região. O Museu Emílio Goeldi (1866), a instituição de pesquisa mais antiga da Amazônia; o Grémio Literário Português (1867), o Teatro da Paz (1878) e a Biblioteca pública Arthur Vianna (1899) são alguns dos elementos de transformação cultural da região. (SALES, 2007, p. 46)

¹²Período de grandes transformações estruturais, econômicas, políticas, sociais e culturais, em que o Pará arrecadou bastante com a produção do látex gerado pelas árvores seringueiras exploradas na Amazônia.

A construção do Theatro da Paz, concluída em 15 de fevereiro de 1878, é um marco do período de grande crescimento econômico na região amazônica. Neste momento Belém era considerada “A Capital da Borracha”, entretanto, a cidade ainda não possuía um teatro de grande imponência, capaz de receber grandes espetáculos e público. Buscando atender a esta necessidade, o governo da província contrata o engenheiro militar José Tiburcio de Magalhães que dá início ao projeto arquitetônico inspirado no Teatro Scalla de Milão (Itália). O **Jornal do Pará** registrou o processo inicial de inspeção da verba que seria usada para a construção do monumento, ainda em abril de 1871: “Ao inspector do tesouro provincial – Devolvendo o incluso requerimento do arremate da obra do theatro de N. Sra. Da Paz [...]” (Jornal do Pará, 16/04/1871). Já em 21 de fevereiro de 1878, a notícia sobre a liberação definitiva de funcionamento do teatro, “[...] estão as obras todas segundo as prescrições do convenio, e, portanto, está o theatro de N. S. da Paz nas condições de ser aceito definitivamente” (Jornal do Pará, 21/04/1871). Os prósperos anos da borracha introduziram ainda mais modismos europeus na arquitetura e nos hábitos da população belenense, principalmente franceses. Leandro Tocantins escreve sobre o aspecto estético e comportamental de Belém no século XIX:

O Centro era o bairro da Cidade Velha. As ruas tinham nomes poéticos, herdados do período Colonial. [...] A praça da republica, chamada de Largo da Pólvora, era um grande descampo, onde se sobressaía apenas o Teatro da Paz, ainda em construção. [...] As senhoritas, nos soirés, eram chamadas de mademoiselles. Na intima das mucamas, atendiam por sinhazinhas. E falar francês, tocar piano, ser devota de Santo Antonio, constituíam-se os principais predicados daquelas mocinhas casaidoiras [...]. (TOCANTINS, 1976, p. 64)

É possível verificar o registro do dia a dia de uma Belém provinciana nas páginas dos jornais e o **Jornal do Pará**, o periódico que buscou acompanhar as modificações em todos os campos da capital paraense, político, literário, cultural. Em suas colunas literárias observou-se a publicação de textos pouco conhecidos até então. Suas colunas noticiosas trouxeram artigos de interesse público e sua crítica, permeou diversos eixos do objeto analisado. Mesmo mantendo a linha conservadora, não deixou de publicar textos de cunhos variados.

1.2 - Predominantes Brasileiros

Como bem vimos nos parágrafos anteriores, a prosa de ficção no **Jornal do Pará** foi maciça e significativa. Destacaremos agora, a profissionalização e predominância de autores nacionais em meio a um momento de ainda certa influência estrangeira, mas de grandes transformações internas políticas e literárias.

A história do escritor e seu reconhecimento enquanto profissional das letras percorreu uma longa caminhada desde os primeiros profissionais da palavra até os ficcionistas brasileiros do século XIX, e contou com diversos agentes que interferiram na produção da obra. Se hoje, ao analisarmos uma obra é impossível fazê-la sem que se construa uma ponte com o autor, em outros tempos esta era uma ação absolutamente costumeira. Seria difícil para nós, leitores da atualidade, acreditar que um dia existiu um mundo em que textos pudessem circular anonimamente. Segundo Michel Foucault (2002), na Antiguidade¹³, até o início da Idade Média¹⁴, textos que hoje chamamos de literários eram concebidos, postos em circulação e valorizados sem que viesse à tona a questão de quem produzia estes textos. Neste caso a antiguidade era o fator valorativo dessas narrativas.

Inicialmente a história do livro e da leitura ignorava o autor e o leitor. O processo editorial é que possuía validade: os tipógrafos, editores, livreiros, impressores. Na França, a questão do autor pertencia aos estudos literários e por isso não englobava qualquer pesquisa sobre a história do livro e da leitura – foi com a chegada da Estética da Recepção, já no século XX, que este cenário mudou e o interesse de visar o diálogo existente entre obra e leitor, emergiu –.

Na França, em meados do século XVII, começa a ser constituído o caminho de profissionalização da atividade literária, e assim como a própria definição de propriedade literária, vários juízos surgiram. Por um lado, a atividade poética e filosófica é identificada como um bem negociável. Por outro, ela é tida como uma atividade livre, de inspiração e que, portanto, alimenta unicamente a uma necessidade da alma. Perante os debates que envolvem a legitimação do direito do autor, dois discursos são veiculados: o primeiro se baseia numa teoria de direito natural, onde a obra de um autor é inteiramente sua por ser fruto de seu trabalho individual. Em contrapartida, há os alegam que as obras literárias são semelhantes às invenções mecânicas, ambas resultam de elementos que estão disponíveis a todos e a qualquer

¹³ Período que se estende desde a invenção da escrita (4000 a.C.) até a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.).

¹⁴ Período que inicia-se com a queda do Império Romano do Ocidente e dura entre os séculos V e XV.

indivíduo, e que por isso, devem ser compartilhadas e não limitadas. Em outras palavras, pedem limitação de duração dos *copyrights*¹⁵.

Para intensificar suas teorias, os defensores da perpetuação dos *copyrights* e direito exclusivo dos autores, buscaram outra saída a partir daquela que lhes foi recentemente oferecida como válida por seus adversários: se as ideias podem e devem ser compartilhadas, a individualidade de sentimentos e estilo, por sua vez, não seguem esse mesmo caminho. A legitimação da propriedade literária agora se baseia numa concepção mais próxima da que temos hoje sobre a noção de autor e propriedade literária.

Antes a submissão dos autores às obrigações decorrentes de pertencerem a uma clientela, ou estabelecidas por laços de mecenato, fazia par com uma incomunicabilidade radical da obra com os bens econômicos. Depois de meio século, as coisas se inverteram, pois é sobre a ideologia do gênio criador e desinteressado, *garantia de originalidade da obra*, que se baseia a possível e necessária apreciação monetária das composições literárias, remuneradas como um trabalho e submetida às leis do mercado. (CHARTIER, 1994, p. 43)

No Brasil antes da Imprensa Régia, em 1808, praticamente inexistia imprensa no país e embora já houvesse uma prática de leitura, não era um exercício disseminado e consistente¹⁶. Por volta de 1840 a leitura começa a expandir-se no Brasil e o Rio de Janeiro, por ser a sede da monarquia, é quem goza primeiro da difusão da prática que se fortalece por meio de livrarias, impressos e bibliotecas. Em um primeiro momento, a leitura no Brasil se resumiu quase que unicamente em narrativas estrangeiras exportadas a muito custo para o país. Com o investimento em máquinas de prensa, anúncios, propagandas, houve também o investimento em mão de obra de escritores assalariados, o que ressaltou a presença de prosadores nacionais nas letras. É neste momento que surge a questão monetária das composições literárias no país, remuneradas como um trabalho e submetida às leis do mercado. Contudo, mesmo com a profissionalização, no Brasil dos oitocentos não foi possível que escritores vivessem de sua arte, pelo menos para a grande maioria. Fatores como o analfabetismo de 70% da população, o alto preço dos livros, que vinham do exterior, e a

¹⁵ A afirmação de propriedade literária surge da livraria que deseja garantir um direito exclusivo sobre um título ao livreiro que o obteve. Os livreiros ambicionam o direito de propriedade literária e almejam a limitação dos *copyrights*, que são os direitos autorais que concede ao autor de trabalhos originais direitos exclusivos de exploração de uma obra artística, literária ou científica, proibindo a reprodução por qualquer meio. É uma forma de direito intelectual.

¹⁶ Marisa Lajolo e Regina Zilberman traçam em **A formação da leitura no Brasil** a história da literatura na perspectiva do leitor e da leitura. As autoras oferecem um trabalho essencial para os que desejam compreender e a vida cultural no país. Esta obra, de cunho inovador, analisa também a literatura sob a perspectiva das leis, dos contratos e regulamentos. Tendo como foco a prática de leitura, as autoras recorrem a diversos dados e documentos para determinar diversos pontos em que a literatura e a sociedade cruzam-se.

escassez de tipografias, contribuíram significativamente. Os escritores tinham de alternar suas profissões, ora homem de letras, ora jornalista, professor, advogado. Havia ainda aqueles que ofereciam suas obras de casa em casa, tudo para baratear os custos de venda. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 60).

Somente ao fim dos Oitocentos, com a finalidade de sanar a carência dos meios de divulgação do trabalho literário é que surgem escritores e intelectuais como editores. Com o aumento de formas de publicação, a relação entre escritor e editor foi se constituindo através de contratos redigidos por ambos. O exercício do autor começa a ser remunerado – ainda que mal remunerado - e traduções e narrativas por encomenda fazem-se presentes com mais frequência.

Apesar dos periódicos brasileiros atuarem ativamente nos debates políticos, econômicos e sociais dependidos no país, como por exemplo, a Independência do Brasil (1822), Abolição dos Escravos (1888) e Proclamação da República (1889), percebemos que a literatura ocupava algumas colunas dos jornais diários, atuando na divulgação de autores locais e regionais. Não obstante, este fato mudará consideravelmente a partir da criação dos folhetins e da atuação de escritores nas redações dos periódicos, caracterizando, assim, o jornalismo literário. (GONÇALVES, 2013 p. 04)

Estes escritores caracterizam-se ainda como “novos” no ofício. Somente ao fim do século XIX é que se instituiu a Academia Brasileira de Letras, composta de alguns nomes da literatura no momento. Afonso Celso Júnior, ainda no Império, e Medeiros e Albuquerque, já na República, manifestaram-se a favor da criação de uma academia literária nacional que institucionalizasse escritores do país, nos moldes da Academia Francesa.

No **Jornal do Pará** a grande parcela de textos sem autoria – quarenta e sete (47) textos - nos indica que naquela época o comum era o uso do “autor desconhecido” ou o uso de pseudônimo, muitas vezes por se tratar de um escritor que não gostaria de ter seu nome revelado ou até mesmo de uma escritora, que deixava obscura sua identidade por algum marido ou pai ciumento. De trinta e sete (37) autorias reconhecidas no **Jornal do Pará**, pudemos identificar a nacionalidade de treze (13), sendo a maioria, - sete (07) - escritores brasileiros. As nacionalidades ficam distribuídas da seguinte forma: sete (07) brasileiros, três (03) portugueses, um (01) dinamarquês, um (01) suíço, e um (01) francês.

TABELA 01 – AUTORES E NACIONALIDADES

Nome	Nascimento/ Morte	Nacionalidade
<i>Luís Leopoldo Fernandes Pinheiro Júnior</i>	1855 – 1955	Brasileiro
<i>Aureliano José Lessa</i>	1822 - 1861	Brasileiro
<i>Cônego Francisco Bernardino de Souza</i>	-	Brasileiro
<i>Eduardo Ferreira França</i>	1809 - 1857	Brasileiro
<i>Manuel Antônio de Almeida</i>	1831 - 1861	Brasileiro
<i>Narciza Amália</i>	1856 - 1924	Brasileira
<i>Machado de Assis</i>	1839 - 1908	Brasileiro
<i>Padre João Vieira Cruz</i>	1828 -	Português
<i>Francisco Luiz Gomes</i>	1829 - 1869	Português
<i>Ramalho Ortigão</i>	1836 - 1915	Português
<i>Hans Christian Andersen</i>	1805 - 1875	Dinamarquês
<i>Jean Jacques Rousseau</i>	1712-1778	Suíço
<i>Charles Nodier</i>	1780 - 1844	Francês

Em relação a esta maioria absoluta de autores brasileiros no periódico paraense, podemos ressaltar o período em que este impresso circulou: início do decênio de 60 ao final de 70. Um momento onde a circulação de prosa literária nacional já se tornava acentuada, embora as traduções tivessem ainda seu espaço nas páginas literárias dos impressos.

Ainda nos anos 40 a elite política do Brasil já procedia a favor da construção de um Estado Nacional, porém a presença da influência europeia em quase tudo no país ainda era marcante. No âmbito da ficção folhetinesca estrangeira, esta se fez forte por mais duas décadas, pelo menos. Não raro, os periódicos anunciavam estabelecimentos que dispunham de exemplares de grandes escritores estrangeiros, os quais tinham notabilidade e altíssima reputação:

Acha se neste estabelecimento um grande e variado sortimento de obras literárias interessantíssimas em todos os gêneros, ultimamente recebidos da Europa, sendo todos eles dos melhores autores e escritores de inequívoca reputação. (**Jornal do Pará**, 02/06/01872).

No Brasil, as traduções de prosa de ficção não só foram uma grata contribuição para a disseminação do gênero, como também para estimular o interesse dos escritores locais. Ao longo do século XIX o romance-folhetim, principalmente traduzido das páginas dos jornais ou dos volumes franceses, esteve presente no rodapé dos periódicos brasileiros de forma significativa (GRANJA, 2011, P. 147). As traduções de romances franceses que faziam sucesso no Brasil contavam com o trabalho do pioneiro nesse processo, o jornalista e também autor Justiniano José da Rocha, que traduziu para o **Jornal do Comércio** romances como **O Conde de Monte Cristo** e **Os Mistérios de Paris**. Porém, a intensidade dos folhetins traduzidos tende a diminuir enquanto a produção local se firma.

Além dos fatores individuais, que se resumem geralmente com o nome de vocação, e da influência estrangeira, sempre decisiva, houve certamente por parte do público apreciável solicitação, ou pelo menos receptividade, a influir no aparecimento do romance entre nós. Provam-se a quantidade de traduções e abundante publicação de folhetins seriados nos jornais, não apenas no Rio, mas de todo o país. (CANDIDO, 2006, p. 439)

No entanto, um ideal nacionalista surge nos escritores da época de forma acentuada e contrariando o esperado ato de reproduzir o modelo europeu que servia de referência em contos, novelas, que tinham força na década de 40, essa produção interna fortaleceu o sentimento nacionalista e vislumbrou em sua própria arte o meio para disseminar ainda mais esse processo transformador de renovação e independência literária. “Deste caótico passeio

em busca do *folhetinzão* europeu no Brasil fica a certeza de ter ele deixado marcas indeléveis, e não só nos construtores do romance nacional...” (MEYER, 1996, p. 313).

O Romantismo não foi o único caminho para a expansão da tomada de consciência nacional, mas sim o projetor que animava a atividade literária em volta desse desejo. Apenas no século XIX, por razões de caráter moral e político, é que a literatura brasileira ganhou um cunho verdadeiramente nacional. A mudança do Brasil para Reino, o traslado da família Real para o Brasil, a abertura de portos – que antes recebiam unicamente navios da Metrópole – o surgimento dos primeiros periódicos e a proclamação da Independência foram fatores que contribuíram para formar o espírito de nacionalidade.

O movimento que buscava a independência literária, a liberdade de pensamento e de expressão, sem precedentes, exaltou as peculiaridades nacionais e assumiu um feito particular com caracteres especiais e traços próprios. A expressão da nacionalidade e ambiente brasileiro no lugar da mera imitação servil do modelo estrangeiro, defendendo temas brasileiros e colocando a natureza e paisagem física e social do país em oposição à importada. A força autônoma que apontava a necessidade de ruptura com a estética neoclássica em nome de uma renovação que teve como consequência a criação da ficção brasileira, buscava enquadrar a região e o regionalismo na literatura. O movimento teve, assim, todas as características de uma revolução, pois junto ao desejo de autonomia literária havia o paralelismo com as questões sociais e políticas que o país apresentava no processo de independência, em 1822, sendo assim, a eclosão do movimento não foi um acontecimento isolado. A ficção supera a fase romântica que se retém no sentimentalismo e “sertanismo” para em 1870 incidir sob a forma realista, seja na maneira urbana de análise de costumes ou mudança de final feliz nos romances dramáticos.

Em seu célebre texto *Instinto de Nacionalidade*, Machado de Assis versa sobre o sentimento que afeta os escritores da época:

Sente-se aquele instinto até nas manifestações da opinião, aliás mal formada ainda, restrita em extremo, pouco solícita, e ainda menos apaixonada nestas questões de poesia e literatura. Há nela um instinto que leva a aplaudir principalmente as obras que trazem os toques nacionais. A juventude literária, sobretudo, faz deste ponto uma questão de legítimo amor-próprio. Nem toda ela terá meditado os poemas de Uruguai e Caramuru com aquela atenção que tais obras estão pedindo; mas os nomes de Basílio da Gama e Durão são citados e amados, como precursores da poesia brasileira. A razão é que eles buscaram em roda de si os elementos de uma poesia nova, e deram os primeiros traços de nossa fisionomia literária, enquanto que outros, Gonzaga por exemplo, respirando aliás os ares da pátria, não souberam desligar-se das faixas da Arcádia nem dos preceitos do tempo (ASSIS, p. 127, 1985)

Segundo José Luís Jobim, quando falamos de literatura o mais comum é que a identidade regional motive uma correlação entre o local e a sua representação literária, e parte da discussão que envolve essa questão é sobre a validade ou não da representação de uma obra a partir de um julgamento sobre a qualidade de representação. No Brasil a ideia de unidade foi parte do movimento de afirmação nacional pós-independência e teve diversas estratégias que hoje podemos analisar com um olhar mais distanciado e crítico.

A idéia de um nacionalismo organicamente cultural, herdado como energia viva pelos filhos de uma terra - mãe, gerando sentidos e sentimentos de uma alma coletiva comum, foi muito influente, tanto no Romantismo europeu quanto no brasileiro, e está longe de ter sido apenas uma criação de Johann Gottfried Herder (1744-1803) e seus epígonos. (JOBIM, 2013, p. 12)

Se as literaturas nacionais, no lugar de simples reflexos de um suposto “caráter nacional” são antes disso construções que desempenham um papel de fundamental importância na constituição de uma nação, há dois conceitos que acham-se intimamente relacionados e são independentes: as literaturas nacionais são produtos e constituintes parciais da nação e de seu sentido geral de identidade nacional. Dessa forma, cada literatura nacional irá constituir-se à diferença de outras tantas, consolidando-se num cânone, cujo pilar histórico é o nacionalismo. Contudo, como este cânone se define com referência a outros, também evidentemente passíveis de mudança, esta referência também varia segundo o contexto histórico em vigor, a “literatura nacional” nunca constituirá um conceito homogêneo, ao contrário, sempre será uma construção em aberto, com aspectos múltiplos e distintos, variando de acordo com as precisões de afirmação e auto definição de cada período. (COUTINHO, 2013, p. 29).

1.3 - Consonâncias e reproduções de textos entre periódicos

Muitos foram os textos compartilhados entre periódicos no século XIX. A prática se fazia corriqueira uma vez que existiam, no Brasil, jornais que mantinham contato direto com periódicos estrangeiros e que costumeiramente propagavam aqui os textos que eram publicados no exterior. Entretanto, havia também os textos compartilhados internamente no país. Muitos romances e contos publicados na corte chegavam a leitores de outras províncias, construindo assim, uma circulação ativa de prosa de ficção no Brasil.

Sendo uma região marcada pela distância geográfica em relação aos centros culturais mais desenvolvidos no Brasil do século XIX, a publicação de narrativas seriadas na Província do Grão-Pará, em geral, teve como principal fonte as traduções ou textos extraídos de jornais circulantes em outras localidades. Esta reprodução de textos era o meio mais acessível, pois o número de autores regionais dedicados a este ofício não era significativo.

Dentre estes diálogos entre periódicos, o **Jornal do Pará** manteve uma estreita relação com o periódico fluminense **Jornal das Famílias** (1863 – 1878), de publicação do notável editor Garnier.

Sete narrativas (07) do periódico fluminense tiveram registro mais tarde no paraense: “A noviça” (F¹⁷), “A Morte de Sansão” (Francisco Bernardino de Souza), “Contos Macaenses – O anjo da solidão” (Luís Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior), “Muitos anos depois” (Lara¹⁸), “A beneficência delicada” (Emília Augusta Gomide Penido), “Ser visto” (T¹⁹) e “A Virtude Laureada” (Victoria Colona).

Quanto ao intercâmbio de outros periódicos do país²⁰, o **Jornal do Pará** registrou dez narrativas: “O Rouxinol” (Eugênio Moton), extraído da **Tribuna Liberal**; “A Semana” (Autoria Desconhecida), do **Jornal do Commercio**; “O Jogo” (Francisco Luiz Gomes) da **Gazeta de Notícias**; “Entre Flores” (Candido Leitão), do periódico de Lisboa **São Paulo**; as narrativas “Uma história americana”, “A condessinha”, “Nos Alpes”, “Um casamento original” e “As reuniões de Família”, do **Correio da Bahia** e “Um drama chinês”, do **Diário de Pernambuco**.

¹⁷ Pseudônimo.

¹⁸ Pseudônimo machadiano.

¹⁹ Pseudônimo.

²⁰ Todos os periódicos citados estão disponíveis digitalmente no site da Hemeroteca Digital.

TABELA 02 – EXTRAÇÕES DE TEXTOS DO JORNAL DAS FAMÍLIAS

Título do texto	Jornal das Famílias	Jornal do Pará
<i>A noviça - F.</i>	(1866)	(1867)
<i>A morte de Sansão – Francisco Bernardino</i>	(1866)	(1875)
<i>Contos Macaenses: O anjo da Solidão - L. L. Fernandes Pinheiro Jr.</i>	(1874)	(1875)
<i>Muitos anos depois – Lara – Pseud. De Machado de Assis</i>	(1874)	(1875)
<i>A beneficência delicada – Traduzido por Emilia Augusta Gomil de Penido</i>	(1874)	(1875)
<i>Ser visto - T.</i>	(1874)	(1875)
<i>A virtude Laureada – Victoria Colonna</i>	(1875)	(1875)

TABELA 03 – EXTRAÇÕES DE TEXTOS DE OUTROS PERIÓDICOS

Título do texto	Tribuna Liberal	Jornal do Pará
<i>O Rouxinou – Eugênio Monton</i>	-	(1877)
Título do texto	Jornal do Commercio	Jornal do Pará
<i>A Semana – Aatoria Desconhecida</i>	(1876)	(1877)
Título do texto	Gazeta de Notícias	Jornal do Pará
<i>O Jogo - Francisco Luiz Gomes</i>	(1876)	(1877)

Título do texto	Correio da Bahia	Jornal do Pará
<i>Uma história americana, A condessinha, Nos Alpes, Um casamento original e As reuniões de Família - Autoria Desconhecida</i>	-	(1875), (1875), (1875), (1875), (1875)
Título do texto	Diario de Pernambuco	Jornal do Pará
<i>Um drama chinês - Autoria Desconhecida</i>	(1875)	(1875)

Ao todo, dezesseis textos informaram terem sido extraídos de outros periódicos, de diversas localidades do país. Sendo assim, adotamos um procedimento comparatista entre as publicações de cada periódico:

Em “A morte de Sansão”, narrativa assinada por Francisco Bernardino, padre, historiador, poeta e colaborador do **Jornal das Famílias**, o registro de publicação no periódico fluminense marca o mês de dezembro de 1866, no Tomo IV do jornal. No **Jornal do Pará** a narrativa bíblica circulou apenas no dia 12 de janeiro de 1875 e ocupou a coluna “Litteratura”. O tempo significativo entre a publicação de em um periódico e outro é um fato que chama a atenção. As narrativas que o **Jornal do Pará** extraía de outros periódicos dificilmente possuíam um intervalo tão extenso entre a primeira publicação e a segunda, o que nos remete a asserção de que esta narrativa em especial poderia ser realmente significativa e de interesse do periódico paroara.

Publicada originalmente no **Jornal das Famílias**, nos meses de setembro e outubro de 1874, no Tomo XII, “Muitos anos depois” circulou no ano seguinte, em janeiro de 1875, no **Jornal do Pará**, no período de 21 a 28 de janeiro, na coluna “Variedade”. No **Jornal do Pará**, o conto foi dividido em nove capítulos, publicados de forma seriada, distribuídos da seguinte forma: os dois primeiros capítulos foram publicados no dia 21 de janeiro. No dia seguinte, 22 de janeiro, o jornal divulgou os capítulos III e IV da narrativa. No dia 24 de janeiro, os capítulos seguintes, V e VI. A continuidade da publicação ocorre em 26 de janeiro, com um capítulo apenas, igualmente nos dias 27 e 28 do ano de 1875, encerrando a publicação da história. No **Jornal das Famílias** foram publicados os quatro primeiros capítulos no mês de setembro e o restante no mês seguinte. O que nos permite afirmar que o

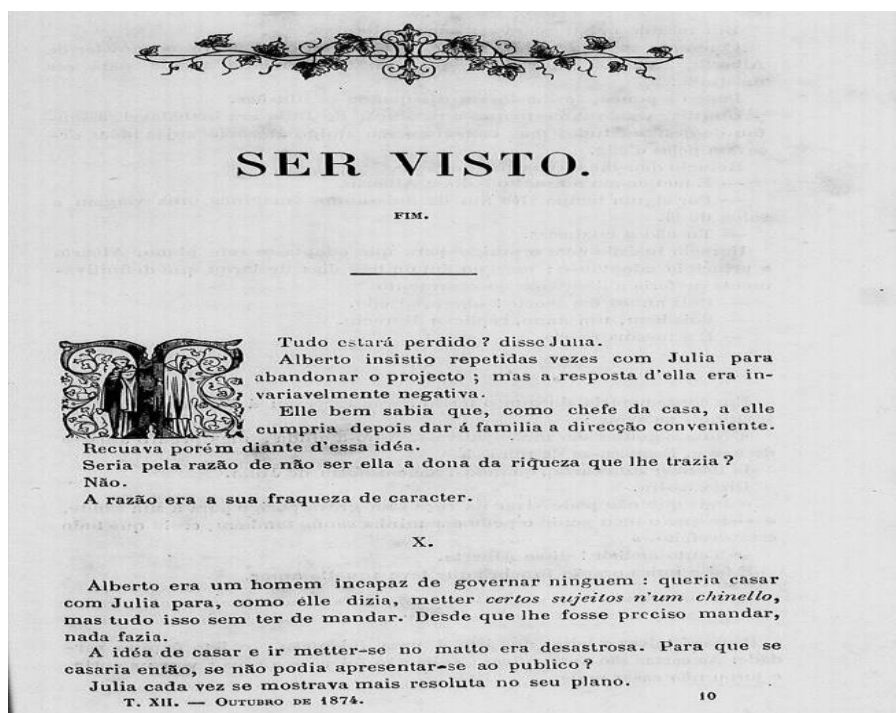
leitor do **Jornal das Famílias** aguardou um tempo maior pelo desfecho da narrativa em comparação ao leitor do **Jornal do Pará**, visto que o periódico fluminense, diferente do paraense, era publicado mensalmente.

A narrativa “A Noviça” foi publicada inicialmente no **Jornal das Famílias** em abril de 1866, na edição do Tomo IV, na seção “Romances e Novelas”, das páginas 105, 106 e 107. Já no **Jornal do Pará**, a publicação ocorreu na coluna “Variedades” nas edições dos dias 14, 15, 16 e 20 de junho de 1867. Nos dias 18 e 19 de junho não houve publicação de prosa literária no periódico, e no dia 17 não houve circulação do jornal por ser uma segunda-feira.

“Contos Macahenses – O anjo da Solidão” tem registro no **Jornal das Famílias** em junho de 1874, no Tomo XII. A publicação fez-se nas páginas 167 a 173. “Contos Macahenses” é uma série de contos que se passam na cidade de Macaé, no Rio de Janeiro. “O anjo da solidão” foi somente um dos contos que figurou essa série no periódico fluminense. No periódico paraense o conto ocupou a coluna “Variedade” nas edições dos dias 13, 14 e 16 de janeiro do ano de 1875. A incisão da prosa ocorreu da seguinte forma: em 13 de janeiro foram publicados os capítulos I, II, III e IV. No dia 14 foi a vez dos capítulos V e VI. Por fim, no dia 16, propagaram-se os capítulos restantes VII, VIII, IX e X.

“A Beneficência Delicada” veio à luz no **Jornal das Famílias** em setembro de 1874, Tomo XII, e ocupou as páginas 271 a 274, na seção “Romances e Novelas”. No **Jornal do Pará** a tradução foi veiculada em 20 e 22 de junho de 1875, na coluna “Variedade”. A informação disponível no jornal paraense é de que a narrativa foi traduzida do italiano por Emília Augusta Gomide Penido.

“Ser Visto” circulou no **Jornal das Famílias** também no Tomo XII, referente a setembro de 1874, nas páginas 257 a 266 com a promessa de “continuar-se-ha” ao fim do capítulo IX. A publicação da narrativa é interrompida e dá espaço aos “Contos Macahenses – Coração de Mulher”. Além de “Coração de Mulher”, o espaço entre a primeira fatia e a última de “Ser Visto”, contou com alguns artigos direcionados as donas de casa como: tratar queimaduras, conservação dos dentes, poesias, modas, costura, etc. Somente na primeira página do mês seguinte, outubro de 1874 - Tomo XII –, a leitora teve acesso à conclusão, com os capítulos X e XI. A narrativa preencheu a seção “Romances e Novelas” no jornal.

Figura 05 – “Ser Visto” no **Jornal das Famílias**

Fonte: Hemeroteca Digital

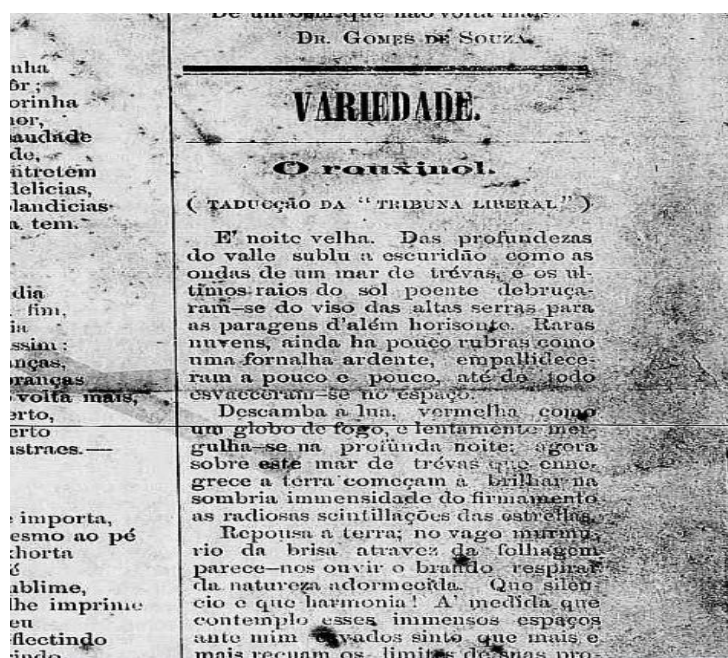
No **Jornal do Pará** o mesmo conto foi compartilhado nos dias 17, 19 e 20 de janeiro do ano seguinte, 1875. Vale destacar que 1875 foi o ano que o **Jornal do Pará** mais fez compartilhamento de textos em geral, ao todo foram nove republicações de outros periódicos e traduções. A distribuição de forma seriada do texto ocorreu desse modo: I ao V capítulo publicado em 17 de janeiro; V a VII em 19 de janeiro e VII a XII em 20 de janeiro.

O último texto extraído do **Jornal das Famílias**, “A virtude Laureada”, teve sua publicação inicial no Tomo XII, do mês de abril de 1875. A primeira parte do conto completou as páginas 52 a 57 do periódico fluminense. Após a interrupção do texto para o registro de mais artigos de interesse feminino, o editor retomou na página 76 e encerrou na página 82 da seção “Romances e Novelas”. No **Jornal do Pará** o conto de Victoria Colona teve registro nos dias 27, 28, 31 de agosto e 02 e 03 de setembro de 1875 na coluna “Variedade”.

No **Jornal do Pará** a narrativa **O rouxinol** circulou em 03 de janeiro de 1877, na coluna “Variedade” com a informação “Tradução da ‘Tribuna Liberal’”. A **Tribuna Liberal**, do Rio de Janeiro, era um jornal político e literário, teve como redator Carlos Laet. Periódico defensor da monarquia mesmo após a proclamação da república, porém é conhecido como o

primeiro jornal suspenso pelo governo republicano. Encerrou sua publicação em 25 de dezembro de 1889, retornando em julho de 1890 como **A Tribuna**, no comando de Antonio Medeiros.²¹

Figura 06 – Publicação de O Rouxinol no **Jornal do Pará**



Fonte: Hemeroteca Digital

A narrativa “A Semana” circulou no **Jornal do Commercio** em um domingo, 10 de dezembro, na coluna “Folhetim”, localizada no rodapé da página nº 1. Em ativa desde 1º de outubro de 1827, o **Jornal do Commercio** é o segundo periódico diário mais antigo do Brasil ainda em circulação, bem como ocupa o posto de um dos mais antigos de toda a América Latina, perdendo apenas para o **Diário de Pernambuco**. Veio à luz pelo tipógrafo parisiense Pierre René François Plancher de La Noé e instalou-se na Corte brasileira em 1824, acompanhado por artesãos gráficos, prelos de ferro, caixas de tipos, livros e outros materiais ainda raros ou inexistentes no Brasil. O periódico de Pierre possuía um caráter estritamente comercial, como seu nome já revela, e tradicional linha conservadora. No **Jornal do Pará** a narrativa ocupou quase uma página e meia do jornal. “A Semana” iniciou sua publicação ao fim da penúltima coluna da primeira página, ocupou a segunda página inteira e encerrou no

²¹ Não foi possível encontrar a publicação de “O rouxinol” nas páginas da **Tribuna Liberal**, pois o material sobre o jornal, digitalizado disponível na Hemeroteca Digital, foi insuficiente para uma pesquisa completa.

topo da segunda coluna da terceira página do periódico do dia 19 de janeiro de 1877, na coluna “Transcrição”.

“O Jogo” foi registrado na **Gazeta de Notícias** em 29 de setembro de 1876. A prosa não se encontra em nenhuma coluna ou seção específica do jornal, está presente em uma página de vários avisos, de diversos assuntos. O destaque da escrita começa pelo título e termina pelo nome do autor, Francisco Luiz Gomes. Do Rio de Janeiro, A **Gazeta de Notícias** foi um periódico republicano que existiu entre agosto de 1875 e 1942. De propriedade de Manuel Carneiro, José Ferreira de Araújo e Elísio Mendes, o jornal foi responsável por introduzir uma série de inovações na imprensa brasileira e chegou a ser um dos principais jornais durante a Primeira República²². Abolicionista e Antimonarquista, a **Gazeta** deteve grandes nomes da literatura em suas páginas, Machado de Assis, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, João do Rio foram alguns deles. A narrativa em destaque foi republicada no **Jornal do Pará**, na coluna “Variedade”, do dia 12 de agosto do ano de 1877.

Representante do pensamento conservador dissidente na província, o **Correio da Bahia** foi fundado em 1871, com os redatores Inocêncio Marques de Araújo Góes Júnior e Eunapio Deiró. De publicação diária, o jornal pertencia à Associação Tipográfica da Bahia, que havia sido fundada em 20 de outubro de 1870. Trazia em suas páginas informes sobre os atos do Império e da presidência da província, anúncios, comércio, informações sobre os horários dos trens da Estrada de Ferro da Bahia ao São Francisco e da Companhia Baiana de Navegação a Vapor, além da publicação dos textos: “Uma história americana”, “A condessinha”, “Nos Alphen”, “Um casamento original” e “Reuniões de Família”, todas publicadas também no **Jornal do Pará**. No periódico paraense, “Uma história americana” foi registrada em 07 de fevereiro de 1875, “A condessinha” circulou no dia 16 de fevereiro de 1875, “Nos Alphen” em 28 de fevereiro, 02, 03 e 05 de março de 1875, - sendo os capítulos I, II e III no dia 28; III ao V capítulo no dia 02 de março; VI ao XIV capítulo no dia 03 de março e o capítulo conclusivo, XV, dia 05 de março-, “Um Casamento Original” circulou nos dias 22 e 23 de maio de 1875 e “As reuniões de família” no dia 27 de maio, 02 e 03 de junho. Todas as narrativas preencheram a coluna “Variedade” no **Jornal do Pará**. Quanto às publicações no **Correio da Bahia**, não foi possível identificá-las haja vista que o material disponível acerca do periódico é insuficiente para uma pesquisa completa, semelhante ao que ocorreu com a **Tribuna Liberal**.

²² Período da história do Brasil que se estendeu da proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, até a Revolução de 1930.

Por fim, a narrativa “Um drama” chinês foi veiculada inicialmente no **Diário de Pernambuco**, periódico fundado por Antônio José de Miranda Falcão, fundado em 1825 e agente até hoje. Atualmente é o jornal mais antigo em circulação na América Latina, durante sua existência sofreu diversas censuras deixando de ir às ruas em alguns anos. “Um drama chinês” circulou no periódico de Recife em 28 de janeiro de 1875 na coluna “Variedade” acompanhado de outras narrativas. O periódico possuía 8 páginas e a narrativa encontrava-se na última, após os anúncios. No **Jornal do Pará** circulou apenas alguns dias depois, em 24 de fevereiro de 1875, também na coluna “Variedade”.

Não há publicação de cartas de leitores ou notas escritas pelo editor do jornal que justifiquem tais extrações, por isso, buscamos hipóteses para explicar o porquê de o **Jornal do Pará** extrair um número significativo de narrativas de outros periódicos. No que diz respeito ao **Jornal das Famílias**, recaímos sobre o principal ponto em comum que une os dois jornais: o caráter moralizante. Sem deixar de considerar também o fato de que os jornais circulantes na Corte poderiam estar em maior evidência, justamente pela veiculação no centro dos acontecimentos do Brasil. As narrativas veiculada no **Jornal das Famílias** tinham o teor de “recomendável à moças e toda família” e o **Jornal do Pará**, periódico conservador, com certeza vislumbrou isto como fator preponderante.

No século XIX ideias civilizadoras eram promovidas por grupos sociais que concebiam educação e religião como táticas na busca pelo poder, propendendo estabelecer um comportamento social individual e coletivamente aceitável. Cremos que o motivo do compartilhamento destes textos entre estes dois periódicos se constrói nos interesses em comum que ambos nutriam. É explícito o ideário vitorioso da virtude, valor que disputou em pé de igualdade com o teor valorativo da família. Ambos, à propósito, apresentam-se por vezes complementares: de um lado a família que encontra nesse valor sua maior base de sustentação, e de outro, a virtude, que encaminha o indivíduo à constituição da família através do casamento (NADAF, 2002, p. 146)

Quanto aos outros jornais, o **Tribuna Liberal**, era defensor da Monarquia e manteve essa perspectiva mesmo após a instauração da República. O **Jornal do Pará**, da mesma forma, era órgão oficial do governo e costumava dar espaço privilegiado em suas páginas para toda informação de interesse a Corte do Brasil. O **Jornal do Commercio**, embora comercial, era também de linha conservadora, assim como o **Correio da Bahia**. No que diz respeito ao **Diário de Pernambuco**, embora tenha sido censurado diversas vezes por lutar pela liberdade de imprensa, o que denota ser contra o conservadorismo e a censura da liberdade de expressão, houve um elemento que poderia ter chamado a atenção do editor do **Jornal do**

Pará: o teor da prosa ficcional “Um drama chinês”. Sem dúvida o texto se tratava de uma narrativa moralizante, pois tem seu transgressor dos bons costumes punido ao fim da história, e nisto se assemelha em muito com o que o periódico paraense costumava propagar em suas páginas através das narrativas seriadas. O mesmo se aplica à **Gazeta** - periódico oposto ao **Jornal do Pará** em ideais, pois era liberal, antimonarquista e altamente republicano -, acreditamos também que o teor da narrativa “O Jogo” foi o que determinou o vínculo entre os dois periódicos. O texto, classificado como “crônica moral” condena o ato de jogar no sentido de aposta, haja vista que isto recai na perda de bens materiais, o que ocasiona a destruição de famílias, trabalho e do próprio ser humano.

Consideramos também a hipótese de ter havido uma rede de relações pessoais entre o editor do **Jornal do Pará** com os editores de outros periódicos do país, assim sendo, possivelmente havia, uma correspondência entre eles que justificava o acesso do impresso paraense a textos de outras localidades.

Dessa forma, entendemos que o teor das narrativas e/ou a semelhança em posicionamento político foi preponderante para a extração destes textos. Além disso, ainda que um mesmo texto fosse publicado no mesmo suporte, o jornal, o registro dessa narrativa sofria possíveis mudanças necessárias entre a publicação original e a publicação secundária. Um mesmo texto literário originalmente publicado em um periódico poderia ser registrado em outro, para um público leitor diferente, no mês seguinte ou após anos. Contudo, no que tange à estrutura, não houve modificações entre as publicações originais e secundárias.

A distribuição do texto de forma distinta, muitas vezes pelo espaço ou modo de circulação dos periódicos serem diferentes, é outro fato considerável, pois influencia diretamente na expectativa do leitor. Este era um ponto de suma importância, afinal, para que o modo de publicação em folhetim fizesse o efeito e sucesso esperado era preciso saber onde cindir o texto.

Capítulo 2

Registro nas Histórias Literárias Nacionais

Escrever é propiciar a manifestação alheia, em que a nossa imagem se revela a nós mesmos.

Jean-Paul Sartre

Muitos foram os ficcionistas brasileiros no século XIX e a produção interna de narrativas adquiriu uma generosa oportunidade com o avanço de jornais, revistas, livros e toda a circulação comercial de impressos, além da comunidade leitora que se estendia no período monárquico e mais tarde, no período republicano.

Para atingir questões que dizem respeito à notoriedade, ascensão ou esquecimento dos autores brasileiros que se fizeram presentes nas folhas do **Jornal do Pará**, pareceu-nos imprescindível identificar quem eram estes autores, suas obras, influências, profissões, caminhos literários que percorreram. Ademais, seria indispensável também ter conhecimento sobre o que os críticos, autores de Histórias Literárias Nacionais, dizem sobre eles, ou se não dizem. O primeiro critério para a identificação destes autores parte da pesquisa realizada no **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**, de Sacramento Blake. Esta busca possibilitou conhecê-los além da nacionalidade, pois Blake traz à luz onde nasceram, quem foram e o que nos deixaram enquanto herança literária.

De trinta e sete (37) autorias reconhecidas no **Jornal do Pará**, pudemos identificar a nacionalidade de treze (13), sendo a maioria - sete (07) - escritores brasileiros; são eles: Aureliano José Lessa, Eduardo Ferreira França, Francisco Bernardino de Souza, Joaquim Maria Machado de Assis, Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior, Manuel Antônio de Almeida, Narciza Amália de Campos.

2.1 – Autores Brasileiros e os caminhos literários

Aureliano José Lessa²³ esteve presente no periódico paraense com a narrativa “Uma visão” no dia 13 de maio de 1873. “Dr. Aureliano”, como é citado no periódico. A maior parte

²³ Bacharel em Ciências Sociais e Políticas pela Academia de São Paulo em 1853, Aureliano nasceu na cidade de Diamantina, província de Minas Gerais, no ano de 1828. Filho de José Lessa e D. Carlota Genuína Lessa, conviveu com Alvares de Azevedo e Bernardo Guimarães. Trabalhou com procurador fiscal da Tesouraria Geral de Minas, em Ouro Preto, e atuou como advogado em Diamantina e Conceição do Serro, onde faleceu a 21 de fevereiro, de uma lesão cardíaca consecutiva ao alcoolismo crônico.

de seus versos está registrada na nos periódicos literários de São Paulo, do tempo em que o poeta ali cursava os estudos, segundo Blake:

Amigo e contemporaneo do laureado poeta M. A. Alvares de Azevedo, era com elle, e com Bernardo J. da S. Guimarães que o mesmo Alvares de Azevedo tencionava publicar o livro intitulado *Tres Lyras*. Sua biografia escripta por seu conterraneo e collega Theodomiro A. Prereia, foi publicada no *Diario Official* de 8 de fevereiro de 1867, seguida de diversas poesias suas que seu biographo achou esparsas em diversas revistas dos tempos de estudante, e que com outras foram publicadas no volume: - Poesias posthumas de Aureliano José Lessa. Rio de Janeiro, 1873 – Este livro foi publicado por um irmão do autor, negociante nesta côrte, o qual fizera em 1867 uma declaração, no *Diario do Rio* de 22 de maio, de se achar colleccionado suas composições poeticas, promettendo até remuneração poenniarria a quem lhe fornecesse os manuscritos ou cópias do que procurava [...] – *Mensagem* – na *Revista da academia*, S. Paulo, 1850, pag. 309. (BLAKE, 1895, p. 372).

Eduardo Ferreira França²⁴ é autor da prosa “O Thesouro”, veiculada no **Jornal do Pará** nos dias 05 e 06 de setembro do ano de 1877. No **Diccionario Bibliographico Brasileiro**, foi citado em poucas linhas pelo amigo:

Era doutor em medicina pela faculdade de Paris, onde foi apontado como o primeiro estudante do curso respectivo e, com efeito, desde seus mais verdes anos demonstrara robusta inteligência, foi depois distincto nomeado professor de química médica e princípios elementares de mineralogia da faculdade da Bahia. Representou a Bahia nas legislaturas de 1848 a 1852, dissolvida em 1849, de 1849 a 1852 como deputado suplente e, eleito para a seguinte, não tomou assento por moléstia que o obrigou a empreender esta viagem, em que morreu. Pertencia a diversas associações literárias de jovens acadêmicos e discutia muitas vezes com seus alunos, sendo um destes quem hoje escreve estas linhas, os quais, lisonjeado com a honra que lhes fazia, o sábio mestre, cada vez mais veneração e afeto lhe destacavam. Escreveu:- Essai sur l'influence des aliments ey des boissonr sur le moral de l'homme: thèse presente ET soutneu á la faculté de médccine de Paris, 1º aout de 1834 our obtenir Le grade do doucteur em médccine. Paris, 1834, in-4º - Esta tese foi traduzida e publicada em 1851 pelo doutor João Ferreira de Bittencourt e Sá.

- *Influenca* dos pântanos sobre o homem. Bahia, 1850, in-8.º - Também escreveu sobre o assunto no *Mosaico*, 1845 – 1846, pags. 53 a 56, 101 a 104,

²⁴Filho do célebre médico e filósofo Antônio Ferreira França e de dona Anna da Costa Barradas. Nasceu na Bahia, em 08 de junho de 1809, e faleceu em março de 1857, quando viajava para a Europa. O médico e escritor baiano morou em Paris dos 15 aos 25 anos, obtendo grau de doutor em medicina na Faculdade de Medicina em Paris em agosto de 1834. Em seu retorno à Bahia, Eduardo tornou-se professor de química médica e princípios elementares de mineralogia da Faculdade de Medicina da Bahia. Por ser de família tradicional política, não demorou a que Eduardo assumisse um cargo na câmara. Tornou-se deputado provincial em 1842, no auge de seus 33 anos de idade, pelo Partido Liberal, onde teve posição de destaque. Faleceu a 11 de março de 1857, ao retornar para Paris em busca de tratamento. Tinha 47 anos de idade e seu corpo foi jogado no Oceano Atlântico. Sua morte foi lamentada por todos, uma vez que Eduardo tinha ótima reputação e todos elogiavam suas ações como deputado.

163 a 166, um trabalho reproduzido depois no Arquivo Medico Brasileiro, tomou 2 pags (BLAKE, 1899, p. 248-249).

Francisco Bernardino de Souza²⁵ surgiu nas páginas do periódico paraense nos dias 9 e 12 de janeiro de 1875 com as narrativas religiosas “A filha de Jephté” e “A morte de Sansão”, respectivamente, ambas na coluna Litteratura. No espaço dedicado a Francisco Bernardino de Souza, Blake menciona:

Notavel prégador, litterato e escriptor, escreveu:

- Breve resposta ao discurso do Sr. senador Dantas ou protesto em favor dos principios catholicos. Rio de Janeiro, 1861, 24 pags. in-8°. [...]
- A primeira communhão: romance do conego Schmidt. paris, in 8°.
- E edição da mesma casa que, segundo me consta, incubiu o conego Bernardino da traducção dos romances deste autor, os quaes foram effectivamente traduzidos e publicados sem o nome do traductor.
- Lembranças e curiosidades do valle do Amazonas. Pará, 1873, 328 pags. In-8°.
- Comissão do Madeira. Pará e Amazonas. Rio de Janeiro, 18844 – 1885, tres tomos. – Nesta obra dá o autor muito curiosas e importantes noticias da historia natural e civil de tão vasta porção do territorio brasileiro, assim como dos indios que ahi habitam, sua vida, seus costumes, etc.
- [...]
- Uma mãe: poesia – na Tribuna Catholica, n. 22. Foi escripta quando o autor tinha 16 annos de idade e publicada no Noticiador Catholico da Bahia. E, me parece, sua primeira composição poetica (BLAKE, 1899, p. 411).

Joaquim Maria Machado de Assis²⁶ esteve presente no **Jornal do Pará** com um de seus diversos pseudônimos, “Lara”²⁷, e sua narrativa moralizante “Muitos anos depois”, veiculada em 20, 21, 24, 26, 27, 28 do ano de 1875 na coluna “Variedade”. Escreveu praticamente todos os gêneros literários, sendo vastamente conhecido por seus romances que se tornaram marco na literatura nacional. Blake dedicou quase três páginas e meia a escrever sobre o escritor que por muitos é considerado “o maior da literatura brasileira”:

Filho de Francisco José de Assis e dona Maria Leopoldina Machado de Assis, nasceu no Rio de Janeiro a 21 de junho de 1839. Vocação decidida para as letras, exercendo a arte typographica na imprensa nacional, onde serviu de 1856 a 1858, deixou-a para só dedicar-se á letras. Já

²⁵ Francisco Bernardino nasceu na cidade de Itaparica - estado da Bahia – a 29 de janeiro do ano de 1834. Foi membro do Instituto Histórico Brasileiro, além de poeta, memorialista, ensaísta, orador, tradutor, jornalista e professor. Em relação ao seu trajeto na vida religiosa, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1860 onde foi cônego da capela imperial, capellão e professor de religião, latim e português do colégio Pedro II, além de também professor de geografia e retórica do curso de preparatórios anexo ao seminário episcopal

²⁶ Nasceu no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839 e faleceu em 29 de setembro de 1908.

²⁷ Machado colaborou para o **Jornal das Famílias** sob pseudônimos: Job, Vitor de Paula, Lara e Max. Cf. <http://machado.mec.gov.br/>. O escritor assinou seus contos também com as iniciais M.A, J.R, O.O, B.B, com as letras J, M, A, S, X, e com as variantes Maximo, Marco Aurélio e Camillo da Anunciação. (SILVEIRA, 2005, p. 149)

vantajosamente conhecido como distincto litterato, foi na reforma da secretaria da agricultura, commercio e obras publicas em 1873, nomeado primeiro official nesta secretaria, hoje da industria, viação e obras publicas, onde exerce actualmente o cargo de director da directoria do commercio, tendo em 1878 feito parte da commissão incumbida de organizar a reforma da legislação das terras. Em 1872 foi tambem nomeado para a commissão encarregada de organizar o dictionario technico da marinha. É membro do Conservatorio dramatico, de varias associações de letras; e official da ordem da Roza. Escreveu:

- *Queda* que as mulheres tem para tolos. Tradução franceza.
- *Noticias* da actual litteratura brasileira.
- *Hygiene* para uso dos mestres-escola;
- *Ministerio da agricultura*
- *Desencantos*: phantasia dramatica
- *Theatro de Machado de Assis*
- *Quasi ministro*: comedia em um acto
- *O deus de casaca*: comedia em um acto
- *Tu, so tu, puro amor*: comedia em um acto
- *Crysalidas*: poesias de um prefacio do Dr. Caetano Filgueiras.
- *Phalenas*: poesias
- *Americanas*: poesias.
- *A derradeira affronta*: poesias publicada no livro.
- *Os trabalhadores do mar*, por Hugo.
- *Contos fluminenses*
- *Ressurreição*: romance – *Helena*: romance
- *Historias da meia noite*
- *Yaiá Garcia*: romance
- *Memorias posthumas de Braz Cubas*
- *Papeias avulsos*
- *Historias sem data*
- *A mão e a luva*: romance [...]. (BLAKE, 1899, p. 197, 196, 195).

Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior²⁸ figurou no **Jornal do Pará** com a narrativa “Contos Machaenses – O anjo da Solidão” publicada em 13, 14 e 16 de janeiro de 1875. Blake classifica Luiz Leopoldo como “Poeta, cronista, romancista, tradutor, jornalista, filólogo, professor, geógrafo e historiador brasileiro. Trabalhou ainda como servidor público e redator do periódico Fluminense”. Em mais palavras sobre o escritor, Blake cita a profissão de magistério exercida no Rio de Janeiro e uma carta recebida de Machado de Assis, que prefaciou sua obra **Typos e quadros: sonetos**:

Exerceu o magisterio, leccionando portuguez e francez em Nitheroy e nesta capital, quando já servia na secretaria dos negocios estrangeiros [...] Cultivava a poesia e com actividade e dedicacão os estudos relativos á instrucção escolar, tem corrigido, ampliado e dado á estampa em novas edicões varios livros mencionando seu tio, e de outros escriptores didacticos [...] Escreveu:

- Typos e quadros: sonetos, Rio de Janeiro, 1886, in8º - São precedidos de uma carta de J. M. Machado de Assis animando o autor á publicacão de seus

²⁸ Luiz Leopoldo nasceu em Campos, no Rio de Janeiro, em 1855 e faleceu em 1995.

sonetos. A Vida Fluminense, entretanto, revista do Rio de Janeiro, em seu numero de 25 de setembro deste ano, critica-os severamente. [...] (BLAKE, 1899, p. 341-342).

Manuel Antônio de Almeida é autor do único romance-folhetim veiculado no *Jornal do Pará*, o famigerado “Memórias de um Sargento de Milícias”, publicado nos meses de outubro, novembro e dezembro de 1867. Em junho de 1852 a julho do ano seguinte, Manuel Antônio de Almeida publicou, sob o pseudônimo de “Um Brasileiro” as “Memórias de um sargento de milícias”, no **Correio Mercantil**. Mais tarde, em 1854-55, o romance foi publicado, ainda sob pseudônimo. Só na 3ª edição, em 1863, foi que o romance apareceu com o verdadeiro nome do autor. Foi nomeado, em 1858, Administrador da **Tipografia Nacional**, onde conheceu Machado de Assis que ainda trabalhava como tipógrafo. Seu romance fez sucesso por apresentar em tom de humor à realidade social do Rio de Janeiro, sob o estilo coloquial e, principalmente, por seu grande talento como narrador.

Blake o classifica como “habil prosador”:

Filho de Manoel de Almeida e dona Josephina Maria de Almeida, nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 17 de novembro de 1830 e faleceu no naufragio do vapor Hermes, nas pedras dos mares de Macahé, a 12 de novembro de 1861. privado dos bens da fortuna, quiz dedicar-se á arte de desenho e fez neste sentido alguns estudos; mas abandonou-os para estudar medicina na faculdade da côrte, na secretaria dos negocios da fazenda, depois o de administrador da typografia nacional e o de director da opera nacional. Tão habil prosador quato poeta distincto, dotado de talento robusto, teria enriquecido nossa litteratura, si a morte não nol-o roubasse tão cedo. Era membro da sociedade Propagadora das bellas artes. Foi um dos ultimos redactores do Correio Mercantil da côrte e escreveu: - These apresentada á faculddae de medicina – Gondicar ou amor de christão por Luiz Friedel; traduzido do francez – Na Tribuna Catholica - Memorias de um sargento de milicias por um brasileiro – [...] É um dos mais bellos livros, que eu conheço, escriptos na lingua portugueza [...] – O rei dos mendigos: romance historico de Paulo Feval; traduzido. – Dous amores: drama lyrico em três actos: poesia – A philosophia da voz: O nome; O rio; As flores e os perfumes; As muletas de xisto V; uma historia triste - .(BLAKE, 1899, p. 13-14).

Aos 20 anos **Narciza Amália de Campos**²⁹ publica seu primeiro e único livro de poesias: **Nebulosas**. Trata-se de poemas de exaltação à natureza, à pátria e de lembranças da infância da “jovem e bela poetisa”, como definiu Machado de Assis. Movida por forte sensibilidade social, combateu a opressão da mulher e o regime escravista. No **Jornal do**

²⁹ Nasceu em São João da Barra – Rio de Janeiro, 3 de abril de 1856 — Rio de Janeiro, 24 de junho de 1924) foi poeta, professora e jornalista. Filha do poeta Jácome de Campos e da professora Narcisa Inácia de Campos.

Pará surge com a lenda asiática “Nelumbia”, veiculada nos dias 19 e 20 de fevereiro de 1875, publicada originalmente no periódico **A Luz**, de Campos – Rio de Janeiro.

Filha de Joaquim Jayme de Campos e de dona Narciza Ignacia de Campos, nasceu na cidade de S. João da Barra, Rio de Janeiro, a 3 de abril de 1852. Fez sua educação litteraria com seu pae, que se dera ao magisterio por occasião de sahir de Minas Geraes, sua patria, em consequencia de politica. Intelligencia brilhante, deu-se desde sua infancia ao cultivo das letras e particularmente da poesia. É socia honoraria da antiga sociedade Ensaios litterarios, cuja directoria lhe offereceu um livro em branco para que dona Narciza ahi escrevesse uma poesia sua e occupa uma cadeira de instrucção primaria nesta capital. escreveu: - Nebulosas. Rio de Janeiro, 1872. – A sociedade Ensaios litterarios. – O romance da mulher que amou – Nelumbia: lenda asiatica – No periodico a Luz, de Campos 1874. – Miragem: poesia de oitenta versos octosyllabos – A mulher do seculo XIX (trabalho em prosa). (BLAKE, 1899, p. 303, 304)

2.2 - Figuras em relevo

Em **Formação da Literatura Brasileira**, Antonio Candido afirma existir uma relação de dependência entre os elementos de uma tríade literária quando, autor-obra-público são imprescindíveis para um sistema literário, sem o qual não seria possível haver um sistema. Neste sentido, as obras têm influência sobre os leitores, os leitores exercem sobre os autores, e, por conseguinte, os autores sobre as obras (CANDIDO, 2012, p. 25). Ademais, Candido afirma que o reconhecimento de um autor e sua obra provém da aceitabilidade do público. A recepção se torna fator principal da notabilidade do trabalho literário.

Nos periódicos a popularidade e receptividade de uma produção podiam ser avaliadas por meio de cartas enviadas aos editores do jornal, alguns impressos contavam até com um espaço destinado e chamado de “carta de leitores”. Outro critério de aceitação de um autor no âmbito do jornal ocorria, no caso da publicação em série, pela quantidade de fatias em que a prosa se prolongava. Muitas vezes as narrativas eram feitas por encomenda e seguiam de acordo com o gosto do público que fazia ouvir-se no número de exemplares que uma edição ou outra vendia. Desse modo, se uma narrativa estava fazendo sucesso junto ao público alongavam-na por várias edições. Do contrário, se não possuía um público altamente interessado, encurtavam-na. Houve casos em que narrativas foram até mesmo interrompidas, sem justificativa alguma, e na edição posterior, inaugurada uma nova.

Neste sentido, o público dava sentido e realidade à obra de um autor, ele é a ligação entre autor e a sua própria produção. Assim, Candido registra:

Se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é mostrada através da reação de terceiros. Isto quer dizer que o público é condição para o autor conhecer a si próprio, pois esta revelação da obra é a sua revelação. Sem o público, não haveria ponto de referência para o autor, cujo esforço se perderia caso não lhe correspondesse uma resposta, que é definição dele próprio (CANDIDO, 2006, p. 84-85).

Nos dias atuais, um público espectador de uma produção literária tende a configurar-se pela existência dos meios de comunicação, pela crítica literária ou pela influência de opiniões de pessoas que fazem parte de setores mais restritos e que geralmente lideram conceitos do que é bom ou ruim – as elites. Entretanto, Márcia Abreu chama atenção para a contradição que existia no Rio de Janeiro, no período colonial, quando os leitores tinham preferência por obras de menor expressão como, romances modernos, histórias infantis e versões escolares de textos latinos no lugar de clássicos da Antiguidade. A autora atribui essa preferência à elite econômica que provavelmente tinha recursos para se encarregar de trâmites legais de importação, considerando que no Brasil colônia não havia a presença de livreiros, comerciantes e artesãos em número significativo que pudessem ser responsáveis pela difusão da leitura de romances e outras obras. Assim, a elite privilegiada não se interessava apenas por grandes autores e bem avaliados. Márcia revela que neste momento percebe-se que o papel dos textos que pertencem ao cânone não era muito relevante e tinha força reduzida na escolha e gosto dos leitores da época (ABREU, 2003, p. 134-135). Este cenário muda depois da chegada da imprensa no Brasil.

Os compêndios de literatura brasileira e as histórias literárias nacionais são grandes registros da nossa produção literária. Há alguns autores que perpetuaram seus escritos e por isso ganham destaque nas páginas dessas grandes referências, não obstante, há os que hoje já não são tão lembrados por leitores e estudiosos, por, talvez, não demarcarem seu nome da história das letras ou, terem sido muito famosos em certo tempo, e hoje já não mais.

Machado de Assis e Manuel Antônio de Almeida são as duas figuras em relevo na lista de autores brasileiros que publicaram no **Jornal do Pará**. Ainda hoje suas produções são lembradas e referidas por outros grandes nomes da crítica literária, editoras, professores, leitores e outras tantas instituições que juntas constituem as instancias que legitimam um autor no cânone nacional. Seus nomes ocupam grandes espaços nos livros que registram a história de nossa literatura.

O reconhecimento de **Manuel Antônio de Almeida** pela História Literária deve-se principalmente à publicação de Memórias de um Sargento de Milícias, obra que possibilitou

que o autor mostrasse ao público seu talento como prosador. Josué Montello, em um capítulo da obra organizada por Afrânio Coutinho, **A literatura no Brasil**, versa sobre Almeida:

As Memórias de um Sargento de Milícias foram primitivamente publicadas em folhetim no Correio Mercantil do Rio de Janeiro [...] Manuel Antonio de Almeida, que as redigia para o suplemento do Correio, realizara uma obra-prima sem se dar por isso. [...] O escritor cearense vai dominar, durante longo período, como a sua primeira figura, o romance brasileiro. Mas só depois do advento do Naturalismo em nossa literatura, ou seja, no derradeiro quartel do século XIX, far-se-ia justiça aos merecimentos de Manuel Antonio de Almeida, conferindo-se-lhe então o papel de antecipador do Realismo literário no romance brasileiro. Daí por diante, iria sempre crescendo a glória do romancista. E as Memórias de um sargento de milícias, analisadas através de sucessivas gerações, estão hoje em nossas letras como algo de definitivo, senão como obra-prima, pelo menos como obra viva, não envelhecida pelo tempo (MONTELLO, 1999, p. 125.).

Para José Veríssimo, com a morte de Manuel Antônio, naufragou a talvez mais promissora esperança do romance brasileiro (1998, p.278). Nas Histórias Literárias Nacionais pouco se tem espaço para quem foi Almeida do ponto de vista biográfico. Onde nasceu, onde se criou. Ao contrário, dá-se grande espaço para comentários e análises de sua maior obra ficcional, exaltando seu romance como grande marco no romantismo brasileiro:

O triunfo cabe ao romance social de conteúdo dramático amoroso e lírico e de ambientação contemporânea. Apresenta-se perfeitamente equacionado com as paisagens urbanas e rural brasileiras, enquanto registra uma sociedade em mudanças e a estratificação daquele que proveio da herança colonial da nossa formação. Suas realizações mais legitimamente brasileiras datam Joaquim Manuel de Macedo a José de Alencar, Manoel Antonio de Almeida, Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay, Franklin Távora, entre os românticos. (CASTELO, 1979, p. 249).

Candido refere que, os contemporâneos, embora estimassem Almeida como homem e jornalista, parecem não ter prezado do mesmo modo a sua obra “Memórias de um Sargento de Milícias”, por desacordo com os padrões e o tom do momento. Pois, de fato, o extremismo poético e o extremismo fantástico se aceitam mais facilmente quando há um ambiente e época de exaltação sentimental e vocação retórica, que a forma timbrada por ele, de cabeça fria, no seu livro de costumes urbanos.

Só depois de Machado haveria refinamento suficiente do estilo e da penetração literária, que permitisse descobrir o mundo no próprio quarto; nem era Manuel Antonio, apesar de médico, homem de microscópio e escapelo. Limitou-se, pois, no espaço, tanto geográfico quanto social: ficou

no Rio do primeiro quartel do século XIX, no ambiente popular de barbeiros, e fora da qual só restava a massa de escravos e o reduzido punhado de recente cortesãos. (CANDIDO, 2012, 532).

Numerosos são os elogios ao romance de Almeida, que naquela época era uma grande promessa da escrita nacional por sua peculiaridade e ousadia em retratar a realidade social na cidade do Rio de Janeiro vista pelos olhos de gente simples e comum, com trejeitos informais e autênticos. A fortuna crítica de Manuel Antônio de Almeida demonstra duas vertentes principais no que diz respeito a maior obra do autor: a primeira afirma que o romance se enquadra nos moldes da literatura picaresca, gênero literário surgido na Espanha, no século XVI, desconsiderando em que proporções autor teve ou não consciência da existência desse gênero. Alfredo Bosi, Mário de Andrade, Josué Montello e Antonio Candido – em um primeiro momento, no texto “Manuel Antônio de Almeida: o romance em moto contínuo” – defendem este discurso. Por outro lado, o próprio Antonio Candido, anos mais tarde em seu texto “Dialética da malandragem” (1970), questiona a hipótese de uma literatura picaresca em “Memórias de um Sargento de Milícias”. Neste texto, Candido propõe que o romance tem a presença de um herói malando e evidencia a coexistência dos universos da legalidade e da ilegalidade, onde os personagens transitam entre os dois extremos da ordem e da desordem naturalmente.

Mário de Andrade enfatiza que das páginas do **Correio Mercantil** iriam surgir “um dos romances mais interessantes, uma das produções mais originais e extraordinárias da ficção americana” (ANDRADE, 1974, p. 145). Para Mário de Andrade. O romance de Almeida foi de uma singularidade para a época, pois expunha o leitor a um quadro rico de costumes e comportamentos às vésperas da Independência (ANDRADE, 1974, p. 153). Sobre a presença da picaresca, Mário afirma que o livro apresenta ao leitor “os casos e adaptações vitais de um bom e legítimo ‘pícaro’, o Leonardo” (p. 145).

Josué Montello (1999, p. 130) demonstra estar de acordo com o que afirma Mário de Andrade, segundo ele, “se há na literatura brasileira exemplo objetivo de novela picaresca, identificá-lo-emos certamente nas Memórias de um sargento de milícias”, pois “Manuel Antônio de Almeida dá preferência ao herói modesto, que se defende das hostilidades do mundo com o imprevisto de embustes e ardis, ou seja: ao pícaro, da velha tradição literária espanhola”. (MONTELLO, 1999, p. 127).

Antonio Candido (2012), em sua obra “Formação da literatura brasileira: momentos decisivos” que antecede o muito conhecido “Dialética da malandragem”, postula que Almeida parte a tensão romântica entre o bem e o mal por meio do nivelamento divertido dos atos e

caracteres com uma imparcialidade com que trata os personagens, e isto se deve ao fato de Almeida não se concentrar em “revelar as camadas profundas do ser”, nem estudar os “problemas e contradições do espírito” (2012, p. 216). Para Candido esta é a situação em que se encontra o romance picaresco de Manuel Antônio de Almeida: o autor explora muito mais o espaço geográfico e social do Rio de Janeiro: “limitou-se, pois, no espaço, tanto geográfico quanto social: ficou no Rio do primeiro quartel do século XIX, no ambiente popular de barbeiros e comadres [...]”. (CANDIDO, 2012, p. 217). Na verdade o leitor encontra a narração marcante dos acontecimentos no popularesco Rio de Janeiro, afirmando mais diretamente a hipótese de filiação de Memórias à picaresca, o crítico diz que “o livro aparece, pois, como sequência de situações, cuja precária unidade é garantida pela pessoa de Leonardo, verdadeiro pretexto, como nos romances picarescos”. (CANDIDO, 2012, p. 218).

Mais direto foi Alfredo Bosi ao postular que todos os romances derivados do picaresco têm mais ou menos a mesma estrutura, que visa romances de costumes, focados nas ações do personagem central em diversos espaços físicos e sociais. Este protagonista tende sempre a ser um anti-herói que não se encaixa nas qualidades tradicionais já conhecidas pelo público do romantismo, além de apresentar também outros personagens de origem simples, pobre, mas com personalidade astuta o suficiente para sobreviver em sociedades cheias de mazelas e vícios sociais (2006, p. 133).

Já **Machado de Assis**, é mencionado em absolutamente todas as histórias literárias em que pesquisamos. Algumas vezes com uma página ou trecho dedicado somente à vida e obra do escritor, mas em sua maior parte, relacionando-o com outros autores e obras de mesmo feito ou época.

Chegamos agora ao escritor que é a mais alta expressão do nosso gênio literário, a mais eminente figura da nossa literatura, Joaquim Maria Machado de Assis. No bairro popular, pobre e excêntrico do Livramento, no Rio de Janeiro, nasceu ele, de pais de mesquinha condição, a 2 de junho de 1839. [...] Ao contrario de alguns notáveis escritores que começaram pelas suas melhores obras e como que nelas se esgotaram, tem Machado de Assis uma marcha ascendente. Cada obra sua é um progresso sobre a anterior. Ou de própria intuição do seu claro gênio, ou por influencia do meio particular literário em que se achou, fosse por que fosse, foi ele um dos raros, senão o único escritor brasileiro do seu tempo que voluntariamente se entregou ao estudo da língua pela leitura atenta dos seus melhores modelos (VERÍSSIMO, 1998, p. 405, 411, 412)

Ao tecer elogios e honras ao escritor fluminense, Veríssimo ressalta que ele é único e inestimável. Sobre a sua poesia, Veríssimo destaca que o escritor é um dos poucos nossos que teve distintamente qualidade de emoção e profundidade de sentimento, aspectos que Machado manifestou desde a sua estreia. Como prosador, considera que ele foi além de livros de contos e romances, fez também carreira no teatro, na crítica e nas crônicas jornalísticas. Do conto, foi ele, se não o precursor, um dos primeiros cultores e porventura o primacial escritor na língua portuguesa.

Geralmente reconhecido como um grande romancista, Machado de Assis também foi um grande contista, sendo a sua produção no gênero estimada em torno de pouco mais de duas centenas, de acordo com John Gledson.

Em sua caminhada literária buscou se aproximar da escrita. Publicou seu primeiro poema, “Ela”, em 1855, após tornar-se colaborador do periódico **Marmota Fluminense**, de Francisco de Paula Brito. No ano seguinte foi tipógrafo na **Tipografia Nacional**³⁰. Machado de Assis teve uma relação intrínseca com jornais e periódicos. A **Gazeta de Notícias**, **A Estação** e o **Jornal das Famílias** foram os periódicos de mais importância para o exercício de Machado de Assis enquanto autor de contos. Somente no **Jornal da Família** o nome de Machado – entre o nome verdadeiro do autor e seus pseudônimos - apareceu oitenta e cinco (85) vezes assinando contos entre os anos de 1864 e 1878. Na **Gazeta de Notícias** o autor esteve presente cinquenta e seis (56) vezes, de 1881 a 1897, e, por fim, n’**A Estação**, foram registrados trinta e sete (37) contos do escritor fluminense, entre 1879 e 1898.

Como vimos, grande parte de sua produção contista está presente em periódicos, outra parte, ou até os alguns dos mesmos contos de periódicos, foi destinada à coletânea de contos que o autor publicou ainda em vida. Machado selecionava alguns de seus contos e os reunia em forma de coletânea. De sua produção, sete volumes foram organizados e receberam os títulos: “Contos Fluminenses” (1870), “Histórias da meia-noite” (1873), “Papéis Avulsos” (1882), “Histórias sem data” (1884), “Várias histórias” (1896), “Páginas recolhidas (1899) e “Relíquias da casa velha” (1906), junto a estes, podemos somar outras duas publicações póstumas, “Outras relíquias” (1910) e “Novas relíquias” (1932).

Perfeccionista, Machado de Assis demorou mais de dez anos de exercício do gênero para publicar o primeiro volume, além de ter escolhido apenas sete, dos mais de vinte contos que já havia escrito para estrear nesta primeira coletânea, intitulada de “Contos Fluminenses”.

³⁰ Inicialmente denominada Imprensa Régia, foi criada no contexto de instalação da corte portuguesa no Brasil, pelo decreto de 13 de maio de 1808, com o objetivo de imprimir toda a legislação, papéis provenientes das repartições reais e quaisquer outras obras em geral.

De aproximadamente mais de duas centenas de contos produzidos, apenas setenta e seis estiveram em coletâneas. É possível notarmos, com a soma de números de contos publicados em cada coletânea, que grande parte – a maioria – de suas produções contistas não integrou nenhum livro, sendo produções avulsas e muitas vezes publicadas somente em jornais, como é o caso da prosa “Muitos anos depois”, veiculada somente em periódicos.

John Gledson enfatiza que a produção contista de Machado é marcante no universo literário, além de exaltar a habilidade do autor para o exercício: “Ninguém nega a qualidade de Machado como contista, um dos melhores da história da literatura brasileira, digno de comparação, em muitos momentos, aos maiores contistas de sua época [...]” (GLEDSON, 2006, p. 35).

Sobre Machado de Assis há certa dificuldade de se falar algo novo, uma vez que o escritor é merecidamente consagrado há décadas e possui uma profusa crítica sobre suas obras. Marlí Furtado em seu texto “Machado de Assis: do século XIX ao XXI, uma teoria ainda válida” (2008, p 160.) chama-nos atenção para os diferentes momentos da recepção crítica de Machado. Segundo Hélio de Seixas Guimarães, a tríade inicial que compõe a crítica machadiana conta com Silvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo. O segundo grupo de autores compreende os anos 1939 e 1958 e relaciona nomes como Lúcia Miguel-Pereira e Augusto Meyer. Roberto Schwarz, John Gledson, Alfredo Bosi e Antonio Candido são outros estudiosos mais recentes que compõem a crítica do escritor.

Em seu texto “Estudo Crítico e Biográfico”, Lúcia Miguel-Pereira dá à obra de Machado uma interpretação de cunho social, cultural e psicológico. O texto de Lúcia pertence até os dias atuais como referência em estudos machadianos.

A autora dedicou um capítulo à parte em sua outra obra “História da Literatura” (1998) e dispensa a possibilidade de atrelá-lo a uma escola ou movimento literário por acreditar que Machado de Assis é uma exceção no Brasil do século XIX e XX pela capacidade de “se elevar do particular ao universal, daquele dom sutil de conferir profundo alcance a pormenores aparentemente banais, de extrair deles a sua essência, sem nunca recorrer à ênfase” (1998, p. 78).

Para Lúcia Miguel, o autor figura como um dos principais da literatura nacional e suas produções já apontavam que o escritor alcançaria este alto patamar, ainda que suas obras abordassem temas comuns como o amor e problemas sociais. Sobre as primeiras obras do autor, Lúcia frisou:

Machado de Assis não se revelava nos livros em prosa que começou a publicar, a partir de 1870, mais livre do que seus antecessores. Nada havia de chocante em que *A pata da Gazela* fosse do mesmo ano que os *Contos fluminenses*, ou a *Escrava Isaura* fosse do mesmo ano que *Histórias da Meia-Noite* (p.35).

A separação da produção machadiana em duas etapas distintas, feita por grande parte da crítica em geral, acaba por relegar seus primeiros contos como textos fantasiosos e meras histórias românticas. Em “*A Máscara e a Fenda*”, de Alfredo Bosi (1981, p. 437) afirma que os primeiros contos de Machados comumente são ignorados em antologias:

Machado de Assis escreveu umas duas centenas de contos. Entre eles, creio, alguns dos melhores já escritos em língua portuguesa, ao lado de não poucas histórias presas ao romantismo urbanizado da segunda metade do século XIX. Quem faz uma antologia prefere excluir a maioria dessas últimas, sem dúvida menos sugestivas esteticamente; [...] O jovem contista exercia-se na convenção estilística das leitoras de folhetim, em que os chavões idealizantes, mascaravam uma conduta de classes perfeitamente utilitárias.

Afrânio Coutinho (FREITAS apud 2007; 1966, p. 16), porém, descarta a possibilidade de uma mudança repentina na forma de escrever do contista. O que há na verdade é um processo de amadurecimento, natural e já esperado, pois com o tempo o escritor tem acumulações de experiências, ponto de vistas e perspectivas literárias.

Não há dúvidas da grandiosidade do escritor nos estudos literários e a vasta crítica sobre ele reafirma sua notoriedade na história da literatura.

2.3 Apreciáveis e olvidados

Em nossa história literária há também aqueles que não perpetuaram seus nomes e seus escritos para além dos séculos. Estes escritores talvez não tenham alcançado a estima da crítica ou do público, ou até mesmo foram notáveis em seu tempo, mas não se estenderam em sua popularidade. Antonio Candido versa sobre a aceitabilidade de escritores e os elementos que o levam ao topo do reconhecimento:

A posição do escritor depende do conceito social que os grupos elaboram em relação a ele, e não corresponde necessariamente ao seu próprio. Este fator exprime o reconhecimento coletivo da sua atividade, que deste modo se justifica socialmente. Deve-se notar, a propósito, que, embora certos escritores tenham individualmente alcançado o pináculo da consideração em

todas as épocas da civilização ocidental, o certo é que, como grupo e função, apenas nos tempos modernos ela lhe foi dispensada pela sociedade. Tais fatores aparecem na realidade unidos e combinados, dependendo uns dos outros e determinando-se uns aos outros conforme a situação analisada. Deste modo é que se deve considerá-los, relacionando-os, além disso, ao segundo grupo de fatores, que integram o conceito de público. (CANDIDO, 2006, p.96)

Grande parcela dos autores da prosa de ficção brasileira no século XIX circulava no meio intelectual e político. Era significativo o número de professores, jornalistas, doutores, historiadores e figuras políticas que participavam de grupos literários ou que tinham alguma relação próxima às letras. Em oposição à representação do autor como sujeito laborioso, havia aqueles que se apresentavam como produtores de textos imaturos ou ociosos, que criam a obra literária nas horas vagas ou ainda com o simples intuito de distrair e entreter o público. Segundo Germana Sales³¹, a relação do escritor com seu público era primordial para a sua ascensão no campo em que se dedicava:

A influência e as importantes ocupações não seriam as principais fontes para gerar sucesso literário. O mais considerável seria a relação que o autor empreendia diretamente com o leitor, o real receptor das obras, o que comprava e lia. A boa recepção de público garantia o direito de reconhecimento pelo editor, que detinha o poder de barganha, definindo assim a tiragem das obras e o retorno financeiro, ainda que este interesse fosse mascarado pela maioria. [...] Acompanhando rapidamente a evolução da prosa de ficção brasileira e a maneira como seus autores foram se firmando no mercado editorial, observa-se que todo este percurso foi marcado pelas relações que envolveram os escritores, suas relações afetivas com amigos, as relações com os editores da época e as posições políticas e sociais que ocupavam. (SALES, 2003, p. 88)

Aureliano José Lessa é um dos autores que gozava de uma confortável posição social. Sempre ao lado de Alvares de Azevedo, Bernardo Guimarães e do grupo que estudava na Academia de São Paulo, Aureliano é relacionado nas histórias literárias sempre ao período romancista chamado de “segunda geração”, de acordo como alguns estudiosos classificam. Nelson Werneck Sodré inclui Aureliano em uma reconstituição cronológica dos principais acontecimentos literários na fase do romantismo “Em 1872, Machado de Assis lança o romance *Ressurreição*, Taunay aparece com *Inocência*, Narcisa Amália desponta com *Nebulosas* [...]; surgem também as Poesias Póstumas de Aureliano José Lessa [...] (SODRÉ,

³¹ Em sua tese Germana Sales propõe, a partir da leitura de prefácios, a análise de categorias como: o perfil dos leitores, a imagem do autor e a construção do gênero romanesco na primeira metade do século XIX, através do próprio discurso do escritor. Cf. SALES, Germana. **Palavra e Sedução – Uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas: 2003

1982, p.380) ”. Já em outro trecho, Werneck classifica Aureliano como integrante do que ele classifica como “poetas menores” (SODRÉ, 1982, p.359).

Assim como Werneck, José Veríssimo (1963, p. 282) cita Aureliano como grande amigo de Bernardo Guimarães e o classifica como “poeta menor”, mas ao decorrer de suas palavras diz que além destes que ele qualifica como “poetas menores” há outros que possuem menor merecimento e reputação.

Para Silvo Romero (2001, p.793), Aureliano é um escritor que não teve todo o reconhecimento que mereceu e os escritos sobre ele deixam a desejar a magnitude do poeta. Além do mais, sem a fama, o caso de Aureliano, que era ligeiramente mais objetivo que Álvares de Azevedo em seus poemas, e de um sentimento menos intenso que qualquer outro poeta desta geração, nem assim escapou aos estigmas característicos da segunda geração romântica. Romero afirma que no período de 1846 a 1856, na Academia de Direito de São Paulo os moços que ali estudavam cultuavam a bela literatura, e tinham nomes como; Álvares de Azevedo, Aureliano, Bernardo, José Bonifácio e outros. Bernardo e Aureliano, mineiros, eram inestimáveis amigos, de forma que a amizade entre ambos era maior que qualquer um deles e Azevedo. Por razões psicológicas, os dois mineiros eram avessos a essa turbulência de ideias adequadas à índole de Azevedo. Azevedo tomou-se de todas as formas pelo romantismo, o que lhe sacudiu as ideias, convicções religiosas. Em contrapartida, Aureliano e Bernardo, conquanto afetados pelo mal até certo ponto, não deixaram no interior de serem idealistas, crentes e religiosos em alto grau. A leitura atenta dos escritos de Lessa seria a prova disso. Para o autor, dos três, Aureliano foi quem deixou menor produção, mas não era inferior aos dois, pois Lessa era o que aliava mais naturalidade e mais idealismo; sua poesia era leve, espontânea, e tomava o tom do momento.

Aureliano não deixou obras. Doze anos depois seu irmão, após apanhar seus escritos aqui e ali, publicou uma porção deles com o título de “Poesias Póstumas do Dr. Aureliano José Lessa”. Um livro pequeno, de pouco mais de cem páginas. Segundo Romero, Aureliano não vale pelo que fez ou deixou, ele vale pelo que era, poeta de talento, e como tal deve ser tratado.

Bernardo Guimarães escreveu sobre o amigo:

Nasceu Aureliano José Lessa em 1823, na cidade de Diamantina [...] A paixão pela poesia e pela literatura amena distraía por demais naquela época a mocidade acadêmica de seus estudos escolares. [...] Graças à sua fácil inteligência, poucas horas bastavam a Aureliano para desempenhar os seus deveres escolásticos; o resto do tempo dissipava-o ele alegremente em convivências e palestras, improvisando estrofes fugitivas, ou discutindo literatura entre seus amigos. [...] Era sempre a mesma criança travessa,

espirituosa, volúvel e dotejante. Não vá, porém, o leitor pensar que ele era um desses sensualistas libertinos e descritos. Era um epicurista *sui generis*. Suas orgias, se orgias as pode chamar, nunca tinham por teatro o lupanar ou a casa de jogo, ou qualquer outro lugar de devassidão ou crápula grosseira. Eram delírios galhofeiros em roda da mesa, em companhia de alguns poucos amigos. [...] Era uma devassidão do espírito, se assim me posso exprimir, jovias e inofensiva, e não gozos do sensualismo material. Eram, desculpem-me se repito tantas vezes a frase que melhor o caracteriza, eram orgias de criança. (2001 *apud* ROMERO; LESSA 1873, p. VI)

Já em “História da Literatura Brasileira”, de Arthur Motta, temos a posição que se contrapõem ao que afirma Silvio Romero e Bernardo Guimarães sobre o jovem doutor. Ele elenca um grupo de escritores em que Lorde Byron exercia influência direta:

A denominada escola Paulista constitui o período do scepticismo, primeiramente com o triumvirato Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães, sob a influencia directa de Byron e Musset. (MOTTA, 1978, p. 264)

Afrânio Coutinho também ressalta a amizade intensa de Bernardo Guimarães e Aureliano, destacando a paródia que Bernardo fez da modinha “Lembranças de nosso amor” muito popular do amigo Lessa. Para Coutinho, Aureliano não fugiu da influência do Romantismo, nem ao “mal do século”, mas o fez de maneira mais suave que Alvares de Azevedo. Em poucas linhas, contradiz de forma mais intensa o que Silvio Romero pensa sobre Aureliano como autor: “Sua leitura, hoje, leva a estranhar-se a benevolência com o que o tratam, entre outros, Silvio Romero, pois não há nada na “mediocridade incolor de seus versos” que justifique tal tratamento (CANDIDO, 2012, p. 185).

Alfredo Bosi é quem traz à tona a perda de ligação direta com o público que Aureliano sofreu, mas não acrescenta informações sobre o autor, apenas o refere basicamente como a geração que apareceu nos anos cinquenta e que perdeu contato com o público, e que era acadêmico de direito, nascido em Diamantina, amigo de Bernardo e Azevedo, que teve sua obra publicava postumamente pelo irmão (BOSI, 2006, p.117)

Antonio Candido, em “Formação da Literatura Brasileira”, afirma que devemos procurar em poetas como Aureliano, Azevedo, Guimarães, Varela, Casimiro de Abreu, entre outros, o pessimismo, humor negro, perversidade e a grande vocação pela poesia. Candido afirma que estes poetas falharam em suas carreiras sociais, pois isto era incompatível com a vocação da poesia. Ao citar Aureliano, afirma que o doutor caía de bêbado pelas ruas, por escolher as veredas mais perigosas, a fim de experimentar o próprio ser. Ao falar sobre os chamados “poetas menores”, julga ser difícil apurar os que merecem referência. Para Candido, Aureliano é diferente dos outros, pois embora o tom seja semelhante ao de Bernardo

Guimarães, Aureliano Lessa possui a arte mais tosca e temperamento mais tendencioso à melancolia. Sua poesia é geralmente banal, discursiva e pueril, e não justifica a posição que ocupa. Para ele esta posição deve-se, com certeza, a uma espécie de parasitismo em relação a seus dois companheiros Azevedo e Bernardo e alega que há muito pouco do que deixou após a sua morte, mas afirma merecer alusão ao seu formoso poema “Ela”. Nenhuma referência a Aureliano José Lessa como prosador foi feita em qualquer história literária, o autor é sempre lembrado como poeta e grande amigo de Azevedo e Guimarães.

Francisco Bernardino é o segundo autor brasileiro presente no **Jornal do Pará** que elencamos como apreciável, porém, esquecido. No âmbito das letras, Francisco Bernardino foi sinônimo de referência e presença assídua nas páginas de dois conhecidos periódicos do Rio de Janeiro nos oitocentos: a **Revista Popular** e o **Jornal das Famílias**.

É então necessário que falemos sobre a ligação entre os dois periódicos, o que justifica a grande publicação do padre nos dois impressos. Em 1859, L. B. Garnier³² deu início à **Revista Popular**, que circulou até o ano de 1862, quando deu lugar ao **Jornal das Famílias**, famoso periódico fluminense que circulou até o ano de 1878. Os dois periódicos seguiram linhas diferentes quanto a seus propósitos de publicações: a **Revista Popular**, a fim de seguir o título, buscava divulgar diferentes temas, tendo como uma das principais características a publicação eclética. A **Revista Popular** buscava alcançar a todos os gostos e por isso várias eram as seções diversificadas. Já o **Jornal das Famílias**, de propriedade também de Garnier, tinha por interesse agradar especialmente ao público feminino. Suas publicações eram tomadas de textos literários, receitas culinárias, artigos para o lar e todo conteúdo doméstico que conquistava leitoras da época. Mesmo com direcionamentos diferentes, na **Revista Popular** também era possível encontrar textos de conteúdo feminil, os quais eram publicados em seções específicas. É possível que o aumento de leitoras que consumia a **Revista Popular** tenha encorajado Garnier a criar o **Jornal das Famílias**. Este, por sua vez, ia às ruas uma vez por mês apenas, porém havia de se considerar suas 32 páginas em um único exemplar e o fato de que o jornal era impresso na França, diferente da **Revista Popular** que era impressa no Brasil.

Uma peculiaridade da **Revista** era sua preferência por artigos nacionais. Dessa forma, a **Revista** tinha em seu grupo de colaboradores autores brasileiros como: Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, Joaquim Manuel de Macedo, o padre Francisco Bernardino de Souza, entre outros.

³² Um dos principais editores do Brasil na segunda metade do século XIX. Francês construiu a Livraria Garnier no Rio de Janeiro que era responsável por editar seus livros no Brasil e imprimir em Paris e em Londres.

As publicações de Francisco Bernardino no periódico foram recorrentes. A tabela abaixo ilustra algumas publicações³³:

TABELA 04 - Publicações na Revista Popular

TOMO VIII	SEÇÃO	TÍTULO	PÁGINA
Outubro	Descrições	<i>Ilha de Itaparica</i>	152, 229 e 285
a	Literatura	<i>Literatura na Bahia</i>	17
Dezembro	Variedades	<i>O Jornalismo</i>	77
de 1860	Variedades	<i>A Lei dos Contrastes</i>	81
TOMO IX	SEÇÃO	TÍTULO	PÁGINA
Janeiro a Março	Variedades	<i>Recolhimento de Sr. Raymundo na Bahia</i>	148
de 1861	Variedades	<i>O anno de 1860</i>	21
TOMO X	SEÇÃO	TÍTULO	PÁGINA
Abril a Junho de 1861	Variedades	<i>Cadáver</i>	51
TOMO XII	SEÇÃO	TÍTULO	PÁGINA
Outubro a Dezembro de 1861	Descrições	<i>A Senhora das Candeias</i>	193
TOMO XIII	SEÇÃO	TÍTULO	PÁGINA
Janeiro a Março	Descrições	<i>Festas Populares</i>	261

³³ Os registros de Francisco Bernardino nos dois periódicos puderam ser encontrados pelo fácil acesso aos jornais no site da Hemeroteca Digital. Com a ferramenta da busca foi possível identificar as nomeações do escritor em todas as edições disponíveis, além disso, ambos os jornais contam com uma lista de publicação de todas as narrativas ao fim de cada tomo.

de 1862	Variedades	<i>O anno de 1861</i>	35
TOMO XIV	SEÇÃO	TÍTULO	PÁGINA
Abril a Junho de 1862	Variedades	<i>A Tempestade</i>	306
TOMO VXI	SEÇÃO	TÍTULO	PÁGINA
Outubro a Dezembro de 1862	Contos e Narrativas	<i>Reminiscências da minha terra</i>	157

Os registros do Padre Francisco Bernardino na **Revista Popular** se concentram nos dois últimos anos de existência do periódico. Os textos do cônego tornam-se recorrente nas páginas do jornal de modo que suas publicações foram quase que consecutivas em cada tomo e algumas vezes o mesmo tomo trazia mais de uma narrativa de sua autoria. Na **Revista Popular** o padre versava sobre diferentes temas, desde uma prosa de ficção até textos relacionados a cultura e região do Brasil.

No decênio de 60, o padre publicava no então **Jornal das Famílias** onde seu nome era constante tanto na seção “Romances e Novelas” quanto na de “História”. A última história assinada pelo padre no periódico fluminense intitula-se “A saída do Egito”, em abril de 1867. Outros dois textos foram registrados nessa mesma seção – “História” –, assinados por Emília Augusta Gomide Penido. Ambos também possuíam ênfase religiosa, tendo como título “A ressurreição de Cristo”, em junho de 1867, e “O milagre de Nain”, junho de 1868. Após isso a seção é extinta, além de a participação do padre ser interrompida em todo o periódico.

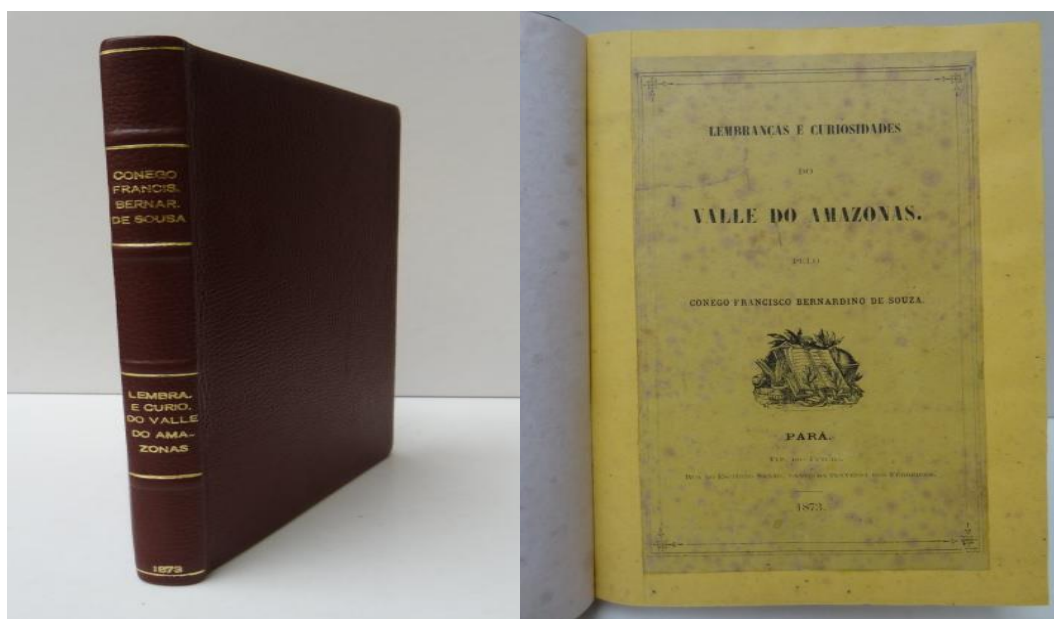
TABELA 05 - Publicações no *Jornal das Famílias*

SEGUNDO	SEÇÃO	TÍTULO	PÁGINA
ANNO	Historia	<i>A volta do cativo</i>	14
1864	Historia	<i>A morte do Baptista</i>	154
	Historia	<i>Suzana, a casta</i>	198

	Historia	<i>Bethsalbée</i>	296
	Viagens	<i>O peráio</i>	355
	Mosaico	<i>Eis o que me resta...</i>	172
	Romances e Novellas	Ahasverus	78
	Historia	Eva	278
TERCEIRO	SEÇÃO	TÍTULO	PÁGINA
TOMO 1865	Historia	<i>Ressureição de Lázaro</i>	334
	Romances e Novellas	<i>A Larangeira</i>	180
QUARTO	Historia	<i>A Morte de Sansão</i>	19
TOMO 1866	Historia	<i>A tempestade e a barca</i>	77
	Historia	<i>Esau e Jacob</i>	276
	Historia	<i>Larazo, o leproso</i>	365
QUINTO ANNO	SEÇÃO	TÍTULO	PÁGINA
1867	Historia	<i>A sahida do Egypto</i>	113

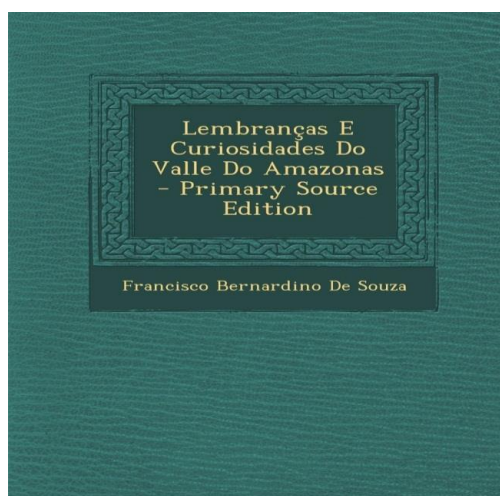
No ano de 1873, Francisco Bernardino publicou o livro “Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas”, impresso pela **Typographia do Futuro**, no Pará. A obra descreve sobre as localidades da região amazônica, informações sobre árvores, rios, clima, número de habitantes e outras diversas como, tipos de canoas, madeiras e até mesmo o processo de transformação da mandioca em farinha d’água, também podiam ser encontradas no livro.

Figura 07 – Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas, edição de 1873



(Fonte: veranunesleilão.com)

Figura 08 – Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas, edição de 2013.



(Fonte: amazon.com)

Neste trecho extraído da obra principal de Francisco Bernardino, o escritor e historiador discorre sobre a população da cidade de Belém no ano de 1868, a informação é retirada de um jornal em vigor no ano de 1869:

De um jornal que em 1869 se publicava na capital do Pará, consta qual era a população aproximada d'essa capital em 1868. Eis as próprias palavras do jornal: << POPULAÇÃO DA CAPITAL: - Segundo se lê em um dos documentos que acompanham o ultimo relatório do thesouro principal [...] a população da capital e de todo o perímetro da sua légua patrimonial, é de 21,

916 pessoas. >> Dos dados que me foi possível obter e das informações de pessoas habilitadas, creio que a população de Belém não é actualmente inferior a 35,000 habitantes. (SOUZA, 1873, p. 70)

Desse modo é possível inferirmos que a relação do escritor com a cidade de Belém foi além de seus registros no **Jornal do Pará**, em 1875, pois a região fez parte de seu objeto de pesquisa. Sacramento Blake (1897, p. 411) afirma que Francisco Bernardino “fez do Rio de Janeiro uma viagem as províncias hoje do Pará e do Amazonas, percorrendo-as como membro da comissão do Madeira³⁴, encarregado dos trabalhos ethnographicos³⁵”.

Afrânio Coutinho chama atenção para a profissão de historiador e grande figura presente no **Jornal das Famílias**, mas não refere o livro publicado pelo autor:

O padre Francisco Bernardino de Souza foi poeta, memorialista, ensaísta, orador, tradutor, jornalista, professor e membro do Instituto Histórico Brasileiro. Até o ano de 1867, foi nome constante nas páginas do *Jornal das Famílias*, tanto nas seções de “Romances e Novelas”, quanto na de “História” COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Academia Brasileira de Letras, 2001. V. 2. P. 1530. Souza, Francisco Bernardino de. “Eva”. In: *Jornal das Famílias*. Setembro de 1865. Pp. 278-282. 12 A última história assinada pelo padre intitula-se “A saída do Egito” (abril de 1867). Outros dois textos apareceram nessa mesma seção – “História” –, assinados por Emília Augusta Gomide Penido. Também possuem ênfase religiosa, sendo intitulados “A ressurreição de Cristo” (junho de 1867) e “O milagre de Nain” (junho de 1868). Depois disso a seção é extinta, além de a participação do padre ser interrompida em todo o periódico. (COUTINHO, 1989, p. 1274)

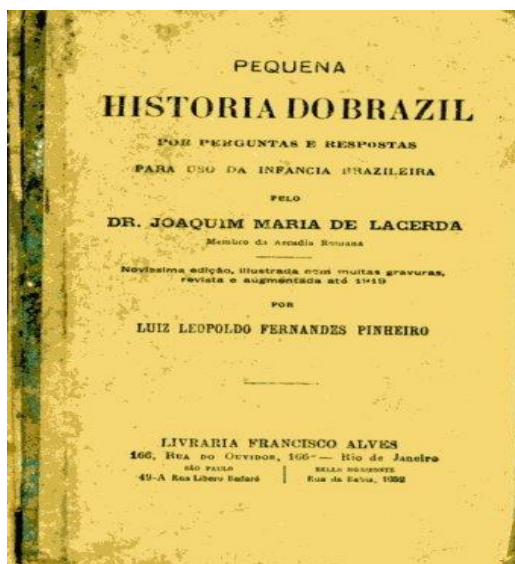
Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Júnior era de família tradicional do Rio de Janeiro. Filho de Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro e sobrinho e afilhado do cônego doutor Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. O tio e padrinho foi autor de vários livros que Luiz Leopoldo se dedicou a republicar. Segundo Carlos Augusto de Melo (2006, p. 34), em 1883, Luiz Leopoldo “conseguiu publicar a segunda edição do *Curso Elementar de Literatura Nacional* e, logo, em 1885, a quarta edição das *Postilas de retórica e poética*. Todas elas revisadas e melhoradas por ele”. Luiz Leopoldo foi professor de português e francês em Niterói, serviu também a secretaria de serviços estrangeiros, na mesma cidade, tornando-se diretor de seção posteriormente. Realizava trabalhos dedicados à poesia e à instrução escolar, corrigia, ampliava e oferecia novas edições a vários livros. Itamar de Oliveira destaca que “a *Pequena*

³⁴ Grupo de Franciscanos que foram ao Rio Madeira em 1869 com o objetivo de fazer um levantamento das possibilidades de fundar missões.

³⁵ Etnografia é por excelência o método utilizado pela antropologia na coleta de dados. Baseia-se no contato inter-subjetivo entre o antropólogo e o seu objeto, seja ele uma tribo indígena ou qualquer outro grupo social sob o qual o recorte analítico seja feito.

história do Brasil, de Joaquim Maria de Lacerda (1838/1886), foi publicada em 1880 e aumentada em 1918 por Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro. ” (OLIVEIRA, 2007, p. 122).

Figura 09 – Edição publicada por Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior



(Fonte: <https://www.traca.com.br/livro/102949/>)

O impresso **A Vida Fluminense**, em 20 de dezembro de 1873, escreve sobre **Primícias – Ensaios Poéticos**, de Luiz Leopoldo:

O livro traz uma prefação do Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, tio e padrinho do auctor. Depois da leitura diremos as nossas impressões. É edição do Sr. Granier, e pertence á sua Bibliotheca Universal.

“Musa das escolas – collecção de poesias de poetas brasileiros e portuguezes do seculo XIX”, da editora Mellier, 1889, foi o último livro comentado por Luiz Leopoldo. Além dos registros de Sacramento Blake, Luiz Leopoldo é encontrado também na “Enciclopédia de Literatura Brasileira”³⁶ de Afrânio Coutinho. O escritor foi imortalizado como nome da rua “Professor Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro” em Niterói - Rio de Janeiro.

A presença de Narciza Amália nas histórias literárias é uma grata realização, haja vista que, não era comum que escritoras fossem lembradas ou que tivessem posição de destaque no

³⁶ Poeta, cronista, romancista, tradutor, jornalista, filólogo, professor, geógrafo, historiador, fun. públ. BIBL.: Primícias. 1873 (poes, pref. Cônego Fernandes Pinheiro); Tipos e quadros. 1886 (poes., Machado de Assis); Musa das escolas. 1889 (org. antl. poes.); obra did. e trad.; cola. periód. REF.; D.A.; Blake Dic., V, 31; Inocência Dic., XVI, 44. COUTINHO, Afrânio. **Enciclopédia da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro;FAE, 1989. V,2, p 315.

século XIX. A escrita feminina não era reconhecida como a masculina e muitas vezes, mulheres utilizavam pseudônimos para esconder seus verdadeiros nomes, pois a revelação de que uma prosa fora escrita por uma mulher poderia submergir no quesito de aceitação do público. Além disso, a cultura paternalista impedia que algumas escritoras revelassem seus nomes por algum pai ou marido ciumento que não permitia tal feito. Germana Sales discorre sobre a ausência de autoras nas histórias literárias:

As histórias literárias deixaram de incluir entre Macedo, Alencar e Machado, romancistas que ilustram a história do romance brasileiro, deixaram de fora do contexto os nomes femininos que somaram na produção de prosa de ficção e que ficaram à margem. As mulheres, no século XIX, surgem como representações literárias não só de leitoras, mas, também de escritoras de romances. (SALES, 2003, p. 89)

Ainda de acordo com Sales (2003, p 88), no período posterior à independência do Brasil, o público feminino que aflorou como consumidor de literatura – quando a seleção da leitura passava pela aprovação do pai ou do marido- germinou produtores de prosa de ficção, estas, eram integrantes de associações literárias e requeriam seus direitos por intermédio de jornais que elas próprias organizavam.

Narciza Amália, marco da literatura poética na segunda metade do século XIX, pode ser considerada uma destas mulheres que viam no horizonte liberdade e igualdade de gêneros. Narciza era declaradamente republicana e escrevia artigos para diversos periódicos onde defendia a equiparação das mulheres aos homens, abolição da escravatura e a instalação da república. Narciza foi a primeira mulher jornalista do Brasil. Escreveu (2012 apud RAMALHO; CAMPOS, 1882, p.2-35):

A educação da mulher! Mas tem a mulher por acaso necessidade de ser educada? Para quê? Cautela! A mulher representa o gênio do mal sob uma forma mais ou menos graciosa e cultivar a sua inteligência seria fornecer-lhe novas armas para o mal. Procuremos antes torná-la inofensiva por meio da ignorância. Guerra, pois, à inteligência feminil!

Ainda que defensora da república como forma de governo, Narciza teria recebido a visita de D. Pedro II quando o imperador visitava Resende, em 16 de outubro de 1874. D. Pedro II estava em cidade para prestar homenagem ao pai de Narciza, o professor Joaquim

Jacome de Oliveira Campos³⁷. Ao ter conhecimento dos poemas de Narciza, quis saber onde se localizava a padaria que Narciza trabalhava, para cumprimentá-la.

Antes, Narciza Amália já ganhara reconhecimento por sua produção poética. Entre os anos de 1870 e 1872, a poetisa teve seus versos publicados em vários jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em novembro de 1872 publicou seu mais famoso livro de poesias, **Nebulosas**, pela editora de mais notabilidade da época, a Garnier. No prefácio de **Nebulosas**, o escritor Pessanha Póvoa diz “Eu peço que Julguem o livro de N. Amália, livro que ilumina a grande noite da poesia brasileira. Quando houver um Conselho de Estado ou um Senado Literário, Narcisa Amália terá as honras de Princesa das Letras.”. No periódico **Pindamonhangabense**, em 09 de fevereiro de 1873 é publicada uma crítica sobre o livro de Narciza com o seguinte comentário “Nebulosas é o título do livro de poesias que vem publicar a nossa distinta e inteligente colaboradora, a exma. Sr^a Narcisa Amália. É já por demais conhecido dos nossos leitores e, sobretudo, das leitoras, o nome desta ilustre poetisa, que faz honra e glória ao sexo a que pertence...”.³⁸

Sua genialidade na poesia e na prosa fora destacada em todo país. José do Patrocínio escreveu o poema “À Narciza Amália”, em homenagem a ela; Fagundes Varela dedicou-lhe a poesia “Tributo de Admiração – O Gênio e a Beleza”; Raimundo Correia fez em sua dedicação o “Poema da Noite”. No auge de seu sucesso como escritora, Narciza Amália escreveu o prefácio do livro de Ezequiel Freire, **Flores do Campo**, escritor, também de Resende. Foi nesta oportunidade que Machado de Assis, na **Revista Brasileira** de 1879, fez elogios ao livro de Ezequiel, destacando a escrita da poetisa. Disse Machado de Assis:

– As “Flores do Campo”, volume de versos dado em 1874, tiveram a boa fortuna de trazer um prefácio devido à pena delicada e fina de D. Narcisa Amália, essa jovem e bela poetisa, que há anos aguçou a nossa curiosidade com um livro de versos, e recolheu-se depois à *turris eburnea* da vida doméstica. Resende é a pátria de ambos; além dessa afinidade, temos a da poesia, que em suas partes mais íntimas e do coração, é a mesma. (ASSIS, 1985, p. 832)

Infelizmente, Narciza foi da consagração ao ostracismo. O sucesso que alcançou a poetisa de Resende e a sua voz na luta por direitos liberais começaram a incomodar a sociedade conservadora, católica, monarquista, escravocrata e machista. Publicou artigos

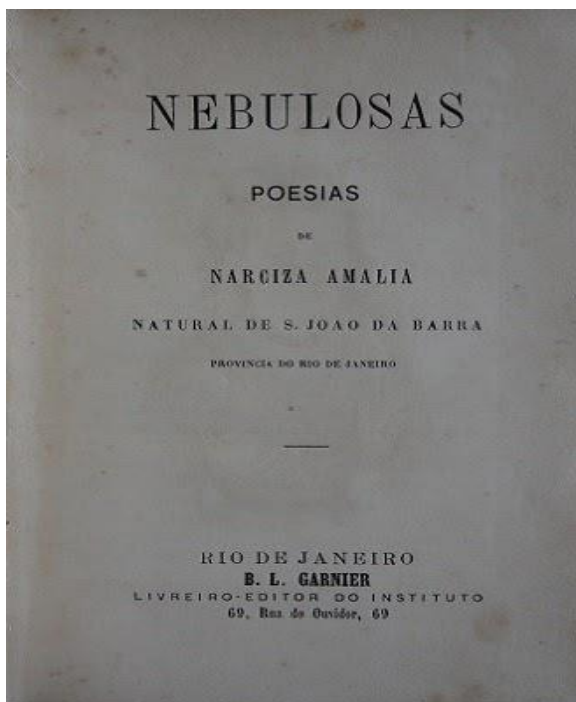
³⁷ O pai e a mãe de Narciza eram professores e figuras de muito respeito. Em 1863, ele e sua mulher, Narcisa Ignácia Pereira de Mendonça, fundaram dois colégios em Resende, um para meninos e outro para meninas.

³⁸ PAIVA, Aurélio. **A poetisa de Resende que encantou D. Pedro II e os intelectuais da época**. Diário do Vale. Disponível em: < <http://diariodovale.com.br/bastidores-e-notas-por-aurelio-paiva/a-poetisa-de-resende-que-encantou-d-pedro-ii-e-os-intelectuais-da-epoca/>>. Acesso em: 02 de agosto de 2016.

como “A emancipação da mulher” e “A mulher no século XX” obras muito a frente do tempo para o entendimento do público da época.

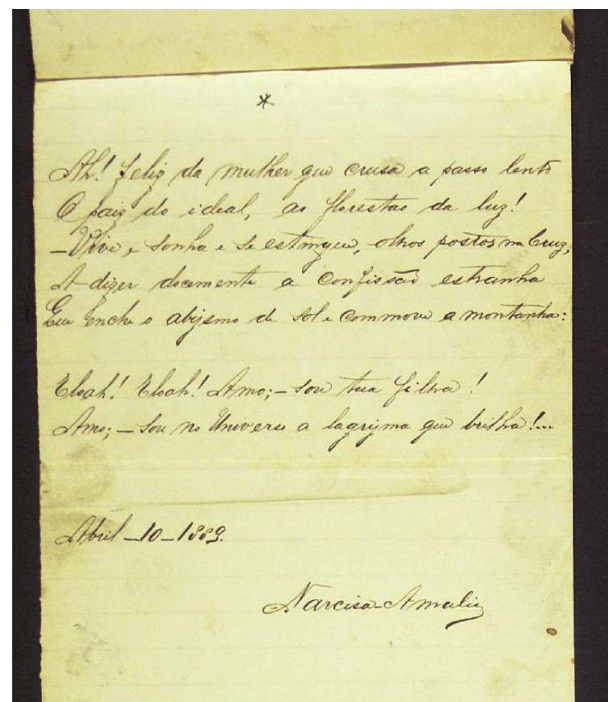
Sua condição de mulher e escritora no século XIX intensificou as críticas, e com isso, Narciza recebeu calúnias graves acerca de sua produção literária. Seu marido, depois da separação, acusou Narciza de nunca ter escrito um verso sequer. Alegou que os poemas que a esposa escrevia eram na verdade produzidos por outros homens, amantes, com quais ela teve relações amorosas. O jornalista Alfredo Sodré contestou as acusações do antigo cônjuge de Narciza e afirmou ter visto mais de uma vez a escritora produzindo seus versos. Com o testemunho de Sodré, a dúvida da autoria de “Nebulosas” foi desconsiderada.

Figura 10 – Contracapa de *Nebulosas*



Fonte: <http://www.elfikurten.com.br>

Figura 11 - Manuscrito de *Confissão*, 1889.



Fonte: Hemeroteca Digital

Entretanto, além das acusações do marido, surgiram também as críticas nos jornais por sua condição de mulher e revolucionária. No jornal **Correio do Brasil**, em dezembro de 1871, C. Ferreira destaca Narciza como grande poetisa, mas ataca seu envolvimento com as causas defendidas por ela. Segundo ele, “o melhor é deixar (o talento da ilustre dama) na sua esfera perfumada de sentimento e singeleza”.

Por fim, Narciza não conseguiu vencer o preconceito e as críticas. Sucumbiu ao esquecimento. Dedicou-se a lecionar em uma escola em Resende e deixou de lado a escrita literária. Com diabetes, faleceu sem visão e parálitica. Na cidade de Resende há uma rua com seu nome, em sua homenagem.

Semelhante afirmação fez Antonio Candido sobre a poetisa em **Formação da Literatura Brasileira** “A publicação de *Nebulosas* (1852) deu-lhe notoriedade e criou certa expectativa nos meios literários. Nada mais produziu, de apreciável, morrendo em 1924 no Rio, onde foi professora pública”. (CANDIDO, 2012, p. 716.)

Para Candido, Narciza versejava desembaraçadamente e arrancou da crítica a seguinte opinião: “Seu estilo vigoroso, fluente, acadêmico e riqueza das rimas justificam a sua já precoce celebridade, confirmam a sua surpreendente e rápida aparição precedida do respeitoso coro da crítica sincera e grave?”³⁹

Segundo o autor, Narciza está no grupo de poetisas que vão se expressar de forma a expor o humanitarismo, a rebeldia e quebranto lírico. Por mais que Castro Alves seja o maior nome reconhecido dessa geração de poetisas que exprime esses aspectos, Narciza Amália também pode ser lembrada quando se refere a este aspecto de produção poética no século XIX.

Os poemas de Narciza Amália e outros poetisas servem de documento para a história dos sentimentos liberais e abolicionistas que a partir de 70 dominaram a vida pública dos brasileiros (BOSI, 2006, p. 124). Sempre vinculada ao período chamado de “Pós-romântico”, que seria o período de 1870 – 1900, os poetisas desse período são parte comprometidos com o ultra-romantismo, e parte comprometidos com o que seria depois o Parnasianismo. (COUTINHO, 1969, p. 211)

O último autor a que nos referimos como não tão lembrado nos dias atuais é Eduardo Ferreira França. Os registros de Eduardo no campo das letras são poucos, apenas Sacramento Blake o relaciona com grupos literários. É na área da psicologia, onde Eduardo atuava mais intensamente, que podemos encontrar seu nome com destaque grandioso. Eduardo Ferreira França foi autor do livro que é considerado o mais antigo livro de psicologia das Américas, **Investigações de Psicologia**. No prefácio de seu livro, Eduardo fala sobre espírito e matéria, e como, segundo a sua concepção, um tem ação direta sobre o outro:

O homem, replicam outros, é formado de espírito e de matéria. E a divergência não pára; porque na opinião de alguns filósofos este espírito e esta matéria não só são coisas distintas e opostas, mas também

³⁹ Pessanha Póvoa. Prefácio a *Nebulosa*, poesias de Narcisa Amália, p. XXIII.

incomunicáveis; não há ação alguma do corpo para a alma, nem da alma para o corpo, e se cuidamos que a observação mostra, que por ocasião de modificações no corpo a alma é modificada, e reciprocamente, é isto uma ilusão ou apenas um encontro fortuito e arbitrário, e não pode ser explicado senão pela assistência expressa de Deus, que o torna possível. (FRANÇA, 1854, p. 1)

Segundo Bernardo de Araújo (2001, p.174) na obra, o autor procura salientar que dentro dos padrões rigorosos de investigação da metodologia científica moderna, é possível não levar em conta os extremismos do próprio empirismo, principalmente naquilo que combate o espírito. Eduardo era também filósofo, e embora envolto em ambiente científico, era adepto do Ecletismo –, filosofia que mescla o racionalismo de Descartes e o Criticismo de Kant, além da construção moral. Para Eduardo, a ação do homem provém da inspiração metafísica: Deus.

Segundo Araújo (2011, p. 171):

Ferreira França autor da célebre obra *Investigações de Psicologia*, foi um dos grandes nomes do ecletismo no século XIX. Os postulados criados pelo médico baiano representam um importante momento na história do pensamento brasileiro. Suas ações permitiram a incorporação da ciência, a manutenção da moral católica – fruto de um processo da contrarreforma – e o desenvolvimento de ideias liberais, que eram suas principais preocupações.

Durante a sua vida Eduardo procurou explicar o comportamento humano a partir de elementos observáveis. É possível que a atividade política, a representação do povo em nível nacional quando foi deputado, o tenha levado a se deparar com a questão da liberdade humana, e a refletir seu aprendizado e concepções que obteve na França, fato que culminou na produção de **Investigações de Psicologia**.

Na Memória Histórica da Faculdade de Medicina, foi registrado:

No dia 11 de março de 1857, o dr. Eduardo França, digno e estimado professor desta escola tendo resolvido, por conselho de seus médicos e amigos, empreender uma viagem à Europa, a ver se encontrava aquele alívio, que debalde procurava nos recursos, que havia empregado, faleceu em caminho de uma afeição do tubo digestivo, que lhe havia minado a saúde e a vida. A notícia de sua morte contristou esta cidade, onde era o dr. Eduardo França amado como um dos melhores filhos, prezado com um dos melhores amigos. A Faculdade cobriu-se de luto por sua morte; porque sua inteligência brilhante, seu caráter conspícuo e sua ilustração reconhecida, lhe havia conquistado a estima, o respeito e a amizade de todos. O dr. Eduardo deixou na escola e no país as mais vivas saudades e a mais cordial lembrança de suas preciosas qualidades.

No Dicionário Biográfico de Psicologia do Brasil, da Biblioteca Virtual em Saúde, Eduardo Ferreira França é citado como célebre médico e figura de destaque da área da medicina do século XIX. Sobre sua principal obra é ressaltada a vontade de Eduardo de escrever um segundo volume:

O livro contém reflexões sobre a psicologia experimental, sendo intenção sua, não concretizada, provavelmente em virtude de sua morte prematura, escrever outro livro dedicado ao que chamava de psicologia racional.⁴⁰

Antônio Paim afirma que Eduardo foi admitido na faculdade de letras, em Paris, mas optou por estudar medicina, “A 15 de abril de 1826 é aprovado nos exames que submete para o bacharelado em letras e, a 28 de fevereiro de 1828, no bacharelado em Ciências, matriculando-se, em seguida, na Faculdade de Medicina, onde apresenta tese a primeiro de agosto de 1834.” (PAIM, 1973, p. 23).

Diante do exposto sobre cada um dos autores brasileiros que circularam no periódico **Jornal do Pará**, é pertinente reiterarmos que entre os ficcionistas de prosa e poemas do século XIX, uma grande parcela pertenceu ao grupo dos "menores" ou da "safra mediana", como denominou Antonio Candido. O anonimato como escritor foi residência para estes nomes que representam o círculo dos que não lograram a glória.

Alguns de renome incontestável, como Machado de Assis e Manuel Antonio de Almeida, escreveram marcos da literatura brasileira e encontram-se em posição de proeminência em várias histórias literárias. A maioria, entretanto, publicou um número menor de obras, que não obtiveram relevo, ou dedicou-se mais ao jornalismo, à medicina, à carreira política ou a qualquer outra atividade principal em suas vidas que não a literária. Estes, quando são citados nas histórias literárias, ocupam espaços discretos e reduzidos.

De fato, tanto os de excelência conceituados quanto os que não possuem hoje a mesma notoriedade, fizeram parte da construção literária de nosso país, da tentativa de consolidação de uma literatura puramente nacional e independente. E por tal feito, devem ser lembrados e afamados.

⁴⁰ Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis1660.exe/iah/>>.

Capítulo 3

Narrativas de autoria brasileira no periódico paroara: relações temáticas

No período oitocentista o Brasil buscou a consolidação política de administração e de afirmação de identidade nacional, e a literatura ocupou o papel de contribuir para a formação e consolidação desse ideal de nação.

Em meio a este papel, as produções literárias passaram a se pautar em modelos e ideologias próprias à época. Os textos evidenciaram a continuidade de uma ordem social que vigorava até aquele momento, ou a quebra dela - no caso de grupos sociais liberais, a favor da república e/ou contra a sociedade patriarcal. Os que eram contrários consideravam que as ideias liberais e revolucionárias poderiam cindir valores morais e cristãos, além de defenderem interesses da coroa. Os que eram a favor, sustentavam que a sociedade era regida por um patronato autoritário e de patriarcalismo esclarecido, no qual as injustiças sociais eram encobertas por um discurso da classe burguesa de superioridade social.

O patriarcalismo não atuava somente nas relações políticas e administrativas, mas também orientava ações individuais e particulares na sociedade - como é o caso da educação feminina - e faziam-se ouvir por meios de suportes que adentravam nas casas de moradores da região, nas tabernas ou nas leituras em voz alta, como é o caso dos periódicos e romances.

A educação feminina foi decorrente de uma evolução social e histórica no país que passava por diversas transformações políticas e culturais. Neste momento, consolidava-se uma prosperidade urbana em que as festas, os prazeres da arte, a proliferação dos saraus - todos esses movimentos sociais foram importantes para despertar o interesse para a leitura. Sabe-se que no contexto histórico e social do Brasil oitocentista, as mulheres tinham dois oponentes fortes contra sua educação: a família e a Igreja que detinha a educação no Brasil. Num primeiro plano, e em especial, a família, que, além de destinar maior atenção à educação dos filhos do sexo masculino, dificultava o acesso à leitura. Caminhando do mesmo lado, a Igreja tinha como objetivo fazer da mulher uma mãe exemplar, sendo a maternidade a principal tarefa a desenvolver, "pois cabia à mulher cuidar da casa, da família, do casamento e dos filhos" (SALES, 2003, p. 41)

A necessidade de educação moral da mulher se consolidava à medida que o conjunto de transformações ocorridas na sociedade caminhava a favor de ideologias liberais e revolucionárias. Desse modo, a família era o ninho de instrução de boa postura e virtude, caracterizando-se como refúgio para pensamentos indevidos e desejos pecaminosos. A figura da mulher era a de guardiã e gestora do bem-estar familiar, era imprescindível, pois, que o pilar da estrutura familiar não corresse qualquer perigo de desvio de conduta.

Os periódicos conservadores cumpriam a função de auxiliar na valorização do indivíduo e educação da mulher, e tinham como papel veículos difusores de princípios morais e cristãs, além de instrumento pelo qual se pretendia educar leitoras e leitores, tornando-os sujeitos patriotas e virtuosos.

Segundo Pallares-Burke (1998), assim como na Europa, os jornais produzidos no Brasil do século XIX tinham como princípio, o projeto iluminista de veicular valores e idéias visando educar o público leitor, dentro de um projeto civilizatório. Sobretudo após a conquista da independência, “a imprensa passa a ser constantemente referida como o meio mais eficiente e poderoso de influenciar os costumes e a moral pública, discutindo questões sociais e políticas”. (JINZENJI 2008 apud BERKE 1998, p. 23)

Aparecida Paiva comenta que a presença de membros do clero em periódicos foi necessária em um momento da história que a Igreja se sentia ameaçada pelo modernismo e revoluções que o país passava:

Vivia-se em uma Republica motivada pela vontade de instruir, em um espaço social dedicado às múltiplas formas de impresso, e Igreja encontrava-se em vias de perder sua autoridade, se não se engajasse nesse processo. Tratava-se de suplantar o adversário, voltando contra ele suas próprias armas. Os clérigos, letrados por formação, deveriam assumir e manter a imprensa para uma obra de fé, ligando à constituição de um público leitor a esfera de influência da Igreja [...]. Isso significaria uma reviravolta importante nas suas funções exercidas pelos padres após terem sido predicadores, em seguida mestres de escola, era-lhes necessário tornarem-se jornalistas. (PAIVA,1999, p. 418)

Naquele momento, a religião teve papel fundamental na influência da conduta de cada indivíduo, a tentativa de desvio de conduta e da razão representava para a tradição religiosa uma perda que somente a vitalidade da fé poderia reconstruir.

No âmbito de narrativas seriadas que buscavam edificar virtudes, os maus comportamentos empregados pelas personagens acarretavam em um final trágico e de arrependimento, porém sem retorno. Um ato impulsivo e de desvio moral não ficava sem a devida punição, que poderia ser a morte, a loucura ou a solidão eterna. Esta estratégia pretendia funcionar como efeito direto nos leitores, servindo de alerta sobre um caminho sem volta e que muitas vezes destruía os mais próximos do convívio.

3.1- Narrativas brasileiras no conservador periódico paraense.

Como já comentamos no capítulo I, A folha diária, política, noticiosa e conservadora **Jornal do Pará** cedeu espaço para muitas publicações moralizantes e religiosas, mesmo tendo como viés principal a veiculação de informações políticas, comercial e administrativo. O periódico acompanhava as notícias veiculadas em outros jornais da capital da Corte, assim como as outras províncias tentavam se adequar às transformações culturais e sociais que passava o Rio de Janeiro.

Geralmente a primeira coluna do impresso paraense era a “Parte Official”, local que abrigava os ofícios de vossa majestade, o Imperador, entre outras autoridades locais.

Em 1867 Joaquim Raimundo do Lamare era o presidente da Província do Grão-Pará e no dia 08 de outubro do mesmo ano, quando a folha publicava o capítulo VII de “Memórias de um Sargento de Milícias”, o presidente fazia saber a todos os habitantes:

“Que a Assembléa Legislativa Provincial resolveu e eu sanccionei a lei seguinte:

Artigo único.

Fica o governo da provincia autorizado á despender a quantia necessária á conclusão da igreja matriz de S. João Baptista de Currealinho: revogadas as disposições em contrario. (Jornal do Pará, 08/10/1867. p. 02).

Outra recorrência no jornal eram os avisos marítimos. Raramente não havia um anúncio sobre o aporte ou zarpar de navios no porto da cidade. Encontramos no dia 08 de outubro de 1867 também, outro informe de parte do presidente da província que divulga ter sancionado a lei que autoriza a construção da ponte de Gurupá, que viabilizaria o embarque e desembarque no porto.

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléa Legislativa provincial resolveu e eu sanccionei a lei seguinte:

Artigo 1º

O governo da provincia fica autorizado a mandar consruir, no porto de Gurupá, uma ponte de madeira para embarque e desembarque dos gêneros, despendendo com ella até doze contos de réis. (Jornal do Pará, 08/10/1867, p. 01)

João Lúcio d’Azevedo (1994, p. 03) afirma que em meados do século XIX na Província do Grão-Pará, a elite dominante se beneficiava da expansão dos negócios da borracha – que teria seu estopim ao fim do mesmo século – e da navegação interior, da aceleração dos ganhos do comércio, do crescimento significativo da população ativa e do prestígio político dos representantes da Província no centro do Império.

No sábado do dia 16 de janeiro do ano de 1875, o Cônego Francisco Bernardino de Souza - que teve suas narrativas publicadas no mesmo periódico poucos dias antes -, escrevia com cerimônias e elogios ao presidente da província:

Copia.—Illm. e exm. sr.—Desejando manifestar de qualquer modo a minha muito profunda consideração para com v. exc. a minha plena adesão ao modo porque tem v. exc. administrado esta provincia, tomo a liberdade de offerecer a v.exc. para mandar distribuiu pelo pessoal e alumnas do collegio do Amparo, dusetos exemplares do meo livro.—Lembranças e curiosidades do valle do Amazonas que ficam á disposição de v. exc. no arsenal de marinha desta capital.—Deus Guarde a v. exc. —Pará 14 de janeiro- de 1875 —Illm. e exm. sr.dr. Pedro Vicente D’Azevedo, dignissimo presidente d'essa provincia.
—*Conego Francisco Bernardino de Souza* (Jornal do Pará, 16/01/1875).

Observamos, dessa forma, que o periódico paraense frequentemente oferecia espaço a publicações políticas, religiosas, literárias e noticiosas. A presença da igreja católica era recorrente, fossem em ofícios que contemplavam financeiramente construções de paróquias, avisos de missas especiais, narrativas literárias ou anúncios particulares de membros do clero.

Após perpassarmos por algumas considerações a respeito do cenário político e cultural do país na segunda metade do século XIX, analisaremos agora as oito narrativas de autoria nacional a que este trabalho se propõe. Buscamos enfatizar os aspectos que nortearam as narrativas seriadas na época, além de identificar a temática central a qual cada uma evidencia. A análise das prosas segue a ordem cronológica de publicação no periódico paraense.

Elencamos, assim, cada uma das narrativas por suas temáticas:

Romance urbano de costumes:

3.2 Memórias de um Sargento de Milícias

O famigerado romance-folhetim de Manuel Antônio de Almeida foi originalmente publicado no **Correio Mercantil** nos anos de 1852 a 1853, e retomado treze anos mais tarde no impresso paraense, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 1867, sendo o único romance-folhetim a circular no periódico. O romance de Almeida volta a ser publicado em Belém, no ano de 1898, no periódico **A Folha do Norte**.

Em 03 de outubro de 1867 o anúncio veiculado da sessão “Gazetilha” dizia: “Chamamos a atenção dos nossos leitores para o interessantíssimo folhetim, original brasileiro, cuja publicação hoje encetamos. (Jornal do Pará, 03/10/1867, p. 2) ”.

Vemos, portanto, que é de interesse do editor avisar ao público de toda forma que a narrativa começaria a circular no jornal, ainda que o romance viesse ao rodapé da primeira página com grande destaque, se algum leitor afoito folheasse a segunda página de antemão, encontraria ali o informe.

Já no primeiro capítulo do folhetim o leitor é situado quanto ao período histórico, com a seguinte frase: “Era no tempo do rei” (Jornal do Pará, 27/06/1852, p. 1). O tempo de rei a que o autor se refere data de 1808 a 1821, chamado “período joanino”, o qual caracterizou-se pela estadia de D. João VI e sua comitiva, incluindo a Família Real, no Brasil. Não há nenhuma especificação de dia, mês ou ano, apenas a inserção ao período já referido.

Com uma linguagem mais popular, esta narrativa evidencia a realidade social da classe baixa do Rio de Janeiro a partir da história de Leonardo, um jovem que se envolve em sucessivas aventuras durante a vida e que ao fim da narrativa obtêm um cargo de sargento.

A história de Almeida conta a vida de Leonardo desde o primeiro encontro de seus pais, Leonardo-Pataca e Maria-da-Hortaliça, em um navio português com destino ao Brasil. Os primeiros capítulos focalizam na relação instável de seus pais, a separação e o retorno de Leonardo-Pataca para a terra natal. Com isto, o menino Leonardo fica aos cuidados do padrinho barbeiro que sonha para o afilhado a profissão de padre. O narrador da história volta-se para a criação do pequeno e hiperativo Leonardo e para as tentativas de reconquista da ex esposa e relações de desenganos do pai com outras mulheres. No decorrer da narrativa outros personagens integram-se à trama, como a madrinha de Leonardo, que é a principal pessoa a auxiliá-lo quando enfrenta confusões.

Na segunda parte da narrativa surge D. Maria, outra personagem que se liga ao personagem principal. É amiga da Comadre, madrinha de Leonardo, e tia de Luisinha, jovem por quem Leonardo se apaixona. Contudo, Leonardo não consegue o envolvimento esperado com Luisinha, que se casa com José Manuel, personagem ambicioso que pretende herdar a herança de Luisinha quando a tia, D. Maria, falecer. Neste tempo, Leonardo torna-se um vadio, sem função e sem trabalho, e passa a ser o alvo principal do Major Vidigal, caçador de ociosos no Rio de Janeiro que obriga-o a alistar-se, caso contrário seria preso. Não é neste momento que Leonardo torna-se um homem de postura irrepreensível, ele continua a meter-se em confusões até finalmente ser preso. É quando mais uma vez D. Maria intercede por ele. Ela busca a ajuda de Maria-Regala, ex-amante do major, que consegue não somente libertá-lo, mas também o acréscimo do cargo de Sargento de Milícias.

Nesta qualidade, Leonardo passa a ajudar os meliantes da região, pois já conhece todos. Casado agora com seu primeiro amor Luisinha, após o marido da moça falecer de

apoplexia, ambos recebem uma herança, como resulta o próprio título do capítulo: “XXV Conclusão feliz”.

A marca da divisão entre as duas classes é muito bem delineada através do espaço, personagens e costumes. Almeida emprega uma linguagem de uso coloquial sem cair na linguagem de baixo calão. Já nas primeiras publicações observamos o tom cerimonial e sofisticado que Leonardo deseja dar à festa de batizado do filho, mas por fim rende-se ao divertimento peculiar que os moradores da região mais simples estão acostumados, e com isso, percebe que deste modo sente-se plenamente à vontade.

A princípio Leonardo quiz que a festa tivesse ares aristocráticos, e propoz que se dançasse o minuete da corte. Foi aceita a idéia, ainda que houvesse dificuldade em encontrarem-se pares. [...] Depois do minuete foi desaparecendo a cerimonia, e a brincadeira *aferventou*; como se dizia n'aquelle tempo. Chegaram uns rapazes de viola e machete: o Leonardo, instado pelas senhoras, decidiu-se a romper, a parte lyrica do divertimento. Sentou-se num tamborete, em um lugar isolado da sala, e tomou uma viola. Fazia um bello effeito cômico ve-lo, em trajes do officio, de casaca, calção e espadim acompanhando de um monotono zum-zum do instrumento o garganteado duma modinha pátria. O canto de Leonardo foi o derradeiro toque de rebate para esquentar-se a brincadeira, foi o adeus ás ceremoniãs. (Jornal do Pará, 03/10/1867, p. 1).

A forma excêntrica e diversa, no que diz respeito às publicações contemporâneas, é o que diferencia este romance, por se contrapor ao padrão e linguagem utilizada na época.

Este romance é, para Candido, o responsável, também, por estabelecer na literatura nacional o personagem “malandro”: o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil. (CANDIDO, 1970, p. 70).

A malandragem de Leonardo provém dos cuidados excessivos que o padrinho teve na infância, o que para o autor, é diferente da constituição do pícaro, pois este, é formado por circunstâncias obrigatórias da vida:

Na origem o pícaro é ingênuo; a brutalidade da vida é que aos poucos o vai tornando esperto e sem escrúpulos, quase como defesa. Mas Leonardo, bem abrigado pelo Padrinho, nasce malandro feito, como se se tratasse de uma qualidade essencial, não um atributo adquirido por força das circunstâncias. Mais ainda: a humildade da origem e o desamparo da sorte se traduzem necessariamente, para o protagonista dos romances espanhóis e os que os seguiram de perto, na condição servil. Em algum momento da sua carreira ele é criado, de tal modo que já se supôs erradamente que a sua designação proviesse daí -, o termo "pícaro" significando um tipo inferior de servo sobretudo ajudante de cozinha, sujo e esfarrapado. E é do fato de ser criado que decorre um princípio importante na estruturação do romance, pois

passando de amo a amo o pícaro vai - se movendo, mudando de ambiente, variando a experiência e vendo a sociedade no conjunto. Mas o nosso Leonardo fica tão longe da condição servil, que o Padrinho se ofende quando a Madrinha sugere que lhe mande ensinar um ofício manual; o excelente homem quer vê - lo padre ou formado em direito, e neste sentido procura encaminhá -lo, livrando -o de qualquer necessidade de ganhar a vida. (CANDIDO, 1970, p. 69)

Leonardo é o malandro que apesar de ter tido diversos problemas no decorrer da história, é bonificado ao fim dela por seus atos. Ainda que o personagem nunca tenha tido empenho em sua ascensão social, com trabalho árduo ou estudo, ele ascende na sociedade rapidamente. As ações de Leonardo, sejam elas benéficas ou não, acabam sendo justificadas em vista de sua finalidade, mesmo que sejam poucos os beneficiados. Isto nos demonstra que mesmo com a chegada de ideias contrárias ao sistema de relação social vigente, as ideias liberais, a ideologia que regia a convivência, era a relação baseada na troca de favores, fundamentada nas relações paternas e de poder. Foi assim que Leonardo conseguiu se livrar da prisão, D. Maria e Maria-Regala utilizam todas as formas de convencimento, até que conseguem ter êxito.

O major sorriu com cândida modéstia. A discussão foi-se assim animando; porém o major nada de ceder, até pelo contrário parecia mais inflexível do que nunca; chegou mesmo a pôr-se em pé e a falar muito exaltadamente contra o atentado de Leonardo e a necessidade de um severo castigo. [...] Ainda, porém, não tinham as três esgotado contra ele o seu último recurso; puseram-no em ação. [...] Maria-Regalada disse baixo às duas, em cujos semblantes já nem transluzia o mais pequeno vislumbre de esperança: – Ainda não está tudo perdido. [...] Maria-Regalada levou então o major para um canto da sala e disse-lhe ao ouvido algumas palavras. O major desnuviou o rosto, remexeu-se todo, coçou a cabeça, balançou com as pernas, mordeu os beiços. [...] – [senhoras, vocês] hão de ficar ainda mais contentes comigo... não lhes digo por quê, mas verão... (ALMEIDA, 1998, p. 107)⁴¹

Neste capítulo, nomeado “XXIII As três em comissão”, a Madrinha busca a ajuda de D. Maria para libertar Leonardo da prisão preso por descumprir as ordens do major Vidigal e por afrontá-lo na festa que ocorria na casa de seu pai, Leonardo-Pataca. Para conseguir este feito, as duas procuram a ex-amante do Major a fim de que ela o convencesse na soltura de Leonardo. O Major na condição de funcionário a serviço da comunidade não deveria considerar suas relações íntimas para com o cumprimento de seu dever, porém, não é o que acontece.

⁴¹A pouca visibilidade de algumas páginas digitalizadas e microfilmadas do jornal não possibilitou que alguns trechos da narrativa fossem retirados para citação da fonte primária, dessa forma, contamos também com um exemplar do romance em livro.

No que diz respeito ao leitor, Marisa Lajojo e Regina Zilberman comentam sobre a sua importância no romance de Manuel Antônio e o modo flexível como o narrador se posiciona, este modo de conquista do leitor não era inteiramente raro no século XIX:

Manuel Antônio de Almeida parece conduzir o leitor pela mão, como se o caminho a percorrer—vale dizer, a leitura autônoma da obra—fosse difícil. Atesta-o a ocorrência, em seu romance, de expressões com —vamos fazer o leitor tomar conhecimento ou o —leitor vai ver que o pobre homem era condescendente, que, chamando a atenção do destinatário para continuação do relato ou para a introdução nele de novos elementos, configuram um narrador que tutela seu leitor de modo paternalista, receoso de que a leitura, à menor dificuldade, seja posta de lado. Leitor principiante, narrador permissivo e tolerante. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1998, p. 19)

Assim, vimos como o escritor Manuel Antônio de Almeida buscou representar a sociedade do Rio de Janeiro por meio de sua obra literária “Memórias de um Sargento de Milícias”, produzida em 1852, sem ligação com a estética literária reproduzida do modelo europeu. Ainda que os desvios de conduta aqui representados pelo personagem central não fossem passíveis de punição final, o sucesso do romance-folhetim de Almeida foi com certeza preponderante para a escolha de publicação do editor do jornal que apesar de possuir um tom conservador, considerou que além de o periódico afirmar ser ninho de múltiplos assuntos, também buscava a fidelidade do leitor e conseqüentemente o aumento da vendas de exemplares.

A escolha da temática de Almeida denota sua consciência literária e nacional do país, ao reforçar durante toda a narrativa sua intenção de se distanciar dos modelos da época, que compreende a primeira metade do século XIX. Assim, Manuel Antônio mostrou a seu público, ambientes populares da cidade, priorizando as camadas onde se formavam a burguesia, e excluiu a presença dos escravos, que naquele período tratava-se da maior parcela da população do Rio de Janeiro.

Definido como romance de costumes, a prosa nos apresenta caracterizações de tipos em seu enredo, personagens que não possuem nome na história, mas que são identificados por suas profissões, posições na sociedade, ou características próprias. Além da descrição de costumes e relações sociais de homens livres que não eram escravos, mas que dependiam do auxílio dos que eram dotados do poder político e financeiro na região.

A publicação de “Memórias de um Sargento de Milícias” no **Jornal do Pará** treze anos após a sua estreia no **Correio Mercantil** reafirma a notoriedade da obra no século XIX não só na Corte, mas também em outras regiões. E o periódico paraense, provavelmente visando a ampla vendagem, não deixou de divulgar a narrativa que neste momento, após a

morte de Almeida em 1861, já havia tomado proporções significativas no que diz respeito ao gosto do público. O trecho supracitado onde o editor do impresso notifica os leitores da veiculação do folhetim revela o desejo do **Jornal do Pará** em atrair a atenção para a narrativa. “Memórias de um Sargento de Milícias”, escrita para o jornal e republicada outras vezes em diversos periódicos do país na época.

Religiosidade:

3.3 Uma visão

A fé é o ponto principal desta curta narrativa escrita por Aureliano José Lessa. Das oito narrativas identificadas, esta é a que tem a menor extensão. “Uma visão” circulou no **Jornal do Pará** em 13 de maio de 1873, na coluna “Variedade”.

Protagonista, a fé leva o narrador a experimentar sensações minuciosamente declaradas como as mais magníficas que um ser humano pode sentir. Após relatar sentir uma faísca do pensamento divino, o homem se aventurou pelo mundo atrás da resposta que o interessava:

Logo que uma centelha do pensamento de Deus alvejou em meu espírito, eu me arrebanhei aos viajares do mundo. E a fé tinha brotado em meu coração, e a coragem em minha frente.

Era um esquadrão de semblantes, de muito sorrir nos lábios e eu exclamei: -O que é sorrir? Vi também muitos homens de muito pranto nos olhos, e então exclamei: -O que é chorar? Mas os homens só responderam: - Caminha!

E eu quis caminhar, mas entorpeciam-me os paços um turbilhão de moços, velhos e creanças que de contínuo abairrando-se praguejavam, brigavam, cantavam, e soluçavam, estrangulando-se no meio de uma confusão infernal... (Jornal do Pará, 13/05/1873, p. 1).

Sem sucesso no que procurava, o homem em meio à confusão que se encontrava, resolveu indagar indivíduos, um a um, o que para eles era a felicidade. O narrador em primeira pessoa recebe de resposta inúmeras representações materiais do que seria a plena felicidade para indivíduo de gêneros, classes sociais, personalidades e idades diferentes na sociedade. Insatisfeito, buscou respostas nos filósofos da história do mundo. Várias definições o cercavam.

Então perguntei a um por um o que era felicidade.

Escutei o infante, o velho, a mãe, a donzela, o amante, o soldado, a esposa, o mercador, o sábio, o ignorante, o pai, o orpham, o padre, o rico, o pobre, o literato, o cortezão, o rei, e o poeta.

Bem assim, Platão, Erostrato, Epicuro, Demócrito, Zenon, Heráclito, Confúcio, Alexandre, Catão, Nero, Germânio, Iro, Crespo, e as duas Lucrecias. Eis o que me disseram: - A formosura, a glória, a sabedoria, a riqueza, o prazer sensual, a mesa, o jogo a dança, a orgia, e a honra.

-A felicidade é o brilho do ouro enterrado em férreos caixões; e a indolência do corpo, da ave, da flor, do rei, do idiota, e do espírito a glória militar, a tranqüilidade doméstica e familiar.

-A felicidade é a vida do marinheiro, do sacerdote, do assassino e do louco; é o amor a contemplação, a fé, a vida do probo, ou do atheu e do hypocrita.

Eu quis reflectir sobre tantas contradições, e harmonizal-as; mas a descrença engelou-me as idéias, e gemi.

O bafo de um demônio atava-me a inteligência, e o meu cérebro era como pavilhão do cahos.... (Jornal do Pará, 13/05/1873, p. 1).

O narrador quis refletir sobre cada uma delas, mas não tomou nenhuma definição como verdadeira. Foi quando seus olhos focaram na imagem de Jesus Cristo na cruz, e imediatamente perguntou a alguém:

-Quem é aquele? Bradei.

A fé, a esperança e a caridade, responderam-me.

E o que é a fé, a esperança e a caridade? Interoguei.

Disseram-me: é a felicidade. (Jornal do Pará, 13/05/1873, p. 1).

A busca pela felicidade é uma situação comum na vida do ser humano, porém, para os ensinamentos cristãos a felicidade do homem está na raiz da morte de Cristo, uma vez que só é possível ser feliz porque ele deu a vida por todos nós. As ações religiosas como a fé, a esperança e a caridade devem ser definição de felicidade. Paralelamente à exibição de valores morais, o conteúdo voltado para a difusão da religião cristã teve destaque nesta narrativa. Lessa, como postulamos no capítulo II, era um homem de fé e, portanto, não é surpresa que esta temática tenha ganhado espaço nas suas produções em prosas, tão raras ao poeta.

Na mesma edição que foi veiculada “Uma visão”, 13 de maio de 1873, encontramos um anúncio de “Resumo da história bíblica” onde narrativas do novo e velho testamento eram oferecidas pelo Bispo do Pará, Antonio Macedo Costa: “Este bello compendio de *Histórias Sagradas*, composto, foi possível com as palavras da bíblia, é um livro precioso não só para as escolas e collegios, mas ainda para as famílias” (Jornal do Pará, 13/05/1873, p.03). Vemos, portanto, que o momento e suporte de caráter conservador foram propícios e oportunos para a escolha desta prosa de ficção em especial. O **Jornal do Pará** que de forma recorrente cedia oportunidade aos avisos de cunho religioso em suas páginas, teve interesse na divulgação desta narrativa.

Religiosidade:

3.4 A filha de Jephthé

Segunda narrativa de teor religioso, escrita também pelo padre Francisco Bernardino de Souza, circulou no **Jornal do Pará** em 09 de janeiro de 1875, ocupando a coluna “Litteratura”. Trata-se de outra inspiração religiosa, desta vez no livro “Juízes”, da Bíblia. Um homem viúvo e defensor de Israel que lutou contra o povo inimigo Amalecitas, prometeu a Deus que daria em sacrifício a primeira pessoa a quem seus olhos avistassem no retorno à sua terra natal, caso seu povo vencesse a batalha. O infortúnio ocorre quando no retorno da vitória alcançada, Jephthé avista em primeira ocasião a sua filha única e amada, tornando-a assim, objeto do sacrifício que prometera.

O conto de Bernardino inicia-se com o retorno de Jephthé a Maspheia. Com sorriso no rosto e a sensação de alegria e benção, ele havia derrotado o povo inimigo. É quando se dá conta da presença de sua filha que encanta com sua dança e animação, que se lembra do prometido. O narrador explora a lembrança do personagem para demonstrar ao leitor como tudo aconteceu:

No meio da agitação do combate, e quando a victoria parecia esvoaçar para o lado dos Amalecitas, e os guerreiros d'Israel recuavam palidos ante os esquadrões inimigos, uma lagrima silenciosa desceu pelas faces rugadas de Jephthé. Foi um momento apenas; de subito falcaram-lhe os olhos, ergueos ao céu e em voz vibrante e firme prometeu ao Eterno sacrificar-lhe ante as aras, si obtivesse a victoria, a primeira pessoa em quem fitasse os olhos ao voltar á pátria. E foi ella, a filha querida, ella, a consolação de sua vilhice, o sangue de seu sangue, o legado precioso q jurara guardar e proteger! (Jornal do Pará, 09/01/1875, p. 1).

A filha, que queria ser a primeira a beijar a mão do pai, não imaginava que este ato a poria no destino do sacrifício. Porém o leitor não é informado de como Jephthé noticiou a filha de que estava condenada à morte. O que temos é um segundo capítulo, onde a filha lamenta copiosamente o destino. Nas palavras da moça não há vestígios de aceitação em primeira instancia, ao contrário, as lástimas do ocorrido são feitas em discursos que argumentam a jovialidade e os planos do futuro que não serão concretizados.

"Porque heide morrer tão cedo, quando a flor de minha vida se abria risonha aos raios dourados do sol ? Porque heide morrer ?"

"Porque me destes, Senhor Deus, a belleza do corpo, si m'a havias de roubar tão cedo?"

"Não quero. . . não quero ainda morrer. . . . Doce é ver o sol erguer-se-la do lado das montanhas q circulam a cidade e dourar as carapinas esmaltadas de flores e cobertas de trigo;—sentir o vento da tarde brincar nos louros anneis que me cahem sobre o collo;—contemplar o céu diaphano e sem nuvens a

scintillar d'estrellas. . . "Não, não quero morrer!" (Jornal do Pará, 09/01/1875, p. 1).

A filha de Jephté caminha para o campo e junto da amiga Sara, chora pelo sacrifício que se acomete sobre ela. O pedido da filha de Jephté releva o coração de uma menina que se encontra no ponto mais alto do amor, a moça nutre uma paixão não concretizada pelo jovem Jonathas. O pedido da filha de Jephté para Sara não poderia ser mais nobre: ela pede que a amiga cuide do amado e que o ame, como ela o ama.

"Deixae-me chorar, vós as companheiras da minha infância ; vós q tantas vezes me fostes sócias na alegria e no praser, vinde agora lamentar o destino da mais desditosa d'entro vòs todas ! "Percorramos os montes, colhamos as flores perfumadas dos valles descancemos á sombra dos cedros copudos. . . . Ai ! será pela derradeira vez !

[...]"Senta-te aqui, Sara, bem junto a mim ; fita teus olhos de saphira nos meus olhos, escuta a voz de tua amiga. Fallemos baixo, muito baixo, para que não nòs escute o vento da floresta, que geme entre as folhas das palmeiras.

Conheces o mysterio de minha vala, o segredo santo de meu coração. . . Pois bem, vou morrer, mas não quero que elle morra, o meu Jonathas. Consola-o tu, da-lhe o teu coração, que bem merece-o elle, ama-o com esse affecto, que eu lhe votava, estende-lhe a mão, para q o misero não morra, e n'essa hora melancólica da tarde, quando vires uma lagrima silenciosa se lhe deslizar pelas faces, recebe-a com teus lábios de virgem e murmura-lhe ao ouvido o meu nome. . .

" A hora do sacrificio se approxima. . . está a expirar o praso fatal; dise-me que o amarás, que amarás o meu Jonathas, que o farás feliz e menos horrível parecer-me-ha o sacrificio. (Jornal do Pará, 09/01/1875, p. 1).

Nas palavras da filha de Jephthé a forma com que o sacrifício lhe pareceria menos dolorido seria a promessa da amiga de não deixar o amado abandonado, relevando certa importância do rapaz a ela, que o ama em segredo. Em nenhum momento é mostrada uma resignação por parte da filha e nem mesmo revolta pela promessa do pai.

No livro sagrado a história de Jefté começa a ser narrada muito antes da batalha contra os Amonitas. No Antigo Testamento podemos encontrar a informação de que Jefté foi um dos Juízes de Israel por um período de seis anos. Quando os Amonitas entraram em guerra contra o povo de Israel, eles percebem que não há nenhum homem valoroso e com espírito de liderança ao lado do povo israelita, e por isso, pedem a Jefté que seja seu líder na guerra. Jefté era considerado um homem valoroso e guerreiro, por isso os anciões foram buscá-lo na terra de Tobe, onde ele tinha residência depois de ter sido expulso por seus irmãos de Gileade. Antes de partir para a guerra, ele fez um voto ao Senhor. Jefté prometeu a Deus o seguinte:

- Se fizeres com que eu vença os amonitas, eu queimarei um *sacrifício⁴² aquele que sair primeiro da minha casa para me encontrar quando eu voltar da guerra. Eu o oferecerei em sacrifício a ti. (Juízes 11: 31, pág. 236)

Seguindo a narração da Bíblia Sagrada, a aparição da filha de Jefté é contada em cinco versículos – de 34 a 39 – do mesmo livro Juízes, capítulo 11. A história começa quando Jefté retorna para sua casa, em Mispa, e ao encontrar sua filha dançando e tocando pandeiro, fica desesperado e rasga suas vestes ao se dar conta de quem teria que sacrificar.

- Se o senhor fez uma promessa ao SENHOR Deus, faça de mim o que prometeu. Pois o SENHOR Deus deixou que o senhor vingasse dos nossos inimigos, os amonitas.

E continuou;

- Só peço uma coisa: deixe que eu vá com as minhas amigas pelos montes e chore durante dois meses porque nunca chegarei a ser mãe. E o pai deixou que ela fosse por dois meses. Então ela e suas amigas saíram para as montanhas, chorando porque ela nunca chegaria a ser mãe. Depois dos dois meses, ela voltou para o pai. E ele fez o que havia prometido a Deus. Assim ela morreu virgem. (Juízes 11, pág. 236)

Aqui é encerrada a história da filha de Jefté. Na bíblia ela é mais curta e não temos diálogos de lamentação e revelações de segredos. Nem mesmo Sara, a amiga, é citada. Há, porém, duas interpretações a respeito do que houve com ela. Em algumas versões da bíblia encontramos a palavra “holocausto” no lugar de “sacrifício”. Nos dicionários encontramos o significado da palavra “holocausto” como sacrificio expiatório e de ação de graças, praticado pelos antigos Hebreus, por cremação total de um animal. Holocausto seria matar uma vítima e queimar o corpo dela até que restassem apenas as cinzas. Os estudiosos que interpretam o texto dessa forma creem que de fato Jefté sacrificou sua filha com a morte.

E Jefté fez um voto ao Senhor, e disse: Se totalmente deres os filhos de Amom na minha mão, Aquilo que, saindo da porta de minha casa, me vier ao encontro, voltando eu dos filhos de Amom em paz, isso será do Senhor, e o oferecerei em holocausto. (Juízes 11:30,31)

A segunda interpretação parte do pressuposto de que ele certamente conhecia a lei de Deus que proibia rigorosamente sacrifícios humanos, e portanto, sabia que Deus considerava este ato como uma abominação intolerável. A menção enfática em outras versões de que "ela não conheceu varão" (i.e., não se casou), deixa claro que ela foi apresentada a Deus como

⁴² Em legenda explicativa desta edição a palavra sacrificio vem precedida de um asterisco que define a expressão como: “Animal, cereal ou bebida oferecida a Deus como parte do ato de adoração” (Levítico 5.15; 6.14; 23.13).

sacrifício vivo, dedicando toda sua vida como virgem, e ao serviço do santuário nacional de Israel.

Vemos, também, que no conto publicado no jornal, interessa ao padre fazer jus ao título do texto e entregar o protagonismo da narrativa à jovem. Nesta narrativa temos os sentimentos e reações da jovem que teve sua vida sacrificada por uma promessa do pai. O teor da narrativa evidencia que cristãos devem permanecer no cumprimento de suas promessas, mesmo que elas sejam potencialmente difíceis. Muitas vezes é considerado que fé e a devoção a Deus é testada, e é necessário ser forte e resistente em suas obrigações para com o Senhor.

Jefté fez um voto a Deus e decidiu cumpri-lo pois, segundo a lei de Moisés, aquele que se dirigisse a Deus e lhe fizesse um voto, deveria cumpri-lo. Jefté foi imprudente ao fazer tal voto em momento de impulso e condenou a sua própria filha a viver uma vida de celibato para o resto de sua vida, ou, condenou sua única filha à morte. O conto de Bernardino permite que o leitor entenda a existência da morte física da jovem, quando ela se despede não somente da vida que pretendia ter, mas de paisagens que segundo ela nunca mais verá “Adeos, flores do prado, arvores da montanha, nuvens do céu, crepusculo da tarde, cedros do Líbano, — nunca mais vos verei; votou-me meu pae ás aras do sacrificio; é forçoso morrer!” (Jornal do Pará, 09/01/1875, p. 1), contrariando assim a crença de que ela apenas teria servido a Deus guardando para sempre.

Na página 04 da edição de nove de maio de 1875 há o informe para o “Seminario Menor de N.Sra do Carmo” que pretende ensinar aos jovens na tarde do dia 07 de janeiro os dois cursos de instrução primária e secundária, os quais contavam com “Leitura escripta, às quatro operações fundamentaes e aos primeiros conhecimentos da doutrina christã”, assim como ‘grammatica com exercycios de analyse etymologica, arithmetica, literatura, hetorica, historia sagrada e doutrina crhistã”. A religião a que se referem aqui e na narrativa de Francisco Bernardino é a que valoriza a fé e os princípios cristãos. Enfatizamos como a doutrina cristã é componente igual em matéria de disciplinas ensinadas aos jovens, assim demonstrado no curso oferecido. No curso, ela está ao lado de outras habilidades consideradas essenciais para o aprendizado humano. Na narrativa ela está aliada à literatura, como era recorrente na sociedade conservadora e leitora do século XIX.

Religiosidade:

3.5 A morte de Sansão

A narrativa de Francisco Bernardino que circulou apenas no dia 12 de janeiro de 1875, na coluna “Litteratura”, tem por inspiração a história bíblica de Sansão, que teve seus cabelos cortados por Dalila e com isso perdeu a força extraordinária que possuía. Assim como no livro sagrado, o hebreu Sansão era inimigo dos Filisteus e dono de uma força sobrenatural que se concentrava em seus longos cabelos. Dalila, uma bela moça, usou de seus encantos para fazer com que Sansão revelasse a raiz de sua força. Após o desvelar do segredo, Dalila corta seus cabelos enquanto dorme, fazendo com que ele perca sua enorme força física.

A narrativa do periódico paraense já ambienta o leitor a partir do momento em que Sansão é preso pelos filisteus.

Rugiam Ia dentro a fésta e a orgia, em honra de Dagon, o deus dos Philisteus. Era taças de ouro e de crystal espumava o vinho, e nas paredes da vasta sala, em que se reuniam os convivas, resoavam os cantares livres e desordenados dos Philisteus incircumcisos.

[...] Longe iam esses dias de alvoroço e desanimo ; longe iam,—que o braço valente cahira já sem forças ; que a mão que manejava poderosa o instrumento de morte, lançando o terror nas fileiras inimigas, sentia os ferros lhe roxearem os pulsos. Uma mulher, . . . fôra uma mulher que preparara as ciladas ao leão indomito das selvas ; foi a fraquesa que desarmou a força ; foi a astucia que triumphou da bôa fé do forte. (Jornal do Pará, 12/01/1875, p. 1).

Creemos que o motivo deve-se ao fato de o escritor não querer alongar a narrativa bem como, a moralidade da história estar no envolvimento do personagem principal com a mulher gananciosa. O cônego vai direto ao clímax da história, tanto de Sansão, quanto de Jefté, além disso, os títulos dados por Bernardino correspondem aos títulos dados na bíblia sagrada.

Ao descobrirem que Sansão se apaixonou por Dalila, os governantes das cidades próximas procuram a filisteia a fim de oferecer cinco mil e quinhentas barras de prata em troca do segredo da força de Sansão.

E Dalila a philistéa promettera entregar Sansão aos inimigos dos filhos de Israel.

Cegava-a a ambição do ouro, as galas e os europeis. Que lhe importava que regasse a terra o sangue d'aquelle que a amava! Que lhe importava a maldição do céu e o desprezo dos homens! Alto lhe fallava a vaidade ; era mister que a traição triumphasse. (Jornal do Pará, 12/01/1875, p. 1).

A ganancia e a ambição da personagem se antepõem ao amor que Sansão sentia por ela, mais ainda, Dalila não teme à fúria de Deus ao entregar aquele que veio em nome dele. Ainda assim, a filisteia aceita o acordo e promete descobrir a fonte da força de Sansão. Objetiva em sua finalidade pede a ele que revele o segredo. Mas Sansão esquivava-se das perguntas, entregando respostas mentirosas a Dalila. Ela, por sua vez, aproveitava todos os dias que recebia uma nova revelação para tentar enfraquece-lo, porém, sem êxito. A moça passou a perguntar todos os dias e Sansão já cansado de inventar mentiras, disse-lhe a verdade: o cabelo nunca deveria ser cortado. Caso acontecesse, ele teria a força humana de qualquer um.

E Sansão fallou. Tinha como que um presentimento de desgraça; sentia como um apertar de coração, como esse vago anciar que precede ás tempestades da vida. . . mas fallou. Aquelles dous olhos scintillantes e fascinadores estavam fitos nos seus, queimavam-o como um ferro em braza, e o valente e o forte de Israel, cerrando vencido as palpebras, mormurou:

—Sou nazareno: minha força está nos cabellos que bastos me cahem em madeixas por sobre os hombros ; si os nas tivera assim, minha força não excedera á dos outros homens.

E callou-se.

Escutava-o Dalila: lampejaram-lhe por um momento os olhos, e osculando o mísero na frente, scellou d'est'arte a sentença de morte, que lhe reférvia na mente.

(Jornal do Pará, 12/01/1875, p. 1).

O amor que Sansão sentia por Dalila fez com que ele entregasse o que tinha de mais exclusivo. Se ela por um lado não poupou o amor verdadeiro pela ambição, ele, ao contrário, acreditou no amor da bela jovem e não considerou a traição de sua parte, mesmo ela sendo uma filisteia.

O narrador demonstra como Sansão deixou-se levar por atributos terrenos e mentirosos, afastando-se de espírito, da verdade que ele devia enxergar. “Reclinado sobre aquelle collo tão lindo que arfava; embriagado pelo perfume d'aquellas tranças, que lhe roçavam as faces ; fascinado por aquelle olhar tão meigo, que se fitava no seu ; emballado por aquella voz tão angélica, Sansão havia adormecido. (Jornal do Pará, 12/01/1875, p. 1)

Com a certeza de que finalmente havia conseguido extrair a verdade, Dalila chamou então os filisteus após fazer Sansão dormir em seus braços e deixou que os homens cortassem as sete tranças de Sansão. Ao acordar, e sem realmente acreditar que havia perdido a força extraordinária, Sansão tentou levantar-se sem sucesso. Ao constatarem de que finalmente haviam conseguido derrotá-lo, os filisteus levaram-no para Gaza e depois de furarem seus olhos, prenderam-no em correntes de bronze. Mas o seu cabelo tornou a crescer novamente e

um dia, quando os filisteus ofereciam um grande sacrifício ao seu deus Dagom, Sansão foi acorrentado entre duas colunas centrais do templo.

Ele orou a Deus arrependido e pediu que o senhor lhe desse a força só mais uma vez. Deus atendendo ao pedido fez de novo vir à tona a força espetacular de Sansão que propositalmente quebrou as colunas do templo, ocasionando assim, a sua morte e também dos filisteus. – Que eu morra com os filisteus (Jornal do Pará, 12/01/1875, p. 1)

A curta narração do cônego Bernardino não deixa dúvida mais uma vez de que a temática abordada é a religiosidade, porém, esta vem acompanhada de uma lição moral. Sansão ao deixar-se envolver pela beleza e encantos de Dalila, revelou aquilo que Deus deu a ele de mais precioso em segredo.

E Sansão havia cedido á influencia do amor. Oh ! nunca a belleza tornara formas tão divinas ; nunca o inferno se havia aninhado em corpo mais seductor e delicado. Quanta expressão n'aquelles olhos que fascinavam ; quanto amor n'aquelles lábios que mentiam ; quanta emoção n'aquella vos que enganava ! Era a serpente a fascinar a avezinha até devoral-a ; era o tentador a diser palavras, que offuscam a rasão ; era a astucia lançando mão de todas as armas para vencer o inimigo valente e confiado. [...] . (Jornal do Pará, 12/01/ 1875, p. 1)

Na bíblia a história de Sansão que é contada desde o nascimento no livro do Antigo Testamento, Juízes, capítulo 11, revela que Sansão era filho de Manoá, que liderou o exército de Israel numa das guerras contra os filisteus. A esposa de Manoá era estéril e concebeu Sansão após uma visita do anjo de Senhor. Quando nasceu, tomou o voto de nazireu⁴³, um indivíduo consagrado a Deus, Sansão tinha vindo ao mundo livrar o povo de Israel dos Filisteus⁴⁴. Contudo, Sansão deveria não pecar, não cortar os cabelos, não comer carne, não tomar vinho e não tocar em cadáveres. Como recompensa, foi dotado pelo Deus de Israel com a força sobre-humana. Sansão foi juiz do povo de Israel por vinte anos, por volta de 1.160 a. C. Ao deixar cortar seus cabelos Sansão quebra o voto de Nazireu.

O personagem central é a personificação do engano amoroso, e por ser uma história oriunda do livro sagrado, provoca mais impacto no leitor – considerando que a religião oficial do século XIX no Brasil era o Catolicismo – e receio de que a história possa se repetir tendo

⁴³ “Separado, consagrado. Não se deve confundir nazireu com nazareno. Nazireu era aquela pessoa, de um ou de outro sexo, que na lei de Moisés se obrigava por voto a abster-se de vinho e de todas as bebidas alcoólicas, a deixar crescer o cabelo, a não entrar em qualquer casa, em que houvesse gente morta, e a não assistir a qualquer funeral. Se, acidentalmente, alguém morresse na presença de um nazireu, recomeçava este a sua consagração de nazireado.” Cf. <http://biblia.com.br/dicionario-biblico/n/nazireu/>.

⁴⁴ Por quarenta anos o povo de Israel foi sujeitado aos filisteus, por adorem deuses estranhos. O nascimento de Sansão quebra o castigo que Deus deu aos Israelitas.

agora ele mesmo como o agente principal. Vemos também que Sansão não escapa da morte. Depois de ter se deixado ser escravo dos filisteus e contrariar a vontade de Deus e o motivo de seu nascimento, ele pede ao Senhor uma segunda chance e oferece sua vida também como pagamento pelo erro. Aquele que se desvia do caminho de Deus não fica sem punição, seguindo o propósito das narrativas religiosas-moralizantes.

A palavra escrita por um membro da igreja é algo que deve ser ressaltado também. Uma narrativa escrita por uma autoridade eclesial tinha um peso além para moças cristãs. Mesmo sendo uma narrativa escrita no espaço de prosa de ficção, quando se tratava da temática religiosa, é possível que houvesse mais afamo, por se tratar de uma história verídica no ponto de vista cristã, uma vez que a bíblia sagrada é um livro que narra as histórias que antecederam e sucederam a vinda do filho de Deus à terra.

A temática de narrativa religiosa foi comumente escrita pelo cônego que além deste texto, publicou outros de mesmo teor naquela época. Há nas narrativas de Bernardino um aspecto doutrinário e aconselhador, com uma essência religiosa, histórica pautada nas histórias do livro sagrado dos cristãos.

Foi de praxe que o **Jornal do Pará** utilizasse a escrita de rodapé literária para sintonizar com o que divulgava em suas páginas de teor moralizante.

A festa do glorioso São Sebastião na Igreja de N. Senhora da Campina ganhou destaque na coluna ao lado da publicação de “A morte de Sansão”. A festividade informa em uma publicação que entre outras atrações haverá “As 7 horas desse mesmo dia entoar-se-ha um solene *Tedeum Laudamus* ao Deus Todo Poderoso como remate à festa do corrente anno” (Jornal do Pará, 12/01/1875).

Os receios do casamento:

3.6 Contos Macahenses – O anjo da solidão

Com a finalidade de abordar a virtude proveniente de uma boa educação e obediência familiar, a narrativa descreve a história amorosa da jovem Maria e do viajante Emílio, os únicos personagens nomeados na história. A narrativa de Luís Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior circulou inicialmente no **Jornal das Famílias**, em junho de 1874. Já no periódico paraense o registro é de 13, 14, e 16 de janeiro de 1875, na coluna “Variedade”.

Maria é a bela e alegre camponesa, querida por todos que a cercam. A moça se apaixona por um viajante quando ele pede abrigo na casa de seus pais. No período em que

Emilio repousa em sua casa, os dois jovens constroem um amor distante, longe do carnal e do contato físico. Após Emílio partir e passado um período, o rapaz retorna e pede a mão de sua amada em casamento para seu pai, cumprindo tudo o que se considerava de bom costume naquele tempo. Esta narrativa evidencia o êxito e a felicidade alcançada quando a postura tomada pelo indivíduo obedece aos princípios cristãos e familiares. Não há dúvida de que a personagem cumpre os preceitos de boa moça, ingênua e bem quista, desde à sua apresentação ao leitor: “Agradavel e venturosa era a existencia que saboreava no Frade a bella e innocente Maria”.

Não há impedimentos para que o amor de Maria e Emílio se realize, uma vez que ambos eram solteiros, pertenciam à mesma classe social e estavam apaixonados um pelo outro. As inquietações de Maria diziam respeito à nova realidade que ela enfrentaria estando casada. Esta deveria ser uma preocupação comum de moças que sonham com o casamento, mas que não possuem qualquer informação além do que se deveria saber no século XIX, que contemplava as tarefas domésticas e sociais da nova vida. Apesar de alegre e feliz, o título faz referência à vida reclusa que Maria levava no seu pequeno mundo.

Com o decorrer da narrativa, o leitor pode enganar-se ao pensar que a personagem enfrentará alguma modificação complexa ou transformação intensa no enredo. Pelo contrário, a personagem segue a trama de maneira plana e sem maiores aprofundamentos psicológicos. Além de única personagem feminina nomeada, Maria também é a única descrita fisicamente e permite permear o imaginário do leitor ao descrever seus cabelos negros e contornos do seu garbo corpo.

O elemento religioso é referido em vários trechos da narrativa, não deixando dúvida de que Maria era uma moça cristã e envolvida nos prazeres simples que a convivência familiar proporcionava.

Ao chegar á casa, tomava a benção paterna, lançava-se aos braços da mãe, beijava-a e, sorrindo, dava piparotes na ponte-aguda cabeça de um irmãozinho de quatro annos.

Nas simples labutações domesticas empregava ella a maior parte do dia.
(Jornal do Pará, 14/01/1875, p. 1).

Entre outros valores, Maria mantinha uma rotina em suas ações do dia a dia, que se não fosse pela chegada do viajante em sua casa, continuariam calmas e semelhantes. Não é difícil imaginar o porquê de a personagem se encantar instantaneamente pelo viajante, ele provavelmente era o único homem desconhecido que ela vira há anos, uma novidade não esperada para o coração da moça.

Um dia, voltando ella do seu passeio matutino, encontrou em sua casa um bello moço, que, de passagem para S. Francisco de Paula, fatigado, tinha pedido a seus paes curta hospitalidade.

Estava elle, sentado á uma mesquinha mesa, tomando uma refeição frugal, quando Maria, com a sua natural e innocente desenvoltura, transpôz o limiar da habitação paterna.

Vendo o desconhecido, parou e estremeceu; por alguns momentos quedou ahi, observando-o com inexplicavel persistencia.

Pasmado d'esta subita apparição, levantára-se o moço para comprimental-a, mas tambem ficou immovel, sem poder dar um passo, subjugado pelo altivo e brilhante olhar de Maria.

Quem sabe que idéas n'esse momento turbilhonavam em seu cerebro, presa do ardor da juventude?

Quem sabe o que sentíram estes dois corações jovens, ainda isentos das feridas roazes dos desenganos?

Quem sabe se para o moço eram os olhos d'ella duas pedras de iman e para a moça os d'elle?

Quem poderia affirmar se eram ambos presas d'esse amor subitaneo e vehemente, que rapido apossa-se do coraçõa humano e domina-o para sempre? (Jornal do Pará, 14/01/1875, p. 1).

De acordo com Marlyse Meyer, na sociedade dominada pela classe burguesa o casamento é o espelho de uma ordem política, econômica, de crenças e exigências de um sistema de valores e de leis. Casar e gerenciar a casa eram funções que cabiam à figura feminina no pensamento oitocentista, por este motivo, não rara era a presença desta temática em histórias voltadas para o público feminil. Seguindo esta linha conservadora, os ensinamentos e atividades realizadas durante a mocidade eram todos direcionados para a preparação e espera do matrimônio. Maria, entretanto, ainda não conhecia o processo de casar-se com um homem, uma vez que foi Emílio quem teve que explicar à amada como se configurava o casamento diante de Deus⁴⁵:

- Oh! Então somos felizes. Quer casar-se commigo?

- Casar?

- Sim; o que tem?

- Mas se eu não sei o que é isso...

- Eu lhe digo: casar-se é jurar na igreja o homem á mulher e a mulher ao homem que sempre hão de estimar-se e acompanhar um ao outro, que gozarão e soffrerão juntos, que hão de ser emfim como se não fossem ambos mais do que uma só pessoa. Quer?

- Assim quero; mas primeiro ha de fallar com Papae e Mamãe.

- Pois sim, quando quizer. (Jornal do Pará, 16/01/1875, p. 1).

⁴⁵ A fala de Emilio exprime o conceito de casamento nas leis da igreja católica, o casamento civil seria instituído somente em 24 de janeiro de 1890, pelo Marechal Deodoro da Fonseca. Anos depois a Igreja Católica entraria em conflito com o Estado pela promulgação do casamento civil. Na perspectiva da igreja, conceber o casamento apenas como contrato sancionado pelo Estado retirava do matrimônio a condição sagrada, ficando apenas a condição de mero contrato comercial e legal diante dos homens.

A presença da religiosidade e do compromisso assumido diante de Deus contribuiu significativamente para o aceite da jovem, que não deixava de cumprir os ensinamentos cristãos. Entretanto, mesmo com o aceite dela, percebemos que esta não é a palavra final, visto que ela exige que a permissão seja dada, antes de tudo, pelos pais.

Outras menções são feitas aos preceitos do catolicismo, como o dia de domingo que deveria ser considerado santo, pois é o dia do Senhor:

Seis longos dias passáram-se para Maria e raiou enfim o domingo.
 Creio que é Chateaubriand quem diz que até o boi conhece o domingo.
 É esta uma verdade incontestavel.
 Nas proprias roças onde nada ha de extraordinario n'elle, nas proprias roças sente-se uma alegria interna, um desejo inexprimivel de gozar, um não sei que que arrebatava o homem a um outro mundo, existente só na sua imaginação.
 Era por isso que, de ordinario, no dia pelo Senhor consagrado ao descanso. (Jornal do Pará, 16/01/1875, p. 1).

O ponto principal da trama como ato de moralização ocorre no pedido de casamento feito aos pais. Observamos que a o conselho de caráter pedagógico ocorre ainda na narrativa em decorrência, e não ao final, como costumeiramente acontecia em outros casos. Além disso, a lição é dada pela voz do narrador, pois não há acontecimento transgressor de regras que fale por si mesmo e encaminhe os passos de personagens para a devida punição.

Mas quando no dia seguinte, pelas 8 horas da manhã, Emilio retirou-se, foi seu companheiro de viagem Roberto Dias. Era seu fim secreto, soubemol-o depois, verificar o que lhe affirmára o mancebo. Ah! Se todos os paes fizessem isso não veriamos pelo matrimonio victimadas milhares de ingenuas creaturas, que se deixam sómente guiar pelo coração. Não veriamos o homem extravagante dissipando os ganhos, enquanto a familia langue na miseria; não veriamos o infortunio á cabeceira da maior parte dos thálamos nupciaes. (Jornal do Pará, 14/01/1875, p. 1).

Os ensinamentos do narrador ressaltam-se pela postura do pai cuidadoso, que acompanha o futuro genro até à cidade como finalidade secreta de averiguar se tudo o que foi dito pelo rapaz é verdadeiro ou se ele é apenas um aventureiro que aportou em sua casa para levar o seu bem mais precioso.

Por fim, chegava o dia em que a donzela se despediria de sua antiga vida. As aflições do futuro como dona de casa longe do ninho dos pais afloram como qualquer preocupação da sua vida doce e juvenil. Como seria para o Anjo da Solidão conviver com novas pessoas em uma nova cidade. Ela que sempre teve sua rotina impreterivelmente inalterada e se queixava por isso, agora tinha que lidar com a realização de seu desejo. Maria era de uma família unida

e em toda sua vida teve a presença dos pais, chegara a hora de construir uma vida própria longe da família e com o homem por quem ela se apaixonara em tão pouco tempo.

Chegára finalmente a véspera do triste dia em que a linda virgem tinha de deixar a casa paterna, isto é, de mudar-se para a cidade. Estava resolvido que os seus paes acompanhal-a-hião a Macahé e que ahi estariam um mez na companhia d'ella. [...] Que dia de tristeza foi esse para Maria! Ao despontar da aurora, deixou ella a cama e do seu antigo observatorio foi assistir ao nascimento do sol. Tinha tirado esse dia para reproduzir as scenas da sua vida passada. A alegria porém abandonára-a; por tudo o que fazia, em toda a parte, lagrimas silenciosas brilhavam por instantes nos seus fulgorosos olhos e cahiam, como as gottas do orvalho que baloiçam-se nas folhas das arvores. Uma dôr intima a dominava; nem o amor, cada vez mais intenso, que nutria, tinha poder bastante para sobrepujar-lhe o sentimento. (Jornal do Pará, 16/01/1875, p. 1).

Estas seriam as preocupações em que as moças cristãs e obedientes deviam dar atenção, tudo o que estivesse além disso, seria considerado infrutífero e dispensável. A narrativa “O Anjo da Solidão” demonstra ter sido claramente produzida especialmente para a comunidade leitora feminina e tem bases nos recursos próprios ao romance-folhetim, que além da publicação em fatias, pauta-se em dramas vividos no cotidiano, que se aproximam do leitor comum. A imagem de modelo perfeito relacionou-se à figura da mulher pura, bondosa, distinta e religiosa. A virtude da mulher aqui exaltada foi coroada com um bom casamento, com o homem amado e de boa índole. Atribuímos a Maria a figura da mulher verdadeira cristã, guardiã do lar e aparentemente submissa, mas feliz em viver diante da permissão, antes, dos pais, e agora, do marido.

Em 10 de janeiro de 1875, dias antes da publicação de “O anjo da solidão” o **Jornal do Pará** veiculou uma crítica ao livro publicado pela rainha Victoria onde a maior autoridade da Inglaterra consagrou a obra “ao casamento, aos filhos, e aos sentimentos de vida intima e diversas phases moraes”. A crítica afirma que a mais nobre das esposas e mães não terá de olhar senão para o lar de sua casa para escrever páginas tão admiráveis. “Como não fallaria da família aquella que disse um dia ao rei Luiz Felipe: ‘A riqueza dos sobreanos são os filhos; nós, senhor, somos tão ricos, um como outro’” (Jornal do Pará, 10/01/1875, p. 01).

Segredo de família:

3.7. Muitos anos depois

Esta narrativa familiar e moralizante foi escrita para o **Jornal das Famílias** e publicada nos meses de outubro e setembro de 1874, por Machado de Assis sob o pseudônimo “Lara”. No **Jornal do Pará** veio à luz nos dias 21, 22, 24, 26, 27 e 28 do mês de janeiro no ano de 1875, um ano após a publicação original.

A história centra-se no jovem padre Flávio, residente em uma cidade do interior de Minas Gerais que aos 25 anos tem a revelação de que sua mãe não é a mulher por quem ele se lembra ter sido criado, e sim outra, que fora comprometida no passado, e por este motivo o abandonou após o nascimento. No seu ambiente de relacionamento na pequena cidade inserem-se outros personagens, todos de alguma forma ligados ao personagem principal e sua vida de jovem padre abandonado pela mãe.

O tempo é um fator relevante na narrativa, já que ela se desenvolve em torno dos anos que o protagonista necessitou viver para descobrir sua verdadeira mãe, o que justifica o título do conto. É válido enfatizar também, que já nas primeiras linhas do conto é possível observar uma das marcas mais notórias de Machado de Assis: a interação com o leitor. No mesmo trecho supracitado verifica-se a referência ao público consumidor do folhetim. A crítica à sociedade, comum em algumas narrativas do autor se faz presente em trechos como: “Alguns inimigos que a fortuna lhe dera por confirmação de seu mérito, diziam que a eloquência de padre era insossa e fria. Pena dizer que esses adversários do padre vinham da sacristia e não da rua” (Jornal do Pará, 21/01/1875, p. 1). Mesmo em um ambiente eclesiástico, no qual se espera fraternidade, há inveja e ambição.

O autor não podia destoar da linha conservadora do **Jornal das Famílias**, periódico para o qual a história foi destinada⁴⁶, por isso além da busca pela permanência de interesse do público feminino, havia de ter também o cuidado para que a temática não destoasse do que se esperavam os homens que regiam a boa postura e conduta de suas filhas e esposas, estes, por sua vez, eram quem pagavam pela assinatura do jornal.

Neste momento a literatura foi usada como meio para difundir mais ainda os valores morais. Os desfechos das tramas moralizantes, em sua maioria, eram carregados de lições

⁴⁶ ‘Muitos Anos Depois’ faz parte da grande parcela de contos avulsos que o escritor Machado de Assis produziu. A narrativa não pertence à nenhum livro de contos ou coletânea que o autor fez em vida, tratando-se assim, de mais uma das muitas narrativas que só foram publicadas em periódicos. Não encontramos nenhum registro de Muitos Anos Depois em nenhum outro periódico além do **Jornal das Famílias** e o **Jornal do Pará**.

direcionadas aos que ponderassem em seguir o mesmo caminho desvirtuoso dos personagens descritos nas tramas. A tensão e expectativa, que eram sensações comuns suscitadas em narrativas seriadas, acrescentavam-se a dramas familiares, amores impossíveis e outras tantas técnicas e temáticas que consolidavam a fidelidade do público leitor no século XIX.

Neste ponto, lembramos a recorrência usual no romance-folhetim de estórias de amores contrariados, paternidades trocadas, filhos bastardos, heranças usurpadas, todas elas seguidas de duelos, raptos, traições, assassinatos e prisões. Núcleo de novelas narrativos geradores de muita tensão, atestados e provados anteriormente com êxito pelo citado melodrama, e que neste modo de romance foram acrescidos de um recheio extraído de um próprio habitat e dos conflitos da vida doméstica do público consumidor elevando ainda mais sua carga emotiva. (NADAF, 2008, 35).

Desse modo, e considerando o sucesso adquirido pelo romance, a influência negativa que o gênero poderia exercer sobre o leitor foi um ponto destacado na narrativa, pela voz do personagem Padre Vilela, que previne o afilhado Flávio sobre o fato de o jovem ler tantos romances, pois a leitura excessiva poderia conduzir o jovem para um caminho distante da vida religiosa. Mesmo sem nunca ter experimentado o amor entre um homem e uma mulher, o personagem que toma para si a figura de pai, teme que Flávio possa vislumbrar um amor fantasioso e imaginário.

A preocupação de que mulheres se perdessem em fantasias amorosas provocadas pela leitura de romances era ainda maior. Mesmo as que resistissem à tentação de aproximar a matéria lida do mundo vivido seriam prejudicadas, pois ocupariam tempo precioso com a leitura de material tão pouco elevado, esquecendo-se de suas obrigações cotidianas e familiares. Portanto, a temática religiosa, familiar e moral era constantemente difundida em algumas narrativas literárias, como é o caso desta.

D. Marianna é a personagem que junto à Flávio sustenta a temática familiar, pois ela é a ponta final do que o leitor deseja descobrir. Mãe e filho – condição ainda não revelada para o jovem – têm embates por questões sociais e cristãs: Dona Marianna gabava-se de sua bela feição na juventude, algo que o Padre Flávio condenava. Em um dos primeiros diálogos entre os dois personagens percebemos que a o fator materno não é pontual para uma ligação entre eles, pois, além da separação no nascimento, ambos possuíam posturas distintas em relação a assuntos importantes:

— Reprova-me?

O padre Flávio conciliou seu amor à verdade com a consideração que devia à esposa do amigo.

— Minha senhora, murmurou ele, eu não tenho direito para tanto...

— Tanto vale dizer que me reprova.

Flávio calou-se.

— Cuido, entretanto, continuou a esposa de João Lima, que não me gabo de nenhum crime; ter sido bonita não é coisa que ofenda a Deus.

— Não é, disse gravemente o padre Flávio; mas a austeridade cristã pede que não façamos caso nem tenhamos orgulho das nossas graças físicas. As próprias virtudes não nos devem ensoberbecer... (Jornal do Pará, 26/01/1875, p. 1).

O desvelo do segredo familiar é o ponto proeminente na narrativa. A descoberta causa o afastamento de todos os personagens da trama e o fim do matrimônio da personagem, que não é perdoada pelo esposo. Machado evidencia o ponto alto da narrativa e não esconde do leitor a sua expectativa para que este seja o momento mais esperado.

D. Mariana levantou-se da cadeira e atirou-se aos pés do esposo.

— Perdão! Exclamou ela. — Perdão; é meu filho!

Eu deixo ao leitor imaginar a impressão deste lance de quinto ato de melodrama. (Jornal do Pará, 28/01/1875, p. 1).

A moralidade da narrativa familiar “Muitos anos depois” comprova-se ao expor o castigo e a redenção de Marianna, que se recolhe a um convento, onde morre mais tarde. Além de demonstrar ao leitor as perdas que atos desprovidos de virtude e boa conduta trazem ao homem, ressalta também que os erros cometidos por um indivíduo, comumente se entendem além do próprio culpado, de modo que, outros inocentes terminam por sofrer as consequências junto ao infrator.

O marido de Marianna torna-se infeliz e Flávio falece de tristeza e saudade, mas antes pede a solidão para refletir no erro alheio que o acomete.

Vilela quis acompanhá-lo, mas o jovem amigo não o consentiu.

— De tudo o que me poderias pedir, disse Vilela, é isso o que mais me dói.

— Paciência! Respondeu Flávio; eu preciso da solidão.

— Tê-la-ás?

— Sim; preciso da solidão para meditar nas consequências que o erro de um pode trazer a muitas existências.

Tal é a moralidade desta triste história. (Jornal do Pará, 28/01/1875, p. 1).

Assim como as narrativas religiosas, elencamos o conservadorismo do periódico paraense como motivador principal para a publicação da narrativa. Como convém ressaltar que a distância temporal entre a publicação original no periódico fluminense e a posterior, no periódico paraense é de apenas um ano, consideramos que o ambiente modelar e conservador que assaltava a sociedade tão profundamente naquele período contribuiu de maneira imprescindível para a produção e publicação desta narrativa.

O lar e a família devem ser resguardados com uma muralha de proteção moral, cabendo à mulher o papel de zelar pela integridade, harmonia e paz de todos. A esposa deve ser o modelo positivo de comportamento. Quer seja pelo caminho do sacrifício ou da redenção, estes romances temáticos buscam difundir valores morais favoráveis ao bem-estar da família, ao seguimento da religião cristã, para colher os bons frutos que eles resultam.

Sufrimento amoroso:

3.8 Nelumbia

A lenda de Narciza Amália discorre sobre Nelumbia, a filha da Ásia, que sofre com a partida de seu amado e que depois de morta, se transforma na flor aquática que amedronta turistas e homens da região, por afirmarem ouvir os gemidos de sofrimento da moça quando viva. Registrada no **Jornal do Pará** nos dias 19 e 20 de fevereiro, na coluna Variedade, no ano de 1875, Nelumbia é descrita envolta de vários elementos da natureza e seres mitológicos, e a narrativa também é carregada de linguagem poética.

A história de Nelumbia se inicia com a súplica e sofrimento intenso que a jovem sente após o navio de seu amado partir. A inveja que Nelumbia sente do pássaro que com a “passagem, languido sentir côm-se de fibra a fibra em todos os seios; - as flores levantam-se mais formosas, trocando mutuas caricias no pollen que vôm das autheras como um beijo;” (Jornal do Pará, 19/01/1875, p. 1). Ela gostaria que o pássaro, assim como colhe o pólen das flores, colhesse também todas as suas lágrimas de dor: “Ah! colhe, colhe também piedoso as bagas candentes do pranto que incessantemente choro! Toma, toma estas queixas que meu peito arranca a angustia de uma separação eterna, e vôm sobre a immensidade dos mares. (Jornal do Pará, 19/01/1875, p. 1).

Como a pomba que geme solitaria nas leziras da selva brasilica, assim soluça *Nelumbia*, a filha ardente da Asia, vendo desaparecer ao longe a nave aventureira do malaio prata, - seu amante. A leôa do deserto, que volta á recondita gruta, onde há pouco deixára os filhos tenros, e apenas encontra ossos sangrentos, roídos pela presa do chacal; o passaro que se recolhe ao ninho com o peito aberto para offerecer-se em holocausto á prole amada, e em vôm a chama com seus gritos estridentes, maior desespero não sentem que *Nelumbia*, despertando solitaria ao leito do abandono.” (Jornal do Pará, 19/01/1875, p. 1)

Nelumbia tenta impedir o abandono, mas quando chega próximo à margem dá-se conta de que o navio já estava em alto mar, e assim, sofre tão intensamente que não é capaz de

sobreviver à solidão. Sua alma perece na mais profunda dor amorosa até que a jovem cai ao chão de areia sem vida. O enredo da mocinha abandonada que sofre com a partida do amado é presente desde a época do Trovadorismo, com as Cantigas de Amigo, onde a camponesa lamenta com a natureza a viagem do amado que foi ao mar e nunca mais voltou. Não há contato físico ou carnal. O amor é o mais puro e sofrido, semelhante também aos enredos do romantismo.

Ella parte sobre os passos do amante fugitivo e seus pés delicados mal tocam o solo na corrida infrene; mas quando, já na costa, sonda offegante a undosa voragem e descobre ao longe a nave graciosa de Harlos, que foge sobre o dorso da vaga longinqua; quando vê desaparecer para sempre, com esse lenho fluctuante, a doce felicidade de sua existencia inteira, a dôr de *Nellumbia* attinge o cumulo do soffrimento.[...] Pouco apouco a energia lhe falece; a commoção arranca de suas ardentes palpebras rios de lagrimas e seus labios desatam flébris queixumes á brisa, que, vendo-a desgraçada e só, vem acaricia-la gemendo. E, cahindo com a face gelada contra a area abrasadora, *Nelumbia* cerra languidamente os cilios. (Jornal do Pará, 19/01/1875, p. 1).

Neste momento ondinos⁴⁷ surgem da espuma das ondas e ao verem *Nelumbia* sem vida, fogem de medo. Mas por curiosidade, retornam e recolhem-na para as águas. Eles colocam o corpo de *Nelumbia* sobre pérolas e conchas, e cantam alegremente sobre o leito da jovem que jaz.

De subito, um movimento estranho imprime fortes ondulações na face calma das aguas, e os véos cetulcos que velam os lysterios do mar arregaçam-se de leve, desvendando uma multidão de cabecinhas louras. . .
Gargalhadas argentinas, cantos buliçosos, gritozinhos de prazer ressoam em todos os pontos, enlaçam-se em todas as ondas. . .
Ondinos e ondinas aproximam-se, afastam-se, e saltam sobre a costa, inundando-a de risos jubilosos.
Seus pés mimosos mal esfrolam a arêa prateada; os alvos sendaes que lhes envolvem os corpos, mal escondem a disphaneidade de suas fórmairors.
Elles brincam, elles dançam na praia ao clarão da lua; e brincando e dançando tocam n'um corpo humano. . . (Jornal do Pará, 20/01/1875, p. 1).

⁴⁷ Espíritos da natureza que vivem em rios, lagos e mares. São elementos da água, espécies de sereia ou tágide, um génio do amor, uma figura da imaginação poética. As ondinas aparecem em obras como "A Ondina do Lago", de Teófilo Braga ou nas poesias de Luís de Camões.

Diante de todo o canto e dança, *Nelumbia* continua fria e morta. Porém, quando o mais belo jovem do oceano, o ondino *Lothus*, apanha a moça em seus braços, apaixonar-se e a beija.

Sobre a filha da terra inclina-se *lothos*, o mais bello mancebo do oceano.
 Seus braços diaphanos singem o cólo moreno da finada, sob cuja tez o sangue malaio circulava outr'ora como um rio de lavas. . .
 Seus olhares apaixonados embebem-se nos olhos immoveis della, olhos que a paixão illuminava com vivos lampejos, e que o halito da morte para sempre gelou. . .
 Seus labios se aproximam dos labios gelados da moça, labios que já não sabem sorrir, e a elles se collam n'um beijo de fogo. .
 Então, como se aquelle beijo lhe levasse um raio de vida, *Nelumbia* estremece docemente. . . (Jornal do Pará, 20/01/1875, p. 1).
 Seu cólo já se subleva; seus olhos esclarecem-se de novo e o sangue vai em breve circular-lhe nas veias com a poderosa seiva da mocidade, da belleza e do sentimento.

O beijo de *lothus* a transforma na flor aquática que cria raízes no oceano, porém ao beijá-la, ele cai ao chão sem vida, deixando o leitor ao entendimento que a vida que existia nele agora pertence a ela.

Mas seu talhe adelga-se, adelga-se, adelgaça-se ás doudas caricias do ondino e erige-se pouco a pouco em flexuoso hastil. .
 Renovos (...) lançam seus braços formosos. . .
 Suas plantas mimosas enraizam-se na lia marinha, e de suas faces surgem largas petalas douradas, que se agrupam em torno dos labios, arredondados em rubra corolla!
Lothos, curvano a fronte, cahio sem vida nos braços das ondinas. . . (Jornal do Pará, 20/01/1875, p. 1).

Quando os primeiros raios matutinos surgem no Oriente, a flor de beleza esplendida emerge no mar, na superfície das águas. A flor sempre está voltada para o meio do oceano. Das pétalas levemente aroseadas, caem gotas brilhantes como as lágrimas que um dia a jovem derramou. Quando a noite chega, a flor se recolhe novamente para o fundo do oceano, fechando as pétalas. Os navegantes que ali passam se surpreendem com os doces gemidos que eles dizem escutar e sentem-se irresistivelmente atraídos para a beleza da flor. A lenda conta que quando eles notam ser a flor *Nelumbia*, dizem que ela tem a alma gemedora da mulher que ama sem esperança.

Escrita pela poetisa *Narciza Amália*, não é de toda surpresa que encontremos uma linguagem mais figurada e com elementos poéticos. Com a temática do sofrimento amoroso em forma de lenda, não apresenta nenhum recurso que vá de embate ao caráter conservador do jornal, visto que a temática da narrativa seriada atendia ao que se esperava da época de

sucesso do romance-folhetim. E o teor da narrativa é comumente encontrado em outras histórias de romance que figuraram em periódicos no século XIX, apesar de a escritora ter uma ideologia liberal e à frente de seu tempo, o editor do jornal buscou uma narrativa leve e que seria de agrado dos leitores do impresso.

O pecado da avareza:

3.9 O Tesouro

A avareza é a temática que encontramos nesta narrativa de Eduardo Ferreira França, publicada no **Jornal do Pará** nos dias 05 e 06 de setembro do ano de 1877. Conhecida por ser um dos sete pecados capitais condenados pela Igreja Católica, a ganância ou avareza é uma condição humana conhecida pela adoração da fortuna ou de bens materiais. Naturalmente a Igreja Católica condena a falta de controle dos instintos humano por considerar que eles afastam o homem de Deus.

Esta é a história que Eduardo França nos apresenta. Uma mãe viúva e de precárias condições financeiras caminha com seu filho pequeno em direção a uma simples igreja, na sexta-feira santa. Ao se aproximar de algo estranho, acredita ver uma fenda se alargando terra. O ambiente que compõe a narrativa é composto por referências que denotam simplicidade e religiosidade.

Sobre a collina, entre as arvores, vê-se uma pequena igreja. Que ruído se escapa de sua torre inclinada? Não é a voz argentina dos sinos atravessando o ar sonoro, percorrendo os valles, retumbando nas florestas e fazendo estremecer as aldeãs longiquas; e os estrondo surdo da madeira soando sobre a madeira.

Entretanto, á seu chamado, com promptidão, e de todas as casas os camponeses de piedosa índole sahem e pressurosos se dirigem para o templo de Deus. . . . E' hoje sexta-feira santa. . . . Triste é o interior da igreja; as paredes estão nuas; diante do altar cáhe um véo negro; sobre o estofo sombrio a Cruz branca se destaca.

Escutae o canto dos mortos. (Jornal do Pará, 05/10/1877, p. 1).

Destaque para as vestimentas da personagem que embora esteja coberta com uma peça que remete à boa costura, no momento encontra-se em condições de veste de segunda mão: “Uma mulher se aproxima, trazendo o filho e ella chega-se á passos rápidos, subindo a collina escarpada. Também vem á casa de Deus. Tomou suas vestes de festa. . . mas quão pobre e velho é seu vestido!” (Jornal do Pará, 05/10/1877, p. 1).

A caminho da casa de Deus a simples mulher julga ver uma fenda no meio do campo. Sem saber se é real ou ilusão, aventura-se a entrar na cavidade, deslumbrada pelo brilho do

ouro que parece estar ao fundo. A mulher que tinha como destino a casa de Deus, o encontro espiritual, imediatamente tem sua atenção inteira voltada para a abundância material e a cobiça.

Ella caminha ao longo dos rochedos. Derepente pára. . . Será illusão ou realidade? Vê ou julga ver uma fenda immensa rompendo a terra; recua, depois adianta-se de novo, colloca a mão diante de seus olhos, debruça-se e olha. O rochedo achava-se atravessado de lado a lado; uma abobada, cavada a gusa de túnel no quartz vivo, parecia abrir caminho até ao centro do globo. Diante della, uma porta aberta, conduz á mais esplendida sala do mundo. Todas as paredes resplandecem de ouro; o tecto brilha de rubins; as columnas são de crystal. A' direita e á esquerda sobre a pedra de mármore, ardem duas pyras de chammas inextinguíveis. A' direita, a chamma é nutrida pela prata em fusão; á esquerda, é o ouro que arde; estas chammas brilhantes projectam sobre as paredes seus vivos reflexos. (Jornal do Pará, 05/10/1877, p. 1)

Mesmo sem saber do que se trata ou a quem pertence aquela fortuna, a mulher penetra na fenda e em diálogo com Deus se nomeia dona de toda fortuna que ali enxerga, afinal, ela considerada que a pobreza sofrida até então seria recompensada pelos céus naquele momento. Este diálogo mostra-se contraditório, no entanto, no sentido de que Deus é o receptor da mensagem, e haja vista que segundo os ensinamentos religiosos, Deus abomina toda adoração pela riqueza material, e mais ainda, pela riqueza sem trabalho árduo, a riqueza que o homem conquista sem trabalho digno.

A mulher, que não se acha feliz em meio à pobreza que tem vivido, sente que passará a finalmente ser feliz agora que está rica.

- Deus do céu! quanta fome tenho tido em minha pobre vida! quantas necessidades, quantas dores! quantas lagrimas! E que dias são os meus. . . e um thesouro está aqui occulto, perdido para todos! Tanto ouro! tanta prata inutil no seio profundo da terra! E com um punhado, um punhado só, eu serei rica, feliz entre as felizes. . . e meu filho também!
 peso, e acaba guardando-o em seu seio.
 - E' o dedo de Deus que me mostra este thesouro, obedeço ao signal que elle me faz! (Jornal do Pará, 06/10/1877, p. 1)

Em busca de retirar todo o ouro da fenda, a mãe pouso no chão o filho que tomava nos braços a fim de carregar agora seus metais preciosos. A mão não pode carregar ao mesmo tempo os dois, então ela opta pelo ouro. A criança se torna o pesado fardo que a atrapalha quando ela precisa das mãos livres para carregar o que agora domina os seus olhos. Temos, então, a troca do presente divino pela ganância material.

Assim fallando, larga seu filho em terra, ajoelha-se, estende o avental, mette as mãos ao grande monte e enche o seio; mal póde levantar-se.

E comtudo ella tira ainda, tira sempre. . . E o filho? Eil-o em terra, sobre o solo brilhante. . . Mas é pesado fardo um menino de dous annos, e a mão não póde levar ao mesmo tempo a prata e o menino. . .
 Toma a prata! o menino tremendo segura-se a ella:
 - Mãi! exclamou elle, mãi!
 E procura retel-a com suas pequenas mãos.
 - Cala-te! meu filho, cala-te! sómente um minuto. . . Espera, eu volto...
 (Jornal do Pará, 06/10/1877, p. 1)

A personagem transforma-se e braveja contra tudo o que possuía de humilde até o momento, ela considera que agora merece a melhor das residências na cidade grande, longe dos olhos da sociedade que a julgam por ela ser mãe viúva, pobre, mal vestida e triste. A soberba se mistura com o pecado da avareza. Na fala da personagem percebemos a mudança de espírito em que ela se encontra agora, não se preocupa mais com tudo que teve até então, somente com o que conquistaria a partir de agora que possuía a boa condição financeira, e consequentemente, o poder que ela traz.

Ah! casinha, casa miserável! como vou agora voltar-te as costas! Agora; fora os grandes bosques negros! Adeus, pobre herança de um pai indigente! Minha forrtuna pede palácios; a felicidade me dará campos. O que me é agora preciso é a cidade, a grande cidade, a cidade cheia de casas brancas. . . terras, castellos! . . . Tudo isso terei com meu ouro. Com ouro há tudo! E dizer que vive, aqui! Como vou fazer-me de senhora! porque já não sou mais a pobre viúva, chorando dia e noite! . . . Estou rica! (Jornal do Pará, 06/10/1877, p. 1)

Após se dar conta de que tudo se esvai, e que no lugar do ouro que acreditava ver há somente terra, a personagem busca desesperadamente o filho perdido, sem sucesso. A troca do filho gerado pela riqueza material revela a consequência de seus atos impulsivos e pecaminosos. Este momento da narrativa pode inferir ao leitor que o castigo de Deus atuou diretamente no único bem que a mulher realmente possuía.

Acabando de fallar, olhou para o seu avental, e empallideceu de terror; esfria. . . vai desmaiar. . . Em vez de ouro. . . acha terra. . . Lança-se para o lugar onde escondeu a prata, cava a terra e só acha pedras. Todas as suas esperanças estão destruídas. . . ella não era digna de felicidade.
 Mas outra setta lhe atravessa o coração; dá um grito cruel:
 - Meu filho! meu pobre filho! . . . (Jornal do Pará, 06/10/1877, p. 1)

Por anos a mãe chora perda do menino e passa os dias orando e pedindo a Deus na igreja do bosque, próxima ao lugar onde avistou a fenda. Todos na região já a conhecem como a viúva que perdeu o filho e por isso passa os dias e as noites infeliz, arrependida. Passado um ano de orações e sofrimento, ao caminhar novamente próximo do local da fenda, ela percebe que a o buraco surge outra vez. Incrédula, ela avista o menino e corre para

apanhá-lo, sem dar atenção ao ouro e a prata que os cercam. A mãe escolhe resgatar o filho imediatamente e o leva nos braços para longe do lugar.

Rodeia a sala, porém não olha mais para o ouro, e nem mira a prata. . . Seu filho! E' o que procura!

- Mãi, mãi! minha mãi! disse uma pequena voz. Durante um anno, chamei por ti, chorando!

E bate as mãos de alegria. Ella o toma em seus braços que tremem; estreita-o com força, quasi o suffoca, depressa o leva consigo! (Jornal do Pará, 06/10/1877, p. 1)

A lição pretendida pela história de França é a de que a avareza conduz à idolatria acima de tudo. Deixar-se conduzir pela ganância material significa tratar algo com a adoração que só Deus merece. A ganancia produz desequilíbrios no indivíduo que somente a proximidade com a religião pode aplacar. O homem deve ser grato por tudo aquilo que possui, sem revolta ou cobiça. Na narrativa, a personagem deixa de enxergar a única riqueza que tinha para apoderar-se de algo irreal e que não lhe pertence. O novelo dramático que se constitui o pecado da ganancia acaba por cumprir o seu dever de incentivar a prática cristã, pois de um lado há o desespero e a perda, do outro o exercício de princípios que resultam na única felicidade necessário ao indivíduo temente a Deus.

Assim, a narrativa de França deixa claro ao leitor que a valorização da virtude, da família e dos filhos deve estar em primeiro plano em qualquer situação. Desse modo, é possível relacionarmos o teor da narrativa com o lado religioso que o autor carregava, o que provavelmente deve ter contribuído para a produção desta história tão sustentada pelos ensinamentos religiosos.

Considerações finais

As temáticas que aqui foram apresentadas confirmam que nos Oitocentos grupos sociais que gozavam do poder, como a igreja, o governo, propagavam como benéficas posturas de teor moralista e conservador, e utilizaram os jornais e periódicos para que esses valores fossem difundidos. A literatura que tinha seu ápice em romances-folhetins era o veículo ideal para alcançar todos os públicos, visto que os impressos estavam em todas as áreas da sociedade, por serem suportes mais acessíveis. Dessa forma, o conteúdo explorado na prosa de ficção no século XIX tinha como grande parcela as narrativas de teor religioso e moral, que exaltavam os bons valores da sociedade e da família, considerados naquele tempo. As narrativas de teor religioso e familiar são a maioria e acabam se completando no que diz respeito ao que tem em comum: o teor conservador e a punição ao indivíduo transgressor de regras.

Com a análise percebemos três elementos que se repetem na maioria delas: A representação feminina, tanto a que se distancia da virtude quanto a que segue o caminho da obediência, as menções religiosas e a preocupação com a moralidade da narrativa, instruções de ensinamento guiadas pela aplicação destes exemplos. Não é surpresa o fato de que as temáticas se aproximam e se relacionam, na categoria religiosa poderíamos incluir tanto as narrativas de Bernardino “A Filha de Jephté” e “A Morte de Sansão”, como as de Eduardo Ferreira França com “O Tesouro” e a narrativa de Aureliano José Lessa com “Uma visão”. Assim também seria para as narrativas de Machado de Assis, “Muitos anos depois” e a de Luís Leopoldo, “Anjo da Solidão”, que facilmente ocupariam lugares na categoria familiar. Esta proximidade se deu por conta do viés moralizante que o jornal que as veiculou seguia.

Ademais, a maioria das narrativas baseava-se em “dramas da vida” e situações cotidianas. Em relação às narrativas de sofrimento amoroso e o romance urbano de costumes, conforme nomeamos, a presença deles no periódico pode ser explicada pelo sucesso que seus escritores faziam no momento. Manuel Antônio de Almeida com o romance-folhetim que foi republicado em vários periódicos e ganhou inúmeras edições, e Narciza Amália, a princesa das letras que celebrava a fama de seus versos em periódicos conceituados do país. Para o **Jornal do Pará** seria de extremo interesse atrair leitores com as narrativas de escritores de renome, no caso de “Memória de um Sargento de Milícias”, pelo título.

No que tange ao contexto histórico em que as narrativas foram produzidas, em meados do século XIX a Província do Grão-Pará perpassou por diversas transformações no ramo estrutural, político e também cultural. As páginas dos jornais da capital divulgavam notícias

sobre navegações, novas construções, atos políticos e uma literatura em massa, atendendo ao famigerado novo modo de publicação que cercava a comunidade de leitores no Brasil. Considerar, portanto, o cenário histórico-cultural em que as oito narrativas veiculadas no impresso paraense estavam envoltas, é essencial, acreditamos.

De acordo com nossas pesquisas, nenhuma das oito narrativas foi produzida na Província do Grão-Pará, portanto foi necessário considerar não somente a nível regional, mas também a nível nacional, as transformações que sofreu o século XIX. Assim como necessário considerar também o veículo em que circularam estas narrativas, a ideologia defendida, e o momento cultural e político por que a cidade passava naquele momento, pois estes fatores recaíam diretamente na escolha de textos para publicação no jornal.

Ainda há também a presença do **Jornal das Famílias**, periódico do qual o **Jornal do Pará** mais extraiu textos literários. Cremos que o motivo do compartilhamento de textos entre os dois periódicos se constrói nos interesses em comum que ambos nutriam e a intenção de publicar narrativas de boa instrução, aos leitores no caso do **Jornal do Pará**, e às leitoras no caso do **Jornal das Famílias**. Como já exposto no Capítulo I, a interação entre o periódico fluminense e o paraense, muito provavelmente foi a causa motivadora de um número significativo de textos extraídos e com a quantidade maior em textos de autores brasileiros, visto que o **Jornal das Famílias** gostava de publicar textos da escrita nacional, além de ter uma gama de autores brasileiros que fazia parte da área colaborativa do impresso e também publicavam suas narrativas, como é o caso de Francisco Bernardino e Machado de Assis. Não há informações que nos assegurem o modo como estas publicações chegaram até a Província do Grão-Pará, mas consideramos o fato de o **Jornal das Famílias** ter tido, naquela época, representante em várias regiões que davam conta de relações com editores de outros jornais.

No que diz respeito aos escritores brasileiros aqui expostos, devemos considerar os escritos de cada um como parte de nossa literatura nacional, visto que eles também fizeram parte do movimento que buscava uma identidade interior e a fuga de repetições de parâmetros estrangeiros. Ainda que a maioria não tenha logrado a membro do célebre cânone, é preciso que reconheçamos suas obras em caráter constitutivo de um todo nacional.

Destarte, a presença de periódicos em nossa história paraense contribuiu em muito para a divulgação de literatura entre o público leitor local, o suporte foi imprescindível para o conhecimento de uma produção que ia além da publicação de narrativas ficcionais em livros. Desse modo, observamos que os periódicos devem ser considerados não apenas como arquivos esquecidos, mas como testemunhas de práticas, concepções e representações, cujo suporte está intrinsecamente vinculado ao nascimento e desaparecimento de novos gêneros,

escritores e leitores. O jornal foi, nos oitocentos, cenário de surgimento de diversos escritores brasileiros, alguns que hoje já não mais fazem parte de nossas memórias e estudos, e outros que viriam a ser inesquecíveis pela crítica literária.

Referências

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Litura do Brasil (ABL); São Paulo: Fapesp, 2003.

ARAÚJO, Bernardo Goytacazes de. As éticas espiritualistas de Cunha Seixas e Ferreira França. **Revista Filosóficos**. Nº 7/2011 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967. Dfime – UFSJ – São João Del-Re-MG. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art15_rev7.pdf. Acesso em: 02 de ago. de 2016.

ARISTÓTELES. **A arte poética**. Trad. Pietro Nassetti, São Paulo, Editora. Martin Claret, 2004. Dessa forma, os textos que derivam dessa proposta central, ramificações menores, seriam então os subgêneros.

ASSIS, Machado de. **A nova geração**. In: Obras Completas. Critica, v3, 1985.

_____. **Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade**. In: Obras Completas. Critica, v3, 1985.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro** (Primeiro volume). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1895.

_____. **Diccionario Bibliographico Brasileiro** (Segundo volume). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1893.

_____. **Diccionario Bibliographico Brasileiro** (Quinto volume). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1899.

_____. **Diccionario Bibliographico Brasileiro** (Sexto volume). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1900.

BOSI, A. **A máscara e a fenda**. In: ____ Machado de Assis: o enigma do olhar. São Paulo: Ática, 2000. p. 76-126.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **Formação da Literatura Brasileira :momentos decisivos, 1750 – 1880**. Rio de Janeiro. Ouro sobre azul, 2012.

_____. Dialética da Malandragem caracterização das Memórias de um sargento de milícias in: **Revista do Instituto de estudos brasileiros**, nº 8, São Paulo, USP, 1970.

CASTELLO, José Aderado. COUTINHO, Afrânio. **Presença da Literatura Brasileira do Romantismo ao Simbolismo**. 8ed, São Paulo: Difusão editorial, 1979.

CHARTIER, Roger. Figuras do autor. In: **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mary del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

COUTINHO, Eduardo. **O Conceito de “Literatura Nacional” e a crise de identidades na América Latina**. Memórias da Borborema: reflexões em torno de regional / Ana Cristina Marinho Lúcio / Diógenes André Vieira Maciel (Org.). – Campina Grande: Abralic, 2013.p.27-42. Disponível em:< <http://www.abralic.org.br/downloads/livros-produzidos-pela-gestao/01-MEMORIAS-DA-BORBOREMA.pdf>>. Acesso em: 08 de jan. de 2016.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana, 1969.

_____. **Enciclopédia da Literatura Brasileira**. Vol 2. Rio de Janeiro: FAE, 1989.

Dicionário Biográfico de Psicologia do Brasil. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/cgi-bin/wxis1660.exe/iah/dicionario/?IsisScript=iah/iah.xis&lang=P&base=dicionari> o Acesso em: 23 de jul. de 2016.

FERREIRA, Edimara. **Dumas, Montépin e du Terrail: a circulação dos romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880**. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras. Belém, 2011.

FRANÇA, Eduardo Ferreira. **Introdução Antonio Paim**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1973.

_____. **Investigações de psicologia**. Salvador: Typografia Pedroza, 1854.

FREITAS, Deise J. T. de . **A composição do estilo do contista Machado de Assis**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2007. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/90720>> Acesso em: 27/04/2016.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. Lisboa: Passagens/Vega, 2002.

FURTADO, Marlí Tereza. Machado de Assis: do século XIX ao XXI, uma teoria ainda válida. In: Asas da Palavra – **Revista de Letras**. Belém: Unama, v.11, n.24, 2008.

GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis: ensaios**. SP: Companhia das Letras, 2006.

GONÇALVES, Couto Mariana. **O jornalismo Literário no Século XIX. A imprensa entre Folhetins, Crônicas e Leitores**. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal, RN. 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371346244_ARQUIVO_artigoanpuh_ver_saofinal_.pdf>. Acesso em: 23 de fev. 2016.

GRANJA, Lúcia. No rodapé dos jornais: casos do romance-folhetim. **Floema** – Ano VII, n.9, p. 147-158, jan/jun 2011. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/viewFile/787/787>. Acesso em: 27 de mar. De 2016.

JOBIM, José Luís. **Literatura e Cultura: Nacionalismo, Regionalismo e Globalização**. Memórias da Borborema: reflexões em torno de regional / Ana Cristina Marinho Lúcio / Diógenes André Vieira Maciel (Org.). – Campina Grande: Abralic, 2013.p.11- 26. Disponível em: < <http://www.abralic.org.br/downloads/livros-produzidos-pela-gestao/01-MEMORIAS-DA-BORBOREMA.pdf>>. Acesso em: 08 de jan. 2017.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3ed. São Paulo: Ática: 1998.

MARTINS, Patrícia Carvalho. **Jornal do Pará: o caminho literário entre espaços e diálogos na Belém oitocentista**. 2011.p. 110. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Federal do Pará, Belém: 2011. Disponível em:<http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2832/6/Dissertacao_JornalPara.pdf> Acesso em: 02/02/2016.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma História**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. _____ . **As Mil Faces de um Herói Canalha**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

MONTELLO, Josué. Manuel Antônio de Almeida. IN: COUTINHO, Afrânio (org.). **A Literatura no Brasil**. Vol. 5. São Paulo: Global, 1999, p. 125.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos Jornais do Mato-Grosso, séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2002.

MELO, Carlos Augusto de. **Cônego Fernandes Pinheiro (1825 – 1876) Um crítico literário pioneiro do romantismo no Brasil**. Dissertação de Mestrado – PPG do Instituto de Estudo da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – Teoria e História Literária 2006. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000391422>>. Acesso em: 29 de jul. de 2016.

MOTA, Arthur. **História da Literatura Brasileira**. – Vol. 3. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

OLIVEIRA, Itamar de Freitas. **História do Brasil para crianças: o livro escolar nos primeiros anos da república e a iniciativa de Joaquim Maria de Lacerda**. *Cardernos de História da Educação* – nº – jan/dez. 2007. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/277>>. Acesso em: 02 de ago. de 2016.

PAIVA, Aurélio. A poetisa de Resende que encantou D. Pedro II e os intelectuais da época. **Diário do Vale**. Disponível em: <. Acesso em: 02 de ago. de 2016.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura Brasileira: prosa de ficção**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1998.

PÓVOA, Pessanha. **Prefácio a Nebulosa, poesias de Narcisa Amália**, 1860. P. XXIII.

ROCQUE, Carlos. **História geral de Belém e do Grão-Pará: atualização de texto**: Antonio José Soares – Belém: Distribel, 2001.

ROMERO, Silvio. **História da Literatura Brasileira – Tomo II**. Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2001.

SALES, Germana. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Revista Entrelaces**. Ceará, nº 1, p. 44 – 56, ago/2007. Disponível em: <<http://www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf>> Acesso em: 26/03/2016.

_____. **Palavra e Sedução** – Uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826 – 1881). Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas: 2003. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000301167>>. Acesso em: 23 de mai. De 2016.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. **Contos de Machado de Assis: Leituras e leitores do *Jornal das Famílias***. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2005. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000343999>> Acesso em: 14/04/2016.

SODRÉ, Nelson Wenerck. **História da Literatura Brasileira**. 10 ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

SOUZA, Bernardino de. **Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas**. Pará: Typografia do Futuro, 1873.

TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão Pará: instantes e evocações da cidade; prefácio de Clarival do Padro Valladares**. 2ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1976.

VASCONCELOS, Sara. **A leviana: história de um coração e outras histórias n'A Província do Pará**. Belém. 2012. 28 p. Relatório Técnico Científico.

Veríssimo, José. **História da Literatura Brasileira – De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. São Paulo: Letras e Letras, 1998.

Anexos

A FILHA DE JEPHTÉ

E Jephté voltava do Maspha.

Com o sorriso a expandir-lhe os lábios, com a fronte erguida, que coroâm louros, marcha em frente a cohorte dos Israelitas, que levara á victoria.

Cahiram os Amalecitas, com as folhas amarellescidas pelo outono cahem ao sopro da ventania do deserto.

Desanuveu-se a fronte de Jehovah e o archanjo da victoria varreu as phalanges numerosas dos incircumeisos.

E em frente á multidão que corria á saudar o guerreiro, caminha a virgem por quem palpita o coração do velho triumphador.

Era ella a doçura de sua vida ; a estrella puríssima do seus olhos, o orvalho suave que lhe acalmava as dores, o legado precioso que lhe deixará a esposa. ...

Morrera-lhe tão cêdo. . . arrancara-a de seus braços a mão poderosa do destino;—vira-a cahir—desfallecidos os olhos, desbotadas as faces ; escutara-lhe o ultimo balbuciar, o ultimo adeos á vida, e ouvira-lhe murmurar o derradeiro nome no derradeiro arranco. . .

Era o nome de sua filha. . . .

E o guerreiro soluçara. . . Soluçara, ainda bem !---que dores lia tão fundas, tão magoada-:, tão dilacerantes, que sem o socorro das lagrimas o coração estalaria !

Abençoadas as lagrimas; que se desusam pelas faces ! Felises os que podem chorar ! Ficara-lhe pois a filha. Oh ! quanto affecto ò coração pode dar, quanta ternura se pode concentrar no peito de um pae, dera-o elle á filha. Era a vida de sua vida, a alma de sua alma, a luz de seus olhos;, amava-a mais do que á pátria e um pouco menos que a Deus.

Acompanhado dos gritos da multidão, que não podia concentrar no peito a alegria que fervia la dentro, vinha a filha de Jephté.

Quisera ser a primeira a saudar o guerreiro ; a primeira a beijar a mão querida do pae estremecido.

Não sabia a mesquinha que caminhava para a morte; victima do amor da pátria, ia risonha e alegre para o altar que a esperava.

No meio da agitação do combate, e quando a victoria parecia esvoaçar para o lado dos Amalecitas, e os guerreiros d'Israel recuavam palidos ante os esquadrões inimigos, uma lagrima silenciosa desceu pelas faces rugadas cie Jephté.

Foi um momento apenas ; de subito faiscaram-lhe os olhos, ergueos ao céu e em voz vibrante e firme prometeu ao Eterno sacrificar-lhe ante as aras, si obtivesse a victoria, a primeira pessoa em quem fitasse os olhos ao voltar á pátria.

E foi ella, a filha querida, ella, a consolação de sua vilhice, o sangue de seu sangue, o legado precioso q jurara guardar e proteger !

II.

" Porque heide morrer tão sedo, quando a flor de minha vida se abria risonha aos raios dourados do sol ?

Porque heide morrer ?

" Porque me destes, Senhor Deus, a belleza do corpo, si m'a havias de roubar tão cedo ?

" Não quero. . . não quero ainda morrer. . . . Doce é ver o sol erguer-se-la do lado das montanhas q circulam a cidade e dourar as carpinas esmaltadas de flores e cobertas de trigo;—sentir o vento da tarde brincar nos louros anneis que me cahem sobro o collo;—contemplar o céu diaphano e sem nuvens a scintillar d'estrellas. . .

"Não, não quero morrer!

Sinto tão jovem palpitar-me o coração. . . Quanta vida n'elle se aninha, quanto thesouro de ternura n'elle se encerra !

" Não, não quero morrer !

" Ainda hontem, era á tarde. O mensageiro israelita havia chegado, annunciando a victoria de meu pae sobre os inimigos de Jehovah. O sol, entre nuvens de ouro e rosas, se lançava cio lado das campinas do occidente : a brisa sussurrando agitava brandamente as folhas dos cedros e das palmeiras ; a lua pallida e bella se erguia silenciosa do outro lado do céu;—eu sentia a alegria pullular-me no seio e a felicidade se abrir-me os lábios !

" Quem pensaria que hoje estaria votada ao sacrificio ! Pomba cândida, que estendia as azas para o lar paterno, porque encontrei ahi a perdição, e a morte ?

" Deixae-me chorar, vós as companheiras da minha infância ; vós q tantas vezes me fostes sócias na alegria e no praser, vinde agora lamentar o destino da mais desditosa d'entro vós todas !

" Percorramos os montes, colhamos as flores perfumadas dos valles descancemos á sombra dos cedros copudos. . . .

Ai ! será pela derradeira vez !

" Briza da minha terra, sol do meu céu, não mais me affagareis a face, nem brincareis cora os louros anners dos meus cabellos ; não mais so expandirá meu coração ao calor de teus raios. . . , não, é forçoso morrer !

" Aves, que modulaes trinados harmoniosos, que ao pé Via cabana e junto á margem do arroio cristalino ieis modular canções de amor on hymnos á natureza, vinde unir voss s trinados ao murmúrio harmonioso da brisa, . . .

"Senta-te aqui, Sara, bem junto a mim ; fita teus olhos de saphira nos meus olhos, escuta a voz de tua amiga. Fallemos baixo, muito baixo, para que não nós escute o vento da floresta, que geme entre as folhas das palmeiras.

Conheces o mysterio de minha vala, o segredo santo de meu coração. . . Pois bem, vou morrer, mas não quero que elle morra, o meu Jonathas. Consola-o tu, da-lhe o teu coração, que bem merece-o elle, ama-o com esse affecto, que eu lhe votava, estende-lhe a mão, para q o misero não morra, e n'essa hora melancólica da tarde, quando vires uma lagrima silenciosa se lhe deslisar pelas faces, recebe-a cm teus lábios de virgem e murmura-lhe ao ouvido o meu nome. . .

" A hora do sacrificio se approxima. . . está a expirar o praso fatal; dise-me que o amarás, que amarás o meu Jonathas, que o farás feliz e menos horrível parecer-me-ha o sacrificio.

" Adeos, flores do prado, arvores da montanha, nuvens do céu, crepusculo da tarde, cedros do Líbano, —nunca mais vos verei ; votou-me meu pae ás aras do sacrificio; é forçoso morrer ! "

Cônego Francisco Bernardino de S.

A MORTE DE SANÇÃO

Rugiam Ia dentro a fésta e a orgia, em honra de Dagon, o deus dos Philisteus.

Era taças de ouro e de crystal espumava o vinho, e nas paredes da vasta sala, em que se reuniam os convivas, resoavam os cantares livres e desordenados dos Philisteus incircumcisos.

E motivo havia para semelhante folgança. Como o cedro despenhado pelo maxado afiado do lenheiro tomba em terra ; corno o leão das selvas, que cahe no fojo armado pelo caçador astuto, que não ousara lutar peito a peito contra o rei das florestas, assim cahira a columna de Israel, o terrível adversário dos secvtários de Dagon.

Longe iam esses dias de alvoroço e desanimo ; longe iam,—que o braço valente cahira já sem forças ; que a mão que manejava poderosa o instrumento de morte, lançando o terror nas fileiras inimigas, sentia os ferros lhe roxearem os pulsos.

Uma mulher, . . . fôra uma mulher que preparara as ciladas ao leão indomito das selvas ; foi a fraquesa que desarmou a força ; foi a astucia que triumphou da bôa fé do forte.

E Sansão havia cedido á influencia do amor. Oh ! nunca a belleza tornara formas tão divinas ; nunca o inferno se havia aninhado em corpo mais seductor e delicado.

Quanta expressão n'aquelles olhos que fascinavam ; quanto amor n'aquelles lábios que mentiam ; quanta emoção n'aquella vos que enganava !

Era a serpente a fascinar a avezinha até devoral-a ; era o tentador a diser palavras, que offuscam a rasão ; era a astucia lançando mão de todas as armas para vencer o inimigo valente e confiado.

E Dalila a philistéa promettera entregar Sansão aos inimigos dos filhos de Israel.

Cegava-a a ambição do ouro, as galas e os europeis. Que lhe importava que regasse a terra o sangue d'aquelle que a amava! Que lhe importava a maldição do céu e o desprezo dos homens !

Alto lhe fallava a vaidade ; era mister que a traição triumphasse. ..

Um dia. . . , fascinado pela belleza, redimira o guerreiro a frente, q escaldava, no collo da sereia, que debruçada lhe sorria.

Nunca no mais intenso delirar da febre, viram olhos de poeta fronte mais pura, rosto mais angelico.

E Sansão o forte, e Sansão o guerreiro, sentiu o calafrio da paixão lhe percorrer os membros, e cerrando as palpebras, pareceu absorver todo o magnetismo, toda a embriaguez, que, como scentelhas, despediam os olhos que n'elle se fitavam.

Como a aurora que bafeja suavemente as pétalas das flores, como o suspiro da brisa por entre as folhas aromatisadas do laranjal ; como os sons melodosos da harpa, ouvida ao longe em noite serena de verão, —assim aos ouvidos do guerreiro echoou a voz mentida de Dalila.

—De onde te vem essa força miraculosa com que fazes recuarem pálidos os inimigos do teu povo ? E era tão doce a voz que assim fallava, e tão suaves os sons que lhe

murmuravam aos ouvidos ! Oh ! como pode a traição resoar assim tão meiga e voz de anjos exprimir pensamentos de demônios !

E Sansão fallou. Tinha como que um presentimento de desgraça; sentia como um apertar de coração, como esse vago ancizar que precede ás tempestades da vida. . . mas fallou. Aquelles dous olhos scintillantes e fascinadores estavam fitos nos seus, queimavam-o como um ferro em braza, e o valente e o forte de Israel, cerrando vencido as palpebras, mormurou:

—Sou nazareno : minha força está nos cabellos que bastos me cahem em madeixas por sobre os hombros ; si os nas tivera assim, minha força não excedera á dos outros homens.

E callou-se.

Escutava-o Dalila: lampejaram-lhe por ura momento os olhos, e osculando o mísero na fronte, scellou d'est'arte a sentença de morte, que lhe reférvia na mente.

II.

Reclinado sobre aquelle collo tão lindo que arfava ; embriagado pelo perfume d'aquellas tranças, que lhe roçavam as faces ; fascinado por aquelle olhar tão meigo, que se fitava no seu ; emballado por aquella voz tão angélica, Sansão havia adormecido.

Profundo era o seu dormir ; agitado havia sido o dia, porque a cimitarra do guerreiro se tingira no sangue dos inimigos de Israel.

E no dormir' balbuciava ainda o nome d'aquella cuja imagem lhe dourava os dias. Via-a em sonhos, unir a fronte á sua, ou, apoiada ao seu braço, passeiar por entre as arvores copadas, que lhe sombreava o jardim.

Por alguns momentos contemplou-o Dalila ; ouviu-lhe balbuciar seu nome e estremeceu. Mil pensamentos lhe agitavam o cérebro ; parecia que n'alma se lhe travava um combate ; pallidas lhe ficaram as faces,—depois passando a mão pela fronte, onde como pérolas finíssimas porejava o suor, exforçou-se por espancar os pensamentos, que ali turbilhonavam.

Manso ergueu-se. Sobre coxim de tela reclinou a cabeça do guerreiro, e dirigiu-se apressada ao camarim, onde a arte lhe realçava a belleza. Ao voltar, era sinistro o lampejar de seus olhos, lia-se n'elles como um pensamento de morte e pairava-lhe nos lábios um riso de demonios.

Ajoelhou-so aos pés do leito, onde descuidoso dormia o guerreiro, tirou do seio a thesoura, que occultara, e unindo as madeixas bastas q enchiam o coxim, fêl-as cahir como as espigas amarellecidas sob a mão do segador.

Sansão dormia, . . e nos lábios entreabertos pairava-lhe o nome tão querido d'aquella que dourava os dias.

III.

Rugiam la dentro a festança e a orgia em honra de Dagon, o deus dos Philisteus.

Em taças de ouro e de crystal espumava o vinho, e nas paredes da vasta sala em que se reuniam os convivas, resoavam os cantares livres dos Philisteus incircumcisos.

A um aceno do chefe abriu-se a porta, que ficava em frente ao altar de Dagon, e em meio dos guardas pallidos e abalido appareceu o vulto do amante de Dalila.

Duas lagrimas se lhe desusavam pelas faces cavadas pela dor, e vacillante adiantou-se para o meio da sala.

Bem se haviam vingado os incircumcisos. O leão, cujo rugido tanto havia assustado outr'ora, ahi estava vencido, humilhado e exposto á irrisão d'aquelles que havia despresado.

Em meio das duas columnas, que sustentavam a sala, collocaram o guerreiro. Porque mais receios ? Haviam lhe arrancado os olhos e cortado os cabellos. . . e o forte se tornara fraco, e o vencedor se tornara vencido.

Mas os cabellos, que a thesoura de Dalila fizera cahir, surgiam de novo e com elles a força. . . E ai d'aquelle que lhe cahisse entre os braços de ferro ; ai- d'aquelle que sentisse o apertar de seus músculos de aço !

E rugiam a festança e ferviam as zombarias ao vencido d'Israel.

De repente ouviu-se o estalar do tecto os dous braços do guerreiro sobraçavam as columnas que sustentavam a sala, e depois, ao desabar do tecto, com o ruido dos estilhaços que cahiera, ouviu-se o immenso gemer, as imprecaçõès e os gritos das tres mil vozes daquelles que as ruínas da sala sepultavam.

E dominando todos esses gritos, todas essas vozes, ouviu-se a voz forte e sonora do guerreiro, que disia :

—Morro !—mas commigo morrem os inimigos de Israel ! . . .

Conego, Francisco B. de Souza.

Uma visão

Logo que uma centelha do pensamento de Deus alvejou em meu espírito, eu me arrebanhei aos viajares do mundo. E a fé tinha brotado em meu coração, e a coragem em minha frente.

Era um esquadrão de semblantes, de muito sorrir nos lábios e eu exclamei: -O que é sorrir? Vi também muitos homens de muito pranto nos olhos, e então exclamei: -O que é chorar? Mas os homens só responderam: -Caminha! E eu quis caminhar, mas entorpeciam-me os paços um turbilhão de moços, velhos e creanças que de contínuo abairrando-se praguejavam, brigavam, cantavam, e soluçavam, estrangulando-se no meio de uma confusão infernal...

Elles rodavam-se em turmas por uns sem conto de veredas, baixas, e levadas, planas, escabrosas, frias e torradas. Onde estamos? —Bradei. Para onde corres? Para a esperança! Reboou um concerto estrepitoso, disonante e entusiasta. Depois indigitaram-me as minhas fronteiras.

E eu descobri o futuro, á quem a felicidade esvoaçando pela amplidão do horisonte immenso, e caminhei para lá.

Longo tempo estradei um dedalo de tramites cancellados em todas as direcções; e, quando mais próximo lobrigava o marco penúltimo da romaria, galgava, sem saber como, as orlas do imporio da esperança. Então perguntei a um por um o que era felicidade.

Escutei o infante, o velho, a mãe, a donzela, o amante, o soldado, a esposa, o mercador, o sábio, o ignorante, o pai, o orpham, o padre, o rico, o pobre, o literato, o cortezão, o rei, e o poeta.

Bem assim, Platão, Erostrato, Epicuro, Demócrito, Zenon, Heráclito, Confúcio, Alexandre, Catão, Nero, Germânio, Iro, Crespo, e as duas Lucrecias. Eis o que me disseram: -A formosura, a glória, a sabedoria, a riqueza, o prazer sensual, a mesa, o jogo a dança, a orgia, e a honra.

-A felicidade é o brilho do ouro enterrado em férreos caixões; e a indolência do corpo, da ave, da flor, do rei, do idiota, e do espírito a glória militar, a tranqüilidade doméstica e familiar.

-A felicidade é a vida do marinheiro, do sacerdote, do assassino e do louco; é o amor a contemplação, a fé, a vida do probo, ou do atheu e do hypocrita.

Eu quis reflectir sobre tantas contradições, e harmonizal-as; mas a descrença engelou-me as idéias, e gemi.

O bafo de um demônio atava-me a inteligência, e o meu cérebro era como pavilhão do cahos....

Foi então que murmurei aturdido: -Que injurio horrível... (...) * aurora da minha existência (...) * boreal, espancaria as tre - (...) * Na infância, e o clarão (...) * lo como a sombra do (...) * um cadáver. Já invocar (...) * do nado, quando... (...) * se-me um grego e (...) * em dentro de um (...) * Olhos pelo porvir, e (...) * templos de Jano e (...) * pelo passado, e vi (...) * águas do Nilo um (...) * ... (...) * ro rebuçava o tope do (...) * pelo correr dos tem- (...) * ambição, correu muito (...) * aram-se muitos ídolos. (...) * u-me dentre a mul- (...) * alto espantoso e aos (...) * horrível e univer- (...) * o abandonou-se ao (...) * a total do gênero humano (...) * esquecido. Após esses trans- (...) * ético e brutal, meus olhos pararam sobre um cadáver pendente de uma cruz...

-Quem é aquele? Bradei.

A fé, a esperança e a caridade, responderam-me.

E o que é a fé, a esperança e a caridade? Interroguei.

Disseram-me: é a felicidade.

Então volvi-me para o futuro, vi todas as nações prosternadas perante a cruz do capitólio.

A paz reinava sobre a terra.

1.(...)*: partes do texto suprimidas ou rasuradas.

O THESOIRO.

Sobre a collina, entre as arvores, vê-se uma pequena igreja. Que ruído se escapa de sua torre inclinada? Não é a voz argentina dos sinos atravessando o ar sonoro, percorrendo os valles, retumbando nas florestas e fazendo estremecer as aldeãs longiquas; e os estrondo surdo da madeira soando sobre a madeira.

Entretanto, á seu chamado, com promptidão, e de todas as casas os camponezes de piedosa índole sahem e pressurosos se dirigem para o templo de Deus. . . . E' hoje sexta-feira santa. . . . Triste é o interior da igreja; as paredes estão nuas; diante do altar cáhe um véo negro; sobre o estofo sombrio a Cruz branca se destaca.

Escutae o canto dos mortos!

Mas ouço um ruído no bosque, no bosque negro ao longo do regato! . . .

Uma mulher se approxima, trazendo o filho e ella chega-se á passos rápidos, subindo a collina escarpada. Também vem á casa de Deus. Tomou suas vestes de festa. . . mas quão pobre e velho é seu vestido!

No meio de seu caminho, ella pára e escuta, porque o ar fresco da manhã leva-lhe ao ouvido os canticos da igreja e as melodias do côro, entoando os hymnos da Paixão de Christo.

Ella caminha ao longo dos rochedos. Derepente pára. . . Será illusão ou realidade? Vê ou julga ver uma fenda immensa rompendo a terra; recua, depois adianta-se de novo, colloca a mão diante de seus olhos, debruça-se e olha. O rochedo achava-se atravessado de lado a lado; uma abobada, cavada a gusa de túnel no quartz vivo, parecia abrir caminho até ao centro do globo.

Bem longe, bem longe, no seio profundo e tenebroso do abysmo, brilhava uma pequena chamma a qual em seu centro, lançava um clarão pallido como a lua á meia noite; mas ao longe despedia raios vermelhos como os do sol quando se põe em um leito de púrpura.

Attonita, a mulher pára á entrada da negra vereda. . . depois mais animada dá um passo, dá dous, e entranha-se pela senda estreita e baixa; o terror comprime seu coração, a curiosidade porém a attrahe. Muda e tremula, a principio introduz-se lenta e silenciosamente; apressa-se depois. O rochedo resôa com o ruído de seus passos. . . ; ella treme! Porém diante della a chamma scintilla e ri. . .

Ella caminha, caminha sempre; chega em fim perto desse fogo, e assombrada de seu brilho, tapa o rosto; procura logo depois ver e não o consegue. . . ; mas anima-se e se habitua á chamma ardente. . . A vista. . . Só o céu póde offerecer taes espectaculos!

Diante della, uma porta aberta, conduz á mais esplendida sala do mundo. Todas as paredes resplandecem de ouro; o tecto brilha de rubins; as columnas são de crystal. A' direita e á esquerda sobre a pedra de mármore, ardem duas pyras de chammas inextinguíveis. A' direita, a chamma é nutrida pela prata em fusão; á esquerda, é o ouro que arde; estas chammas brilhantes projectam sobre as paredes seus vivos reflexos.

Estupefacta e como cega, a mulher pára no limiar, immovel; não tem coragem de abrir os olhos e olhar; estreita seu filhos nos braços, lembra-se de sua existência miserável, suspira, e diz baixinho:

- Deus do céo! quanta fome tenho tido em minha pobre vida! quantas necessidades, quantas dores! quantas lagrimas! E que dias são os meus. . . e um thesouro está aqui occulto, perdido para todos! Tanto ouro! tanta prata inutil no seio profundo da terra! E com um punhado, um punhado só, eu serei rica, feliz entre as felizes. . . e meu filho também!

Estas palavras lhe restituíram alguma coragem; anima-se e, fazendo o signal da Cruz, aproxima-se da chamma branca, toma um monte de prata, admira seu brilho, avalia seu peso, e acaba guardando-o em seu seio.

- E' o dedo de Deus que me mostra este thesouro, obedeço ao signal que elle me faz!

Assim fallando, larga seu filho em terra, ajoelha-se, estende o avental, mette as mãos ao grande monte e enche o seio; mal póde levantar-se.

E comtudo ella tira ainda, tira sempre. . . E o filho? Eil-o em terra, sobre o solo brilhante. . . Mas é pesado fardo um menino de dous annos, e a mão não póde levar ao mesmo tempo a prata e o menino. . .

Toma a prata! o menino tremendo segura-se a ella:

- Mãi! exclamou elle, mãi!

E procura retel-a com suas pequenas mãos.

- Cala-te! meu filho, cala-te! sómente um minuto. . . Espera, eu volto. . .

Ella parte, corre, voa, ao longo do regato, atravessa o Valle, entra no bosque, cheia de alegria; demora-se um instante, ora, e volta, coberta de suor, respirando apenas porém desembaraçada de seu fardo. E o ar fresco da manhã lhe leva os canticos da igreja e as melodias do coro entoando o hymno da Paixão de Christo.

- Mãi! mãi! esclama o menino vendo-a entrar.

E chora e ri de alegria, bate com as mãosinhas. E isto apenas se a mãi o olha. . .

Ella volta a cabeça para o outro lado. O que a attrahe é o fogo brilhante, é a chamma do ouro. Ajoelha-se, apanha com as mãos e enche seu avental que estalla. . . e o seio lhe incha, e de alegria seu coração salta-lhe no peito.

Parte, com seu ouro; o menino segura-lhe a ella, chorando:

- Mãi! mãi! sózinho tenho medo; fica, eu te peço, fica aqui!

E as duas mãosinhas se prendem á saia que fluctua.

Cala-te! cala-te meu filho. Um momento, só um momento! eu volto!

E debruçando-se sobre o menino, derrama o ouro sobre seus joelhos; toma dous pedaços luzentes e bateu do um no outro:

- Vês o que tua mãi te dá. . . dinn! Dinn! Como soa. . . dinn! dinn!

E o menino chora; mas o coração da mãi salta de alegria.

E parte, atravessa o regato, segue pelo Valle, e entrando nos bosques com seu thesouro, chega á porta da casa.

Ah! casinha, casa miserável! como vou agora voltar-te as costas! Agora; fora os grandes bosques negros! Adeus, pobre herança de um pai indigente! Minha forrtuna pede palácios; a felicidade me dará campos. O que me é agora preciso é a cidade, a grande cidade, a cidade cheia de casas brancas. . . terras, castellos! . . . Tudo isso terei com meu outro. Com ouro há tudo! E dizer que vive, aqui! Como vou fazer-me de senhora! porque já não sou mais a pobre viúva, chorando dia e noite! . . . Estou rica!

Acabando de fallar, olhou para o seu avental, e empallideceu de terror; esfria. . . vai desmaiar. . . Em vez de ouro. . . acha terra. . . Lança-se para o lugar onde escondeu a prata, cava a terra e só acha pedras. Todas as suas esperanças estão destruídas. . . ella não era digna de felicidade.

Mas outra setta lhe atravessa o coração; dá um grito cruel:

- Meu filho! meu pobre filho! . . .

- Pobre filho! responde o éco na profundeza do bosque negro.

Desvairada, cheia de terror, precipita-se para a collina onde achára o thesouro mentiroso.

O ar fresco da manhã lhe leva aos ouvidos os cânticos da igreja e as melodias do côro entoando os hymnos da Paixão de Christo. . .

E chega! Mas o que percebe?

A trezentos passos da igreja, um enorme rochedo lhe impede o caminho; entrada, caverna. . . tudo desapareceu! . . . E o menino, o pobre menino?

A mai treme, arrepella-se, chora, grita, corre ao redor da collina, dilacera os pés, as mãos e o semblante nos espinheiros, procura, procura sempre, e jamais o encontra. A morte

empallidece sobre sua fronte o desespero desvaira em seus olhos, e sentir-se hia em seus labios o frio dos cadaverees.

- Oh! meu filho, quem me restituirá meu filho? Meu filho, onde estás?

E uma pequena voz, fraca como um sopro, e que todavia penetra o rochedo, uma pequena voz lhe responde:

- Mãi, estou aqui! . . . Mas não posso ir. . . Estou dentro da terra, da terra profunda. . . Oh! é triste e frio! . . . Tu não me podes mais ver. . . Apenas podes ouvir-me! . . .

Aqui é muito bello, mas tenho fome. . . tenho sede. . . e sobre minha pedra de mármore luzente. . . não ha senão ouro. . . ouro que brilha, mas que faz frio. . . A noite como o dia, é sempre ouro, nada mais senão ouro. . . e eu não posso dormir. Dinn! dinn! ouvescomo soa? Dinn! dinn! O' mai! porque me deixaste?

E a pobre mai arranca os cabellos, dilacera as faces, magôa o seio gritando em pranto:

- Meu filho! meu pobre filho!

- Pobre filho! respondeu o éco na profundeza do bosque negro.

Um dia se passa, depois outro, aos dias succedem-se as semanas, ás semanas os mezes, e o insensível anno segue seu curso. . .

O sino bate lentamente na torre inclinada; no altar o sacerdote eleva ao CEO a offerenda do sacrificio, e o camponez piedoso inclina a fronte até o chão. Depoisfaz-se silencio, o sacrificio está concluído; o cyrio se extingue sobre o altar, a igreja fica deserta. Só uma mulher permanece ajoelhada sobre a pedra, prostrada em oração; apenas se ouve o seu respirar; suas faces estão frias, seus labios gelados; ella ora, ora sempre. Depois, quando as portas se fecham, reassume a vereda solitaria e lentamente ajoelha-se, arranca do coração um profundo suspiro, colloca a mão sobre os olhos e as lagrimas brotam por entre seus dedos separados.

Bem a conheceis, é a mulher do thesouro, a mai do menino perdido, a pobre mãi! Ella passa a vida em prantos; seus olhos jamais estão seccos; o somno não cerra suas pálpebras, e nunca os doces sonhos acalentam sua dor.

Passa o estio, e após o outono, e o inverno; porém as estações mutáveis não mudam o coração. A torrente de lagrimas rola sempre, e cada tarde ouve o seu queixume. . .

Sobre a collina, entre as arvores vê-se uma pequena igreja.

Que ruido se escapa de sua torre inclinada? Não é a voz dos sinos argentinos atravessando nas florestas, e fazendo estremecer as aldeãs longínquas; é o estrondo surdo de madeira sobre a madeira.

E' hoje sexta-feira santa! O arfresco damanhã transporta os canticos da igreja, e faz resoar as melodias so côro entoando os hymnos da Paixão de Christo.

Uma mulher sahe do bosque negro. . . encaminha-se para a collina, tremendo, mas apressando o passo. . .

Ha um anno, tomava o mesmo caminho. . . e ella pensa. . . pensa no filho perdido, hontem como hoje e hoje como sempre.

Mas o que percebe Ella? O! prodígio! A trezentos passos da igreja, entre as montas, no lugar onde se eleva o rochedo escuro, há uma abertura; a pedra acha-se arredada e o caminho excavado entranha-se na terra profunda. Ella vê. . . e não ousa regosijar-se . . . seus cabellos arripiam-se, e o sentimento de sua falta atravessa-lhe o coração como uma espada.

Dividida entre a esperança e o temor, hesita um instante.

Enfim lança-se sob a abóboda sombria.

A porta está aberta. . . e ella não ousa passar o limiar. Entra emfim na sala brilhante.

Rodeia a sala, porém não olha mais para o ouro, e nem mira a prata. . . Seu filho! E' o que procura!

- Mãi, mãi! minha mãi! disse uma pequena voz. Durante um anno, chamei por ti, chorando!

E bate as mãos de alegria. Ella o toma em seus braços que tremem; estreita-o com força, quasi o suffoca, depressa o leva comsigo!

Eduardo Ferreira França.

Contos Macahenses – “O anjo da solidão”

I

Agradavel e venturosa era a existencia que saboreava no Frade a bella e innocente Maria.

Na hora em que, despertos no seu ninho pela tenue claridade que a poetica precursora de Phebo bruxoleava, da garganta delicada extrahiam os passarinhos estrphes sublimes, n'essa hora tão decantada, erguia-se ella do seu humilde leito.

Erguia-se; e vestindo sobre a camisa e saia um simples vestido de chita clara, que debuxava as suas deliadas fórmãs e os contornos de seu garboso corpo, sem atavio sequer, nem dando-se ao trabalho de pôr-se ao espelho e pentear seus negros e bastos cabellos, ia, sobre o tópe d'uma collina, aguardar o nascimento do astro magestoso que maior testemunho dá da grandeza do Creador.

E ahi, saltitando a cada momento, sorrindo enebriada com os effluvios do ar puro da manhã, tentava com uma singeleza infantil parodiar, óra as ternas e maviosas canções do sabiá, óra os alegres trinados do canario e ainda os gemebundos arrulhos da melancolica rôla.

Era n'esse immenso theatro da natureza uma actora, que por espectadores apenas tinha aquelles de quem copiava as vozes.

Quando emfim, doirando ligeiras nuvens, surgia o sol na orla do horizonte, a encantadora menina deixava subitamente de imitar aos lédos passarinhos e entoava, com voz argentina e melodiosa, cantos de nativa inspiração.

Depois deitava a correr, saltando de quando em quando, como uma creança traquina, e, certa de que ninguem a via, desmudando as suas fórmãs graciosas, mergulhava-as nas rumorosas e espumantes aguas de uma cachoeira, que, por assim dizer, precipitavam-se em avalanchas.

N'esse lugar conservava-se ella, até que, fatigada dos continuos choques que soffria e das incessantes e varias posições que exhibia, sempre cantando, após ter velado as graças a que pudicia impõe recato, regressava ao seu lar, nadando em alegria.

II

No lar, no seio de sua familia, era a mesma a inconstante Maria.

Semelhante á borboleta, em todos os sitios libava o succo mellifluo do prazer.

Ao chegar á casa, tomava a benção paterna, lançava-se aos braços da mãe, beijava-a e, sorrindo, dava piparotes na ponte-aguda cabeça de um irmãozinho de quatro annos.

Choramingava a creança e ella, compadecida, tomava-a ao collo, embalava-a, fazia-lhe cócegas e osculava-lhe as faces.

Mas logo que o pequeno aquietava-se, punha-o no chão, dizendo:

- Salta, manhoso.

E, antes que os paes tivessem cessado de applaudil-a, sentava-se á costura, cantarolando, com voz doce e prolongada, cantigas populares.

Era uma exquisita organização aquella: o canto era a sua distracção predilecta.

Maria devêra ter nascido passaro.

III

Nas simples labutações domesticas empregava ella a maior parte do dia.

Á tardinha, antes que no occidente descambasse o sol, sahia do mesquinho casebre que habitava e ia esperar esse momento.

Depois de ter assistido a esse espectáculo, a que ligava summo interesse, ia então, com passo vagaroso e tremulo, requebrando-se graciosamente, visitar algumas pessoas da mais proxima vizinhança, que muito folgavam com o seu apparecimento.

Depois de ter assistido a esse espectáculo, a que ligava summo interesse, ia então, com passo vagaroso e tremulo, requebrando-se graciosamente, visitar algumas pessoas da mais proxima vizinhança, que muito folgavam com o seu apparecimento.

Com effeito, sobre todas as pessoas exercia singular influencia essa garrula adolescente.

Uns amavam-na pela sua gentileza, outros pela sua conversação folgazã e divertidas, outros ainda, os pobres sobretudo, pelos favores que prodigamente distribuia.

Ao cahir da noite recolhia-se á casa e, antes de deitar-se, orava por seus paes e irmãos com fervor.

Depois... estendia-se languidamente no leito, fechava os olhos, seus seios agitavam-se em dôce arfor e dormia.

Ás vezes sonhos fagueiros faziam-na sorrir e balbuciava os nomes dos unicos entes a quem adorava.

IV

Tal era a sua vida quotidiana, passada com uma regularidade inexcedivel.

Um dia, voltando ella do seu passeio matutino, encontrou em sua casa um bello moço, que, de passagem para S. Francisco de Paula, fatigado, tinha pedido a seus paes curta hospitalidade.

Estava elle, sentado á uma mesquinha mesa, tomando uma refeição frugal, quando Maria, com a sua natural e innocente desenvoltura, transpôz o limiar da habitação paterna.

Vendo o desconhecido, parou e estremeceu; por alguns momentos quedou ahi, observando-o com inexplicavel persistencia.

Pasmado d'esta subita apparição, levantára-se o moço para comprimental-a, mas tambem ficou immovel, sem poder dar um passo, subjugado pelo altivo e brilhante olhar de Maria.

Quem sabe que idéas n'esse momento turbilhonavam em seu cerebro, presa do ardor da juventude?

Quem sabe o que sentíram estes dois corações jovens, ainda isentos das feridas roazes dos desenganos?

Quem sabe se para o moço eram os olhos d'ella duas pedras de iman e para a moça os d'elle?

Quem poderia affirmar se eram ambos presas d'esse amor subitaneo e vehemente, que rapido apossa-se do coraçõa humano e domina-o para sempre?

V

- E então? Que acanhamento é esse? Perguntou alfim a mãe de Maria, vendo-a hesitar em cumprir com o dever de saudar o hospede.

- Nunca vio gente? Accrescentou o pae, applaudindo o seu proprio dito.

Chamada assim ao sentimento da realidade, a menina recuperou a sua habitual serenidade e infantis exteriores.

Soltando uma estrepitosa gargalhada, que fez estremecer ao moço, como se sofresse um choque electrico, disse ella:

- Se nunca vi gente? ... Ora!

- Então como estás ahi com tantos luxos, Cocota? Anda, falla aqui com o Sr.

Anuviando o brilho de seus olhos e corando, a moça adiantou uns passos e estendeu a mão ao moço.

Este, machinalmente, fez o mesmo e foi vencido o principal obstaculo das paixões repentinas.

Em seguida, o moço, relancenado olhares de fogo á linda virgem, travou com os paes d'ella conversação sobre assumptos do lugar.

Ás 10 horas da manhã, hora em que o moço retirou-se, houve entre dono da casa e o viajante, o seguinte dialogo.

Fique certo que a minha casa é tambem sua: disponha d'ella. Nunca passe por aqui sem dar-nos o goito de sua visita.

- Obrigadissimo. Sempre que fôr possivel, com muito prazer abusarei do seu offerecimento.

E, dizendo isso, o moço volveu á menina um olhar expressivo, que parecia dizer: Virei por ti.

- Abusará, não , senhor; emendo a palavra. Nós, os habitantes do campo, nunca fallamos d'um modo differente do que pensamos. Creia que immensa alegria teremos sempre que o senhor se dignar de honrar essa nossa casa.

- Acredito e de novo agradeço-lhe: aprova de que não minto dar-lhe-ei voltando na proxima semana a ter com as pessoas tão benevolas para com aquelles a quem não conhecem.

O contentamento irradiou no semblante de Maria, que fez um ligeiro signal com a cabeça, como que agradecendo a promessa de quem levava-lhe o coração.

Pertubado com este incidente, o moço gaguejou algumas escusas para retirar-se sem demora, despedio-se de todos com lagrimas nos olhos e desapareceu dentro em pouco.

VI

Seis longos dias passáram-se para Maria e raiou emfim o domingo.

Creio que é Chateaubriand quem diz que até o boi conhece o domingo.

É esta uma verdade incontestavel.

Nas proprias roças onde nada ha de extraordinario n'elle, nas proprias roças sente-se uma alegria interna, um desejo inexprimivel de gozar, um não sei que que arrebatava o homem a um outro mundo, existente só na sua imaginação.

Era por isso que, de ordinario, no dia pelo Senhor consagrado ao descanso, Maria despertava mais cedo, tinha mais transportes de jubilo e recolhia-se mais tarde ao leito.

D'esta vez porém não fez o que costumava fazer na sua digressão matutina.

Se sahio de casa, foi apenas com o intento de dissimular aos seus paes o tédio de que se achava possuida por tudo quanto a rodeiava.

Desde que perdêra de vista o desconhecido, fôra o seu coração invadido por acerba tristeza.

Vivia n'um mal-estar constante; se ainda tinha impetos prazenteiros, era porque a precaução assim o exigia: não que o seu coração sentisse o menor prazer.

Não mais arremedava os passaros, nem a clara agua das cachoeiras tinha a ventura de receber em seu seio o crystallino corpo da gentil menina.

Em vez de galgar aos saltos o outeiro d'onde via erguer-se o sol, como de costume, subia-o indolentemente e, estendendo o delicado corpo, repousava o rosto na palma da mão.

Profundas seimas occupavam-lhe então o pensamento e já o sol ia alto, quando ella dava accordo de si.

Então, sacudindo a cabeça, como para repellir as idéas que incommodavam-na, erguia-se lesta, como o amante que, proximo á hora determinada, recorda-se da entrevista prometida.

Com o passo ligeiro dirigia-se para casa, e só quando perguntavam-lhe porque não cantava mais, suspirava as cantigas que n'outro tempo tão contente entoava.

No supracitado domingo assim porém não aconteceu.

Erguendo-se ás 7 horas da manhã, segundo o seu novo habito, ia arrastando-se com passo tardo, quando de subito ergueu a cabeça e sentio um estremecimento geral, em todo o corpo, ouvindo o estupido das patas de um cavallo.

Ficou parada observando todos os pontos e bem depressa descubrio ao longe um cavalleiro, que vinha coim notavel celeridade.

Seria elle?

Elle, a causa unica de suas penas?

Não tardou ter certeza de que não a enganára o coração; da distancia em que se achava, o viajante fazia-lhe signal com a mão para que o esperasse.

E ella esperou.

Em poucos momentos víram-se os dois face a face e ambos ficaram silenciosos durante alguns minutos.

De repente a donzella disse:

- Até que emfim...

- Tamanho interesse lhe inspiro eu?

Corou a moça e não respondeu.

- Pois não sabia que eu voltava?

- Sabia; mas não o esperava.

- Era-me impossivel não voltar, replicou o moço; para quem vê os seus olhos uma vez, figir-lhes é morrer.

- Então o senhor gosta de mim?

- Muito... muito, gentil menina.

- Será verdade? Proferio Maria, com uma voz tão triste, tão maviosa, que afugentaria a mentira, se por ventura alli estivesse.

- Eu o juro por Deos; és a pura verdade.

- E eu tambem gosto muito do senhor.

- Oh! Então somos felizes. Quer casar-se commigo?

- Casar?

- Sim; o que tem?

- Mas se eu não sei o que é isso...

- Eu lhe digo: casar-se é jurar na igreja o homem á mulher e a mulher ao homem que sempre hão de estimar-se e acompanhar um ao outro, que gozarão e soffrerão juntos, que hão de ser emfim como se não fossem ambos mais do que uma só pessoa. Quer?

- Assim quero; mas primeiro ha de fallar com Papae e Mamãe.

- Pois sim, quando quizer.

Vamos agora.

Apeando-se, o moço collocou-se a par da moça e juntos tomáram a direcção da casa dos paes d'esta.

VII

Ao aproximarem-se á porta, n'esta surgio o pae de Maria.

- Oh! Por cá? Exclamou. Como foi de viagem?

- Bem, excellentemente. Da saúde de todos os seus já informou-me sua filha.

- Deus lhe pague tamanho interesse por nós.

- Se alguma cousa merecesse, a unica que cobiço só o Sr. Me poderia dar.

- Então conte com ella.

- Agradecido.

- Ai! Que me lembrava que o Sr. estava de pé e fóra; faça o favor de entrar.

- Pois não.

E entráram todos.

Após os usuaes cumprimentos á dona da casa, que estava na sala, assentou-se o desconhecido, bem como todos os presentes.

Por singular casualidade achou-se Maria sentada em frente d'elle.

- Ainda que mal pergunte, disse Roberto Dias (o pae de Maria), quem é o senhor? Creio que as relações que temos já nos permitem indagarmos quem somos.

- Por certo. Chamo-me Emilio da Fonseca, sou filho de um negociante de Macahé e vim a S. Francisco de Paula tratar de um negocio seu. Occupo na casa d'elle o lugar de guarda-livros, que dá-me para viver folgadamente. Uma unica coisa me faltava para gozar uma felicidade completa e esta acabo de encontrar.

- Não sabe quanto estimo: queira Deus que nunca o senhor a perca.

- Se perdel-a, perderei a vida.

- Tanto o senhor a estima?

- Mais ainda do que póde suppôr.

- E será indiscrição perguntar-lhe qual será o objecto do seu culto?

- Não; pois é o senhor quem dispo~e d'elle.

- Diga, que se puder dar-lh'o...

O moço hesitou em fallar.

Encarrou fixamente a formosa virgem alguns segundos, como consultando-a, e vendo tingir-se as faces d'ella com as côres do pudor, mas nada dizer-lhe na linguagem muda dos signaes, proferio afinal estas palavras, arbitras do seu destino:

O que me faltava, Sr., era a vida intima da familia; uma mulher de quem, idolatrando-a, e eu fosse idolatrado; uma mulher que com suas caricias mitigasse o cansaço das horas de labor, me fizesse olvidar os dissabores que soffresse; uma mulher que transformasse n'um paraíso o meu deserto e tétrico lar. Debalde procurei-a em toda a cidade: a minha razão e o meu coração me diziam que seguisse outro rumo. Tal era o estado de minha alma, quando fui constrangido a esta subita viagem, que me proporcionou o que eu anhelava. N'ella encontrei uma donzella linda e pura como a Virgem, de quem tem o nome, graciosa e encantadora como a mais sublime das creações de Raphael; amei-a subitamente, desde logo, com um amor sincero, casto e sem limites, com um amor digno do objecto do meu culto. Sabeis, senhor, quem é esse ente, que vai decidir da minha felicidade?

- Diga.

- É vossa filha e eu vol-a peço em casamento.

Seguiu-se um longo e profundo silencio, interrompido apenas pelo longinquo rumor das cachoeiras e pelo sussurro do vento nas folhas do arvorêdo.

Maria e Emilio sentiam o seu coração saltar-lhes precipitadamente nos vulcanicos peitos e encaravam os donos da casa.

Estes trocavam olhares, visto não se poderem fallar livremente.

De subito Roberto Dias voltou-se para a moça e perguntou-lhe:

- É de seu agrado, Cocota?

- Sim, Sr.

Roberto e sua mulher observáram-se e proferiram a um tempo:

- Cumpra-se a vontade de Deus.

Os bons dos roceiros eram fatalistas.

VIII

O que se passou depois d'esta conversação entre as quatro pessoas presentes.

O que disséram, o que combináram ellas?

Eis o que não podemos dizer.

Mas quando no dia seguinte, pelas 8 horas da manhã, Emilio retirou-se, foi seu companheiro de viagem Roberto Dias.

Era seu fim secreto, soubemol-o depois, verificar o que lhe affirmára o mancebo.

Ah! Se todos os paes fizessem isso não veriamos pelo matrimonio victimadas milhares de ingenuas creaturas, que se deixam sómente guiar pelo coração.

Não veriamos o homem extravagante dissipando os ganhos, enquanto a familia languie na miseria; não veriamos o infortunio á cabeceira da maior parte dos thálamos nupciaes.

Entretanto... apressemos o desfecho d'esta pequena historia.

Reconhecendo a evidencia do que lhe dissera o moço, ratificou Roberto a sua resposta e decidiram que o consorcio deveria effectuar-se na cidade, dentro de um mez.

IX

Chegára finalmente a véspera do triste dia em que a linda virgem tinha de deixar a casa paterna, isto é, de mudar-se para a cidade.

Estava resolvido que os seus paes acompanhal-a-hião a Macahé e que ahi estariam um mez na companhia d'ella.

Depois intentavam voltar e continuar no seu trabalho de lavoura, até que, liquidando o que possuíam, pudessem vir morar coma querida filha.

Que dia de tristeza foi esse para Maria!

Ao despontar da aurora, deixou ella a cama e do seu antigo observatorio foi assistir ao nascimento do sol.

Tinha tirado esse dia para reproduzir as scenas da sua vida passada.

A alegria porém abandonára-a; por tudo o que fazia, em toda a parte, lagrimas silenciosas brilhavam por instantes nos seus fulgorosos olhos e cahiam, como as gottas do orvalho que baloiçam-se nas folhas das arvores.

Uma dôr intima a dominava; nem o amor, cada vez mais intenso, que nutria, tinha poder bastante para sobrepujar-lhe o sentimento.

É assim o coração humano: o prazer e o pezar n'elle dominam á porfia.

Á tarde, Maria andou de porta em porta despedindo-se dos seus vizinhos, que lhe queriam tanto como aos seus proprios parentes e que chamavam-na, possuidos de singelo pasmo, - o anjo da solidão.

Chegou alfim a noite e o somno adormeceu as maguas da pobre moça. 303

X

No dia seguinte, banhada em pranto e soluçando, deixou ella o seu berço, o lugar onde por tanto tempo gozou de uma felicidade que só podia ser excedida pela celeste.

Dois dias depois celebrou-se na Matriz de Macahé o consorcio de Maria e Emilio.

Que vida passará o candido lyrio do valle solitario transplantado para os jardins tulmutuosos da cidade?

Só Deus e ella o sabem.

L. L. Fernandes Pinheiro Junior.

NELUMBIA

(LEGENDA ASIATICA)

I

“Ligeiro sópro de oeste, halito suave de um génio adormecido no espaço aos doces cantares das virgens do céu, - quanto invejo as tuas azas para voar, voar, voar na paragem infinita, sobre o rasto espumeo que deixa a sua nave do espaço da onda preguiçosa ! . . .

“Tu prepassas rapido e subtil na suave ondulação do ether; tu laceras os sudarios nevoentos que pendem dos hombros magestosos do Oural, e refréscas o solo incendiado do Adjimir, quando a calma imprime seus labios de fogo na face suarenta do pastor. . .

“E a tua passagem, languido sentir cõa-se de fibra a fibra em todos os seios; - as flores levantam-se mais formosas, trocando mutuas caricias no pollen que vâa das autheras como um beijo; - os olhos scintillam mais humidos, sob a franja de uns cilios de velludo; as mattas, os oásis e as colinas rociam-se de milhões de lagrimas – lagrimas que colhes no seio sombrio da desgraça para esparzires no regaço seintillante da ventura!

“Ah! colhe, colhe tambem piedoso as bagas candentes do pranto que incessantemente choro! Toma, toma estas queixas que meu peito arranca a angustia de uma separação eterna, e vâa sobre a immensidade dos mares. . .

“Que os teus plangentes queixumes cantem perennemente junto *delle* o melancolico poema de minhas dôres; que a tua humilde aza esfolhe sem cessar meus beijos e minhas desesperadas maldições; que estas lagrimas que choro no abandono brilhem eternamente sob seus olhos no seio tempestuoso da vaga!

“Ligeiro sôpro de oeste, halito suave de um genio adormecido no espaço aos doces cantares das vargens do céu, dá-me uma gota, uma só gota dos balsamos sagrados que espremes sobre o meu coração despedaçado o nardo celeste da consolação! . . .”

II

Como a pomba que geme solitaria nas leziras da selva brasilica, assim soluça *Nelumbia*, a filha ardente da Asia, vendo desaparecer ao longe a nave aventureira do malaio prata, - seu amante.

A leão do deserto, que volta á recondita gruta, onde há pouco deixára os filhos tenros, e apenas encontra ossos sangrentos, roídos pela presa do chacal; o passaro que se recolhe ao ninho com o peito aberto para offerecer-se em holocausto á prole amada, e emvão a chama com seus gritos estridentes, maior desespero não sentem que *Nelumbia*, despertando solitaria ao leito do abandono.

Ella salta como ompellida por molas occultas, e a panthera mosqueada que impera nos serros javanezes é menos violenta, pungida pela sêde de sangue, do que essa mulher pelas agonias do desengano; seus olhos limpidos, certos descobrem e seguem no solo a pressão reveladora da planta de *Harlos*. . .

Sorriso tremulo e triumphante arregaça-lhe os labios rubros; sorriso doce e acerbo, esplendido e ameaçador como o relampago que surca a nuvem incendiada pelos fogos do poente!

E' que a tempestade dos sentimentos, retardada por uns vislumbres de esperança, ruge surda nos intimos recessos de seu seio.

Ella parte sobre os passos do amante fugitivo e seus pés delicados mal tocam o solo na corrida infrene; mas quando, já na costa, sonda offegante a undosa voragem e descobre ao longe a nave graciosa de Harlos, que foge sobre o dorso da vaga longinqua; quando vê desaparecer para sempre, com esse lenho fluctuante, a doce felicidade de sua existencia inteira, a dôr de *Nellumbia* attinge o cumulo do soffrimento.

Ella vaga por instantes desvairada; sua longa cabelleira, esparsa pela rapidez dos movimentos, constringe-a como lugubre mortalha, e seu cólo arquejante quebra as télas preciosas que o comprimem.

Pouco apouco a energia lhe falece; a commoção arranca de suas ardentes palpebras rios de lagrimas e seus labios desatam flébris queixumes á brisa, que, vendo-a desgraçada e só, vem acaricia-la gemendo.

E, cahindo com a face gelada contra a area abrasadora, *Nelumbia* cerra languidamente os cilios.

III

E' triste a noite nas plagas remotas onde o mar rebenta espumoso e a solidão reina com o seu phantastico cortejo de sombras. . .

Parece que as estrellas á medo se libram no espaço obscuro, e que o mesmo Deus desvia do homem seus misericordiosos olhares!

E' uma noite assim.

A divindade da terra galopa, galopa no seu sinistro corcel, soltas á brisa escassa as tranças fluctuanteses, onde os astros brilham.

As tribus colcoptericas circulam silenciosamente, ou cahem inebriadas aos acres effluvios que eshalam a camphoreira e o sandalo; as phalenas nocturnas desdobram na atmosphaera chumbada as largas azas pardacentas que a lethargia diurna entorpecêra.

De espaço a espaço o dromedarios atravessa ligeiro o deserto; e o echo de seus passos confunde-se com a praga do pegureiro retardado. . .

A lua surge lentamente, esclarecendo apensa a paysagem, e á sua lenta ascensão vagas suspiram amorosamente na praia solitaria.

De subito, um movimento estranho imprime fortes ondulações na face calma das aguas, e os véos cetulcos que velam os lysterios do mar arregaçam-se de leve, desvendando uma multidão de cabecinhas louras. . .

Gargalhadas argentinas, cantos buliçosos, gritozinhos de prazer ressoam em todos os pontos, enlaçam-se em todas as ondas. . .

Ondinos e ondinas aproximam-se, afastam-se, e saltam sobre a costa, inundando-a de risos jubilosos.

Seus pés mimosos mal esfrolam a arêa prateada; os alvos sendaes que lhes envolvem os corpos, mal escondem a disphaneidade de suas fórmias airors.

Elles brincam, elles dançam na praia ao clarão da lua; e brincando e dançando tocam n'um corpo humano. . .

Um grito flébil foge do seio das virgens do mar, e rapido, e temeroso o bardo gazil arroja-se no undoso vortice. . .

Os ondinos, tremulos e hesitantes, olham de longe a filha da terra. . .

Nelumbia continúa a dormir i somno da eternidade. . .

Os genios se aproximam. Um contempla-a, e foge. . .

Outro toca a fimbria de seus longos vestidos, e afasta-se lento.

Um terceiro acaricia-lhe sorrindo as negras madeixas. . .

Então o mais grave e formoso dos ondinos se adianta: contempla extatico *Nelumbia*, e, tomando-a ligeiro nos braços, desaparece n'um rôlo de espumas. . .

Os companheiros seguem-nos sorrindo, cantando sempre, e o silencio estende-se de novo sobre a plaga deserta.

IV

Nos crystalinos paços, que se elevam no fundo do oceano, luz mysteriosa illumina os doudos folguedos dos genios marinhos.

As louras ondinas sacodem as longas cabelleiras gotejantes, onde a perola brilha e desmaia, desenham-se seus talhes aereos, que as mais lindas nymphéas languidamente enlaçam.

Os ondinos, abraçados á alaúdes de coral, entoam cantos tão dôces, tão dôces que o pezar deserta do coração que os recolhe e o pranto da face que elles animam!

Sobre um leito de conchas e perolas jaz *Nelumbia*, tão muda! tão fria! . . .

E as festas e os cantos mais e mais se animam; de plangentes que eram as notas; vibrantes se tornam; de cada instrumento, docemente tangido, foge uma cascata de sons argentinicos, que se despenha pelas galerias submarinas.

As virgens oceanicas voam arrebatadas na vertigem de uma dança phantastica; a febre colorêa suas nevadas facez, o amor agita seus seios, sempre calmos. . .

E ellas dançam, dançam vertiginosamente em torno do leito onde repousa *Nelumbia*, sempre muda! sempre fria!. . .

Sobre a filha da terra inclina-se lothos, o mais bello mancebo do oceano.

Seus braços diaphanos singem o cólo moreno da finada, sob cuja tez o sangue malaio circulava outr'ora como um rio de lavas. . .

Seus olhares apaixonados embebem-se n'olhos immoveis della, olhos que a paixão illuminava com vivos lampejos, e que o halito da morte para sempre gelou. . .

Seus labios se aproximam dos labios gelados da moça, labios que já não sabem sorrir, e a elles se collam n'um beijo de fogo. . .

Então, como se aquelle beijo lhe levasse um raio de vida, *Nelumbia* estremece docemente. . .

Seu cólo já se subleva; seus olhos esclarecem-se de novo e o sangue vai em breve circular-lhe nas veias com a poderosa seiva da mocidade, da belleza e do sentimento.

Mas seu talhe adelga-se, adelga-se, adelgaça-se ás doudas caricias do ondino e erige-se pouco a pouco em flexuoso hastil. . .

Renovos (...) lançam seus braços formosos. . .

Suas plantas mimosas enraizam-se na lia marinha, e de suas faces surgem largas petalas douradas, que se agrupam em torno dos labios, arredondados em rubra corolla!

Lothos, curvano a fronte, cahio sem vida nos braços das ondinas. . .

V

Quando os primeiros rubores matutinos se aqueam em nimbo no Oriente e a primeira aragem oscúla de leve a plega asiatica uma flor de esplendida beleza emerge do seio dos mares, e flactua á superficie das aguas, melancolicamente voltada para o Levante.

Das pétalas louras, levemente rosadas, escapa-se uma multidão de gotas brilhantes, tão brilhantes como as lagrimas que chora a formosura abandonada.

Do cálice rubro, tão rubro como a ferida que o amor abre no coração da moça scimadora, escapam-se queixumes plangentes. . .

Ella fluctua, ella soluça á fról da onda, enquanto o sol brilha e lhe sorri do espaço; e quando o crepusculo desce sobre a paragem erma, a flor voltando-se de subito nas sombras de uma profunda trsiteza, cerra as pétalas mimosas e mergulha suspirando nas aguas.

Os navegantes, que sorprendem seus doces gemidos, sentem-se irresistivelmente atrahidos para a formosa creatura aquatica; e, tomados de supersticioso terror, quando distinguem ao longe a *Nelumbia* fluctuante, elles murmuram entre si.

“ – Ella possue a alma gemedora da mulher que ama sem esperança. . .”

No fundo do mar já não ressoam mais os cantos jubilosos dos genios: ondinos e ondinas choram a desappareição de Lothos, que não podendo resignar-se á perda de *Nelumbia* exilou-se do berço natal.

Sua imagem pensativa reflecte-se hoje no espelho transparente do Nilo.

Narciza Amália.

Muitos anos depois

Capítulo I

Tinha vinte e sete anos o padre Flávio, quando começou a carreira de pregador para a qual se sentia arrastado por uma vocação irresistível. Teve a felicidade de ver começada a sua reputação desde as primeiras prédicas, que eram ouvidas com entusiasmo por homens e mulheres. Alguns inimigos que a fortuna lhe dera por confirmação do seu mérito, diziam que

a eloquência do padre era insossa e fria. É pena dizer que esses adversários do padre vinham da sacristia, e não da rua.

Bem pode ser que entre os admiradores do padre Flávio alguns fossem mais entusiastas das suas graças que dos seus talentos — para ser justo, gostavam de ouvir a palavra divina proferida por uma graciosa boca. Efetivamente o padre Flávio era uma soberba figura; a sua cabeça tinha uma forma escultural. Se a imagem não ofende os ouvidos católicos, direi que parecia. Apolo convertido ao Evangelho. Tinha magníficos cabelos pretos, olhos da mesma cor, nariz reto, lábios finos, a testa lisa e polida. O olhar ainda que sereno, tinha uma expressão de severidade, mas sem afetação. Aliavam-se naquele rosto a graça profana e a austeridade religiosa, como duas coisas irmãs, dignas da contemplação divina.

O que o padre Flávio era no aspecto, era-o também no caráter. Pode-se dizer que era cristão e pagão ao mesmo tempo. A sua biblioteca constava de três grandes estantes. Numa estavam os livros religiosos, os tratados de teologia, as obras de moral cristã, os anais da Igreja, os escritos dos Jerônimos, dos Bossuets e dos Apóstolos. A outra continha os produtos do pensamento pagão, os poetas e os filósofos das eras mitológicas, as obras de Platão, de Homero, de Epíteto e Virgílio. Na terceira estante estavam as obras profanas que não se ligavam essencialmente àquelas duas classes, e com que ele se deleitava nas horas vagas que lhe deixavam as outras duas. Na classificação dos seus livros, o padre Flávio viu-se algumas vezes perplexo; mas resolvera a dificuldade de um modo engenhoso. O poeta Chénier, em vez de ocupar a terceira estante, foi colocado na classe do paganismo, entre Homero e Tíbulo. Quanto ao Telêmacode Fénelon, resolveu o padre deixá-lo sobre a mesa de trabalho; era um arcebispo católico que falava do filho de Ulisses; exprimia de algum modo a feição intelectual do padre Flávio.

Seria puerilidade supor que o padre Flávio, consorciando assim os escritos de duas inspirações opostas, fizesse dos dois cultos um só, e abraçasse do mesmo modo os deuses do templo antigo e as imagens da Igreja cristã. A religião católica era a da sua fé, ardente, profunda, inabalável; o paganismo representava a sua religião literária. Se encontrava no discurso da montanha consolações para a consciência, tinha nas páginas de Homero deliciosos prazeres ao seu espírito. Não confundia as odes de Anacreonte com o Cântico dos cânticos, mas sabia ler cada livro, a seu tempo, e tinha para si (coisa que mesma lhe perdoara o padre Vilela) que entre as duas obras havia alguns pontos de contacto.

Capítulo II

O padre Vilela que entrou por incidente no período acima, tinha uma grande parte na vida do padre Flávio. Se este abraçara a vida religiosa foi por conselho e direção do padre Vilela, e em boa hora o fez porque, dos seus contemporâneos, nenhum honrou melhor o hábito sagrado.

Educado pelo padre Vilela, Flávio achou-se aos dezoito anos com todos os conhecimentos que podiam prepará-lo para as funções religiosas. Contudo estava resolvido a seguir outra carreira, e tinha já em vista o curso jurídico. O padre Vilela esperava que o moço escolhesse livremente a profissão, não querendo comprar mediante uma condescendência de rapaz o futuro arrependimento. Uma circunstância que interessa à história fez com que Flávio

abraçasse a profissão sacerdotal a que já o dispunham, não somente a instrução do espírito, mas também a severidade dos costumes.

Quando num dia de manhã, à mesa do almoço, Flávio declarou ao padre que queria servir à Igreja, este que era sincero servidor dela, sentiu imenso júbilo e abraçou o moço com efusão.

— Eu não podia pedir, disse Vilela, melhor profissão para o meu filho.

O nome de filho era o que lhe dava o padre e com razão lhe dava, porque se Flávio não lhe devia o ser, devia-lhe a criação e a educação. Vilela fora muitos anos antes vigário em uma cidade de Minas Gerais; e aí conhecera um lindo menino que uma pobre mulher educava como podia.

— É seu filho? — perguntou-lhe o padre.

— Não, reverendíssimo, não é meu filho.

— Nem afilhado?

— Nem afilhado.

— Nem parente?

— Nem parente.

O padre não perguntou mais nada, suspeitando que a mulher ocultava coisa que não podia dizer. Ou fosse por essa circunstância, ou porque o menino lhe inspirava simpatia, o fato é que o padre não perdeu de vista aquela pobre família composta de duas pessoas. Naturalmente caridoso, não poucas vezes o padre ajudava a mulher nas necessidades de sua vida. A maledicência não deixou de abocanhar a reputação do padre com respeito à proteção que dava à mulher. Mas ele tinha uma filosofia singular: olhava por cima do ombro os caprichos da opinião.

Como o menino já tivesse oito anos, e não soubesse ler, quis o padre Vilela começar a educação dele e a mulher agradecida aceitou os obséquios do padre.

A primeira coisa que o mestre admirou no discípulo foi a docilidade com que ele ouvia as lições e afincado e zelo com que as estudava. É natural da criança preferir os brincos aos labores do estudo. O menino Flávio fazia do aprender uma regra e do brincar uma exceção, isto é, primeiro decorava as lições que o mestre lhe dava, e só depois de as ter sabidas é que se ia divertir com os outros rapazes seus companheiros.

Com este merecimento, tinha o menino outro ainda maior, era o de uma inteligência clara, e imediata compreensão, de maneira que ia entrando nos estudos com pasmosa rapidez e inteira satisfação do mestre.

Um dia, adoeceu a mulher, e foi caso de verdadeira aflição para as duas criaturas a quem ela mais estimava, o padre e o pequeno. Agravou-se a moléstia a ponto de ser necessário aplicarem-se os sacramentos. Flávio, já então de doze anos, chorava que fazia dó. A mulher expirou beijando o menino:

— Adeus, Flávio, disse ela, não te esqueças de mim.

— Minha mãe! Exclamou o pequeno abraçando a mulher.

Mas ela já o não podia ouvir. Vilela pôs-lhe a mão sobre o coração, e voltando-se para Flávio disse:

— Está com Deus.

Não tendo ninguém mais neste mundo, o menino ficara à mercê do acaso, se não fosse Vilela que imediatamente o levou consigo. Como já havia intimidade entre os dois, não foi difícil ao pequeno a mudança; contudo nunca se lhe varria da memória a ideia da mulher que ele, não só chamava mãe, como até atinha por isso, visto que não conhecera outra.

A mulher, na véspera de morrer, mandou pedir ao padre lhe viesse falar. Quando ele chegou, mandou sair o pequeno e disse-lhe:

— Vou morrer, e não sei o que há de ser de Flávio. Não ousou pedir-lhe, reverendíssimo, que o tome para si; mas quisera que fizesse alguma coisa por ele, que o recomende a algum colégio da caridade.

— Descanse, respondeu Vilela; eu me incumbo do rapaz.

A mulher olhou agradecida para ele. Depois fazendo um esforço tirou debaixo do travesseiro uma carta lacrada e entregou-a ao padre.

— Esta carta, disse ela, foi-me entregue com este menino; é escrita por sua mãe; tive ordem de lhe entregar quando ele completasse vinte e cinco anos. Não quis Deus que eu tivesse o gosto de cumprir a recomendação. Quer V. Revm^a. incumbir-se dela?

O padre pegou na carta, leu o sobrescrito que dizia assim: A meu filho. Prometeu entregar a carta no prazo indicado.

Capítulo III

Flávio não desmentiu as esperanças do padre. Os seus progressos eram espantosos. Teologia, história, filosofia, línguas, literatura, tudo isso estudou o rapaz com pasmosa atividade e zelo. Não tardou que excedesse ao mestre, porquanto este era apenas uma inteligência medíocre e Flávio possuía um talento superior.

Como boa alma que era, o velho mestre tinha orgulho na superioridade do discípulo. Conhecia perfeitamente que, de certo tempo em diante, os papéis estavam trocados: era ele quem teria de aprender com o outro. Mas a própria inferioridade fazia a sua glória.

— Os olhos que descobrem um brilhante, dizia o padre consigo, não fulgem mais que ele, mas alegram-se com tê-lo achado e dado ao mundo.

Não vem ao caso referir os sucessos que deslocaram o padre da sua freguesia em Minas para a corte. Veio o padre residir aqui quando Flávio contava já dezessete anos. Tinha alguma coisa de seu e podia viver independente, em companhia de seu filho espiritual, única família sua, mas quanto bastava aos afetos do seu coração e aos hábitos intelectuais.

Flávio já não era então o pobre menino de Minas. Era um elegante rapaz, belo de feições, delicado e severo de maneiras. A educação que tivera em companhia do padre dera-lhe uma gravidade que realçava a pureza de suas feições e a graça do seu gesto. Mas por cima de tudo isso havia um véu de melancolia que tinha duas causas: o próprio caráter dele, e a lembrança incessante da mulher que o criara.

Vivendo em casa do padre, com a subsistência que permitiam as posses deste, instruído, admirado, cheio de esperanças e de futuro, Flávio recordava sempre a vida de pobreza que tivera em Minas, os sacrifícios que a boa mulher fizera por ele, as lágrimas que algumas vezes derramaram juntos quando chegava a faltar-lhes o pão. Não esquecera nunca o amor que aquela mulher lhe consagrara até a morte, e o zelo extremo com que o tratara. Em vão procurara na memória alguma palavra mais ríspida da parte de sua mãe: só conservava a lembrança de afagos e amores.

Apontando aqui estas duas causas permanentes da sua melancolia, não quero exagerar o caráter do rapaz. Pelo contrário, Flávio era um conversador ameno e variado. Sorria frequentemente, com ingenuidade, com satisfação. Gostava da discussão; a sua palavra era quase sempre animada; tinha entusiasmo na conversação. Havia nele uma feliz combinação de dois sentimentos, por modo que nem a melancolia o tornava enfadonho, nem a alegria insuportável.

Profundamente observador, o discípulo do padre Vilela aprendeu cedo a ler estes livros que se chamam corações antes de os estimar e aplaudir. A sagacidade natural não estava ainda apurada pela experiência e pelo tempo. Aos dezoito anos julga-se mais pelo coração que pela reflexão. Nessa idade acontece sempre pintarmos um caráter com as cores dos nossos próprios afetos. Flávio não podia escapar absolutamente a esta lei comum, que uns dizem ser má e outros querem que seja excelente. Mas o moço ia-se pouco a pouco acostumando ao trato dos homens; a vida retirada que vivera desenvolveu-lhe o gosto da solidão. Quando começou a travar relações não contava uma só que lhe fosse imposta por nenhuma intimidade passada.

O padre Vilela, que tinha por si a experiência da vida, gostava de ver no rapaz esse caráter temperado de entusiasmo e reserva, de confiança e receio. Parecia ao padre, em cujo espírito já rolava a ideia de ver o discípulo servo da Igreja, que o resultado daquilo seria distanciar-se o rapaz do século e aproximar-se do sacerdócio.

Mas o padre Vilela não contava com esta crise necessária da juventude chamada amor, que o rapaz não conhecia também a não ser pelos livros do seu gabinete. Quem sabe? Talvez esses livros lhe fizessem mal. Acostumado a ver o amor, com a lente da fantasia, deleitando-se com as sensações poéticas, com as criações ideais, com a vida da imaginação, Flávio não tinha a menor ideia da coisa prática tanto se absorvia na contemplação da coisa ideal.

Semelhante ao homem que só houvesse vivido no meio de figuras esculpidas em mármore, e que supusesse nos homens o original completo das cópias artísticas, Flávio povoava a sua imaginação de Ofélias e Marílias, ansiava por encontrá-las, amava-as antecipadamente, em solitárias chamadas. Como era natural, o moço exigia mais do que poderia dar a natureza

humana. Foi então que se produziu a circunstância que lhe abriu mais depressa as portas da Igreja.

Capítulo IV

Não é preciso dizer de que natureza foi a circunstância; os leitores já o terão adivinhado.

Flávio fazia poucas visitas e não conhecia gente. Ia de quando em quando a duas ou três casas de família onde o padre o apresentara e aí passava algumas horas que no dizer das pessoas da casa eram minutos. A hipérbole era sincera; Flávio possuía o dom de conversar bem, sem demasia nem parcimônia, equilibrando-se entre o que era fútil e o que era pesado.

Uma das casas a que ia era a de uma D. Margarida, viúva de um advogado que enriquecera no foro e deixara à família boa e larga riqueza.

A viúva tinha duas filhas, uma de dezoito anos, e outra de doze. A de doze era uma criança querendo ser moça, um lindo prefácio de mulher.

Qual seria o livro? Flávio não fez nem respondeu a esta pergunta.

A que desde logo lhe chamou a atenção foi a mais velha, criatura que lhe aparecia com todos os encantos imaginados por ele. Chamava-se Laura; estava no pleno desenvolvimento da mocidade. Era diabolicamente bela; o termo será impróprio, mas exprime perfeitamente a verdade. Era alta, bem formada, mais imponente que delicada, mais soberana que graciosa. Adivinhava-se-lhe um caráter imperioso; era dessas mulheres que, emendando a natureza, que as não fez nascer no trono, fazem-se rainhas por si mesmas. Outras possuem a força da fraqueza; Laura não. Seus lábios não eram feitos para a súplica, nem seus olhos para a meiguice. Lhe fosse preciso adquirir uma coroa — quem sabe? —, Laura seria lady Macbeth.

Semelhante caráter sem a beleza, seria quase inofensivo. Laura era formosa, e sabia que o era. Sua beleza era dessas que arrastam logo a primeira vista. Possuía os mais belos olhos do mundo, grandes e negros, olhos que despendiam luz e nadavam em fogo. Os cabelos, igualmente negros e abundantes, trazia-os penteados com arte especial, por modo que lhe dessem à cabeça uma espécie de diadema. Coroavam assim uma testa branca, larga, inteligente. A boca, se o desdém não existisse, inventava-o certamente. Toda a figura tinha uma expressão de desdenhosa gravidade.

Lembrara-se Flávio de ficar namorado daquela Semíramis burguesa. Como o seu coração era ainda virgem, caiu logo do primeiro golpe, e não tardou que a serenidade da sua vida se transformasse em tempestade desfeita. Tempestade é o verdadeiro nome, porque à medida que os dias iam passando, o amor crescia, e crescia o receio de se ver repellido ou talvez menoscabado.

Flávio não tinha ânimo de se declarar à moça, e esta parecia estar longe de lhe adivinhar os sentimentos. Não estava longe; adivinhara-o logo. Mas o mais que o seu orgulho concedeu ao mísero amador foi perdoar-lhe a paixão. No rosto nunca se lhe traiu o que sentia. Quando Flávio olhava para ela, embebido e esquecido do resto do universo, Laura sabia tão bem disfarçar que nunca traía a sua sagacidade.

Vilela reparou na tristeza do rapaz; mas como ele não lhe dizia nada, teve a prudência de lhe não perguntar por isso. Imaginou que seriam amores; e como desejava vê-lo no sacerdócio, a descoberta não deixou de o aborrecer.

Havia, porém uma coisa pior do que não ser sacerdote, era ser infeliz, ou ter empregado mal o fogo do seu coração. Vilela pensou nisto e mais aborrecido ainda ficou. Flávio andava cada vez mais melancólico e até lhe pareceu que emagrecia, donde o bom padre concluiu logicamente que devia ser paixão incurável, atentas as relações íntimas em que estão a magreza e o amor, na teoria romântica.

Vendo aquilo, e prevendo que o resultado podia ser funesto ao seu amigo, Vilela estabeleceu de si para si um prazo de quinze dias, findo os quais, se Flávio não lhe fizesse confissão voluntária do que sentia, ele lha arrancaria à força.

Capítulo V

Daí a oito dias teve ele a ventura infável de ouvir da própria boca de Flávio que queria seguir a carreira sacerdotal. O rapaz dizia aquilo com tristeza, mas resolutivo. Vilela recebeu a notícia como eu tive já ocasião e dizer aos leitores, e tudo se preparou para que o neófito fizesse as primeiras provas.

Flávio resolvera adotar a vida eclesiástica depois que da própria Laura teve o desengano. Repare a leitora que eu não digo ouviu, mas teve. Flávio não ouviu nada. Laura não lhe falou quando ele timidamente confessou que a adorava. Seria uma concessão. Laura não fazia concessões. Olhou para ele, ergueu a ponta do lábio e começou a contar as varetas do leque. Flávio insistiu; ela retirou-se com um ar tão frio e desdenhoso, mas sem um gesto, sem nada mais que indicasse a menor impressão, ainda que fora de ofensa. Era mais que despedi-lo, era esmagá-lo. Flávio curvou a cabeça e saiu.

Agora saltemos a pés juntos alguns pares de anos e vamos encontrar o padre Flávio no princípio da sua carreira, tendo justamente pregado o seu primeiro sermão. Vilela não cabia em si de contente; os cumprimentos que Flávio recebia era como se ele os recebesse; revia-se na sua obra; aplaudia-se no talento do rapaz.

— Minha opinião, reverendo — dizia-lhe ele um dia ao almoço —, é que irás longe...

— À China? — perguntou sorrindo o outro.

— Longe é para cima; replicou Vilela; quero dizer que hás de subir, e que ainda terei o gosto de te ver bispo. Não tens ambições?

— Uma.

— Qual?

— A de viver sossegado.

Esta disposição não agradava muito ao reverendo padre Vilela, que, sendo pessoalmente despido de ambições, desejava para o seu filho espiritual um elevado lugar na hierarquia da Igreja. Não quis, porém combater o desprendimento do rapaz e limitou-se a dizer que não conhecia ninguém mais apto para ocupar uma sede episcopal.

No meio dos seus encômios foi interrompido por uma visita; era um rapaz quase da mesma idade do padre Flávio e seu antigo companheiro de estudos.

Atualmente tinha um emprego público, era alferes porta-bandeira de um batalhão da Guarda Nacional. A estas duas qualidades juntava a de ser filho de um negociante de grosso trato, o sr. João Ayres de Lima, de cujos sentimentos políticos dissentia radicalmente, visto que

estivera no ano anterior com os revolucionários de 7 de abril, enquanto que o pai era muito inclinado aos restauradores.

Henrique Ayres não fizera grande figura nos estudos; não fez sequer figura medíocre. Era doutor apenas, mas bom coração e rapaz de bons costumes. O pai quisera casá-lo com a filha de um negociante seu amigo; mas Henrique tendo dado imprudentemente o coração à filha de um escrivão de agravos, opôs-se com todas as forças ao casamento. O pai, que era bom homem, não quis obrigar o coração do rapaz, e desistiu da empresa. Aconteceu então que a filha do negociante casou com outro e a filha do escrivão começou a dar corda a um segundo pretendente com quem veio a casar pouco tempo depois.

Estas particularidades são necessárias para explicar o grau de intimidade entre Henrique e Flávio. Foram eles naturalmente confidentes um do outro, e falaram (outrora) muito e muito dos seus amores e esperanças com a circunstância usual entre namorados que cada um deles era o ouvinte de si mesmo.

Os amores foram-se; a intimidade ficou. Apesar dela, desde que Flávio tomara ordens, e já antes nunca mais Henrique lhe falara de Laura, conquanto suspeitasse que a lembrança da moça não se lhe apagara no coração. Adivinhara até que a repulsa da moça o atirara ao sacerdócio.

Henrique Ayres foi recebido como um íntimo da casa. O padre Vilela gostava dele, principalmente porque era amigo de Flávio. Além disso, Henrique Ayres era um rapaz alegre, e o padre Vilela gostava de rir.

Desta vez, entretanto, não vinha alegre o alferes. Trazia os olhos desvairados e a cara sombria. Era um rapaz bonito, elegantemente vestido à maneira do tempo. Contava um ano menos que o padre Flávio. Tinha o corpo muito direito, em parte porque a natureza o fizera assim, em parte porque andava, ainda à paisana, como se levasse a bandeira na mão.

Vilela e Flávio perceberam logo que o recém-chegado tinha alguma coisa que o preocupava; nenhum deles, entretanto, o interrogou. Trocaram-se algumas palavras friamente, até que Vilela, percebendo que Henrique Ayres desejaria conversar com o amigo, deixou a mesa e saiu.

Capítulo VI

Henrique, apenas ficou só com Flávio, atirou-se-lhe aos braços e pediu que o salvasse.

— Salvar-te! Exclamou Flávio. De quê?

Henrique sentou-se outra vez sem responder e pôs a cabeça nas mãos. O padre insistiu com ele para que dissesse o que havia, fosse o que fosse.

— Cometeste algum...

— Crime? Sim, cometi um crime, respondeu Henrique; mas, descansa, não foi nenhum roubo nem morte; foi um crime que felizmente se pode reparar..

— Que foi então?

— Foi...

Henrique hesitou. Flávio instou para que confessasse tudo.

— Eu gostava muito de uma moça e ela de mim, disse enfim o alferes; meu pai que sabia do namoro, creio que o não desaprovava. O pai dela, entretanto, opunha-se ao nosso casamento... Noutro tempo tu já saberias destas coisas; mas agora, não me atrevi nunca a falar-te nisso.

— Continua.

— O pai opunha-se; e apesar da posição que meu pai ocupa, dizia à boca cheia que nunca me admitiria em sua casa. Efetivamente nunca lá entrei; falávamos poucas vezes, mas escrevíamos a miúdo. As coisas iriam assim até que o ânimo do pai se voltasse a nosso favor. Uma circunstância, porém, ocorreu e foi o que me precipitou a um ato de loucura. O pai queria casá-la com um deputado que chegou há pouco do Norte. Ameaçados disso...

— Ela fugiu contigo, concluiu Flávio.

— É verdade, disse Henrique sem ousar encarar o amigo.

Flávio esteve algum tempo calado. Quando abriu a boca foi para censurar o ato de Henrique, lembrando-lhe o desgosto que iria causar a seus pais, não menos que à família da moça. Henrique ouviu silenciosamente as censuras do padre. Afirmou-lhe que estava disposto a tudo, mas que o seu maior desejo era evitar o escândalo.

Flávio pediu todas as informações precisas e dispôs-se a reparar o mal pelo melhor modo que pudesse. Soube que o pai da moça em um juiz da casa da suplicação. Saiu logo a dar os passos necessários. O intendente da polícia tinha já as informações do caso e corriam agentes seus em todas as direções. Flávio obteve o auxílio do padre Vilela, e tudo andou tão a tempo e com tão boa feição, que antes das ave-marias as maiores dificuldades ficaram aplanadas. Foi o padre Flávio quem teve o gosto de casar os dois jovens pássaros, depois do que dormiu em plena paz com a consciência.

Nunca o padre Flávio tivera ocasião de frequentar a casa do sr. João Ayres de Lima, ou simplesmente do sr. João Lima, que era o nome corrente. Andara, entretanto em todo aquele negócio com tanto zelo e amor, mostrara tamanha gravidade e circunspeção, que o sr. João Lima ficou morrendo por ele. Se perdoou ao filho foi unicamente por causa do padre.

— Henrique é um maroto, disse João Lima, que devia assentar praça, ou ir ali viver alguns meses no Aljube. Mas não podia escolher melhor advogado, e é por isso que eu lhe perdoei a tratantice.

— Verduras da mocidade, obtemperou o padre Flávio.

— Verduras, não, reverendo; loucuras é o verdadeiro nome. Se o pai da rapariga não queria dar-lhe, a dignidade, não menos que a moralidade, o obrigava a um procedimento diverso do que teve. Enfim, Deus lhe dê juízo!

— Há de dar, há de dar...

Conversavam assim os dois no dia seguinte ao do casamento de Henrique e Luísa, que era o nome da pequena.

A cena passava-se na sala de visitas da casa de

João Lima à Rua do Valongo, defronte de uma janela aberta, ambos sentados em cadeiras de braços de jacarandá, tendo de permeio uma mesa pequena com duas xícaras de café em cima.

João Lima era um homem sem cerimônias e muito fácil de criar amizade a alguém. Flávio pela sua parte era extremamente simpático. A amizade criou raízes dentro em pouco tempo.

Vilela e Flávio frequentavam a casa de João Lima, com quem moravam o filho e a nora na mais doce intimidade.

Doce intimidade é uma maneira de falar.

A intimidade durou apenas alguns meses e não foi de toda a família. Uma pessoa havia em quem o casamento de Henrique produziu desagradável impressão; foi a mãe dele.

Capítulo VII

Dona Mariana Lima era uma senhora agradável na conversa, mas única e simplesmente na conversa. O coração era esquisito; é o menos que se pode dizer. O espírito era caprichoso, voluntarioso e ambicioso. Ambicionava um casamento mais elevado para o filho. Os amores de Henrique e o seu imediato casamento foram um desastre para os planos de futuro.

Quer isto dizer que D. Mariana desde o primeiro dia começou a odiar a nora.

Escondeu-o o mais que pôde, e só pôde esconder durante os primeiros meses.

Afinal o ódio fez explosão. Foi impossível no fim de certo tempo viverem juntas.

Henrique foi morar em casa sua.

Não bastava à senhora D. Mariana odiar a nora e aborrecer o filho.

Era-lhe preciso mais.

Soube e viu a parte que teve o padre Flávio no casamento do filho, e não só o padre Flávio como de algum modo o padre Vilela.

Naturalmente criou-lhes ódio.

Não o manifestou, entretanto logo. Ela era profundamente dissimulada; tratou de disfarçar o mais que pôde. Seu fim era expeli-los de casa.

Eu disse que D. Mariana era agradável na conversa. Era-o também na fisionomia. Ninguém diria que aquele rosto amável escondia um coração de ferro. Via-se que tinha sido formosa; ela mesma falava da sua beleza passada com um resto de orgulho. A primeira vez que o padre Flávio a ouviu falar assim, teve má impressão. Notou-lhe D. Mariana e não se conteve que lhe não dissesse:

— Reprova-me?

O padre Flávio conciliou seu amor à verdade com a consideração que devia à esposa do amigo.

— Minha senhora, murmurou ele, eu não tenho direito para tanto...

— Tanto vale dizer que me reprova.

Flávio calou-se.

— Cuido, entretanto, continuou a esposa de João Lima, que não me gabo de nenhum crime; ter sido bonita não é coisa que ofenda a Deus.

— Não é, disse gravemente o padre Flávio; mas a austeridade cristã pede que não façamos caso nem tenhamos orgulho das nossas graças físicas. As próprias virtudes não nos devem ensoberbecer...

Flávio estacou. Reparou que estava presente João Lima e não quis continuar a conversa por extremo desagradável. Mas o marido de D. Mariana nadava em contentamento. Interveio na conversa.

— Continue, padre, disse ele; isso não ofende e é justo. A minha santa Eva gosta de recordar o tempo da sua beleza; já lhe tenho dito que é melhor deixar o louvor aos outros; e ainda assim fechar os ouvidos.

D. Mariana não quis ouvir o resto; retirou-se da sala.
João Lima deitou a rir.

— Assim, padre! Nunca as mãos lhe doam.

Flávio estava profundamente incomodado com o que se passara. Não queria de nenhum modo contribuir para um desaguisado de família. Demais, já percebera que a mãe de Henrique não gostava dele, mas não podia atinar com a causa. Fosse qual fosse, julgou prudente afastar-se da casa, e assim o disse ao padre Vilela.

— Não creio que tenhas razão, disse este.

— E eu creio que tenho, retorquiu o padre Flávio; em todo caso nada perdemos em afastarmos por algum tempo.

— Não, não me parece razoável, disse Vilela; que culpa tem João Lima nisto?
Como explicar a nossa ausência?

— Mas...

— Demos tempo ao tempo, e se as coisas continuarem do mesmo modo.

Flávio aceitou o alvitre do seu velho amigo.
Costumavam eles passar quase todas as tardes em casa de João Lima, onde tomavam café e onde conversavam das coisas públicas ou praticavam de assuntos pessoais. Às vezes dava-lhe João Lima para ouvir filosofia, e nessas ocasiões era o padre Flávio quem falava exclusivamente.

D. Mariana, desde a conversa que acima deixo referida, mostrara-se cada vez mais fria com os dois padres. Sobretudo com Flávio, as suas demonstrações eram mais positivas e solenes.

João Lima não reparava em nada. Era um bom homem que não podia supor houvesse alguém a quem desagradassem os seus dois amigos.

Um dia, porém, ao saírem de lá, disse Flávio a Vilela:

— Não lhe parece que o João Lima está um pouco mudado hoje?

— Não.

— Creio que sim.

Vilela abanou a cabeça, e disse rindo:

- Andas visionário, Flávio!
- Não sou visionário; percebo as coisas.
- As coisas que ninguém percebe.
- Verá.
- Quando?
- Amanhã.
- Pois verei!

No dia seguinte houve um inconveniente que os impediu de ir à casa de João

João Lima mostrou-se efetivamente frio com o padre Flávio; com o padre Vilela não alterou o seu modo. Vilela notou a diferença e deu razão ao amigo.

— Na verdade, disse ele ao saírem os dois do Valongo, onde morava João Lima, pareceu-me que o homem hoje não te tratou como de costume.

— Do mesmo modo que anteontem.

— Que haverá?

Flávio calou-se.

— Dize, insistiu Vilela.

— Que nos importa isso? Disse o padre Flávio depois de alguns instantes de silêncio. Gostou de mim algum tempo; hoje não gosta; não o censuro por isso, nem me queixo. É conveniente que nos acostumemos às variações do espírito e do coração. Pela minha parte não mudei a seu respeito; mas...

Calou-se.

— Mas? Perguntou Vilela.

— Mas não devo voltar lá.

— Ah!

— Sem dúvida. Acha bonito que frequente uma casa onde não sou bem aceito? Seria afrontar o dono da casa. — Bem; não iremos mais lá.

— Não iremos?

— Sim, não iremos.

— Mas por que razão há de Vossa Reverendíssima...

— Porque sim, disse resolutamente o padre Vilela. Onde tu não fores recebido com prazer, eu não posso decentemente meter os pés.

Flávio agradeceu mais esta prova de afeição que lhe dava o seu velho amigo; e procurou demovê-lo do propósito em que se achava; mas foi em vão; Vilela persistia na resolução anunciada.

— Bem, disse Flávio, irei lá como dantes.

- Mas essa agora...
- Não quero privá-los da sua pessoa, padre-mestre.

Vilela procurou convencer ao amigo de que não devia ir setinha escrúpulo nisso. Flávio resistiu a todas as razões. O velho padre coçou a cabeça e depois de meditar algum tempo, disse.

- Pois bem, eu irei só.
- É o melhor acordo.

Vilela mentia; sua resolução era não ir mais lá, desde que o amigo não ia; mas ocultava esse plano, pois que era impossível fazê-lo aceitar por ele.

Capítulo VIII

Decorreram três meses depois do que acabo de narrar. Nem Vilela nem Flávio voltaram à casa de João Lima; este foi uma vez à casa dos dois padres com a intenção de perguntar a Vilela porque razão deixara de o visitar. Achou-o só em casa; disse-lhe o motivo da sua visita. Vilela desculpou-se com o amigo.

- Flávio anda melancólico, disse; e eu que sou tão amigo dele, não o quero deixar só. João Lima franziu o sobrolho.
- Anda melancólico? Perguntou ele no fim de algum tempo.
- É verdade, continuou Vilela. Não sei que tem; pode ser moléstia; em todo o caso não o quero deixar só.

João Lima não insistiu e retirou-se.

Vilela ficou pensativo. Que queria dizer o ar com que o negociante lhe falara a respeito da melancolia do amigo? Interrogou as suas reminiscências; conjecturou à larga; nada concluiu nem encontrou.

- Tolices! Disse ele.

A ideia, porém não lhe saiu mais do espírito. Tratava-se do homem a quem mais amava; era razão para que o preocupasse. Dias e dias gastou em espreitar o misterioso motivo; mas nada alcançou. Zangado consigo mesmo, e preferindo a tudo a franqueza, Vilela resolveu ir diretamente a João Lima.

Era de manhã. Flávio estava a estudar no seu gabinete, quando Vilela lhe disse que ia sair.

- Deixa-me só com a minha carta?
- Que carta?
- A que me deu, a misteriosa carta de minha mãe.
- Vais abri-la?
- Hoje mesmo.

Vilela saiu.

Ao chegar à casa de João Lima ia este sair.

— Preciso falar-lhe, disse-lhe o padre. Vai sair?

— Vou.

— Tanto melhor.

— Que ar sério é este? Perguntou Lima rindo.

— O negócio é sério.

Sáíram.

Sabe o meu amigo que eu não tenho sossegado desde que desconfiei de uma coisa...

— De uma coisa!

— Sim, desde que desconfiei que o meu amigo tem alguma coisa contra o meu Flávio.

— Eu?

— O senhor.

Vilela olhou fixamente para João Lima; este baixou os olhos. Foram andando assim silenciosamente durante algum tempo. Era evidente que João Lima queria ocultar alguma coisa ao padre-mestre. O padre é que não estava disposto a que se lhe escondesse a verdade. Ao fim de um quarto de hora Vilela rompeu o silêncio.

— Vamos lá, disse ele; diga-me tudo.

— Tudo o quê?

Vilela fez um gesto de impaciência.

— Para que procura negar que há alguma coisa entre o senhor e o Flávio. É isso que eu desejo saber. Sou amigo dele e seu pai espiritual; se ele errou desejo castigá-lo; se o erro é seu, peço licença ao senhor para castigá-lo.

— Falemos de outra coisa...

— Não; falemos disto.

— Pois bem, disse João Lima com resolução; dir-lhe-ei tudo, com uma condição.

— Qual?

— É que há de ocultar tudo a ele.

— Para quê, se merecer corrigi-lo?

— Porque é necessário. Não desejo que transpire nada desta conversa; é tão vergonhoso isto!...

— Vergonhoso!

— Desgraçadamente, é vergonhosíssimo.

— É impossível! Exclamou Vilela não sem alguma indignação.

— Verá.

Seguiu-se um novo silêncio.

— Eu era amigo de Flávio e admirador das suas virtudes como dos seus talentos. Era capaz de jurar que nunca um pensamento infame lhe entraria no espírito...

— E então? Perguntou Vilela trêmulo.

— E então, repetiu João Lima com placidez; esse pensamento infame entrou-lhe no espírito. Infame seria em qualquer outro; mas em quem traz vestes sacerdotais... Não respeitar nem o seu caráter, nem o estado alheio; cerrar os olhos aos laços sagrados do matrimônio...

Vilela interrompeu a João Lima exclamando:

— Está doido!

Mas João Lima não se molestou; referiu placidamente ao padre-mestre que o seu amigo ousara desrespeitar-lhe a esposa.

— Perdão, disse João Lima, disse-me quem podia asseverar.

Vilela não era naturalmente manso; conteve-se a custo ao ouvir estas palavras do amigo. Não lhe foi difícil perceber a origem da calúnia: era a antipatia de D. Mariana. Admirou-se que descesse a tanto; no seu íntimo resolveu dizer tudo ao jovem sacerdote. Não deixou, porém de observar a João Lima:

— Isso que me diz é impossível; houve certamente equívoco, ou... Má vontade; acho que seria principalmente má vontade. Não hesito em responder por ele.

— Má vontade por quê? Perguntou João Lima.

— Não sei; mas alguma havia em que eu já repararam ainda antes do que se deu ultimamente. Quer que seja inteiramente franco?

— Peço-lhe.

— Pois bem, todos temos defeitos; sua senhora, entre boas qualidades que possui, tem alguns e graves. Não se zangue se lhe falo assim; mas é preciso dizer tudo quando se trata de defender como eu a inocência de um amigo.

João Lima não dizia palavra. Ia cabisbaixo ouvindo as palavras do padre Vilela. Ele sentia que o padre não estava longe da verdade; conhecia a mulher, sabia por onde pecava o seu espírito.

— Eu creio, disse o padre Vilela, que o casamento de seu filho influiu na desafeição de sua esposa.

— Por quê?

— Talvez não fosse muito do agrado dela, e ao Flávio se deve o bom desfecho que teve aquele negócio. Que lhe parece?

Não respondeu o interlocutor. As palavras de Vilela trouxeram-lhe à memória algumas que ouvira à mulher em desabono do padre Flávio. Era bom e fraco; arrendia-se facilmente. O

tom decisivo com que falou Vilela profundamente o abalou. Não tardou que ele mesmo dissesse:

— Não desconheço que é possível um equívoco; o espírito suscetível de Mariana podia errar, era mais natural que ela se esquecesse de que tem um resto das suas graças para só se lembrar de que é uma matrona... Perdão, falo-lhe como amigo; releve-me estas expansões em tal assunto.

Vilela dirigiu a João Lima no caminho em que entrava. No fim de uma hora estavam quase de acordo. João Lima encaminhou-se para casa acompanhado de Vilela; iam já então calados e pensativos.

Capítulo IX

Ao chegarem à porta quis Vilela retirar-se. Souberam, porém que Flávio estava em cima. Os dois olharam um para o outro, Vilela atônito, João Lima fulo de cólera.

Subiram.

Na sala estavam D. Mariana e o padre Flávio; ambos de pé, em frente um do outro, Mariana com as mãos de Flávio entre as suas.

Os dois estacaram à porta.

Seguiu-se um longo e profundo silêncio.

— Meu filho! Meu amigo! Exclamou Vilela dando um passo para o grupo.

D. Mariana tinha soltado as mãos do jovem sacerdote e deixara-se cair numa cadeira; Flávio tinha os olhos baixos.

João Lima adiantou-se calado. Parou em frente de Flávio e encarou-o friamente. O padre ergueu os olhos; havia neles uma grande dignidade.

— Senhor, disse Lima.

D. Mariana levantou-se da cadeira e atirou-se aos pés do esposo.

— Perdão! Exclamou ela.

João Lima empurrou-a com um braço.

— Perdão; é meu filho!

Eu deixo ao leitor imaginar a impressão deste lance de quinto ato de melodrama. João Lima esteve cerca de dez minutos sem poder articular palavra. Vilela olhava espantado para todos.

Enfim rompeu a palavra o negociante. Era natural pedir uma explicação; pediu-a; foi-lhe dada. João Lima exprimiu toda a sua cólera contra Mariana.

Flávio lastimara do fundo d'alma a fatalidade que o levou a produzir aquela situação. No delírio de conhecer sua mãe, não se lembrara de mais nada; apenas leu a carta que lhe fora entregue pelo padre Vilela, correrá à casa de D. Mariana. Ali tudo se explicara; Flávio preparava-se para sair e não voltar ali mais se fosse preciso, e em todo caso não divulgar o segredo nem ao padre Vilela, quando este e João Lima os surpreenderam.

Tudo estava perdido.

D. Mariana recolheu-se ao Convento da Ajuda onde faleceu no tempo da guerra de Rosas. O padre Flávio obteve uma vigaria no interior de Minas, onde veio a falecer de tristeza e saudade. Vilela quis acompanhá-lo, mas o jovem amigo não o consentiu.

— De tudo o que me poderias pedir, disse Vilela, é isso o que mais me dói.

— Paciência! Respondeu Flávio; eu preciso da solidão.

— Tê-la-ás?

— Sim; preciso da solidão para meditar nas consequências que o erro de um pode trazer a muitas existências.

Tal é a moralidade desta triste história

Lara.